

CRISTIAN MANEIRO

**FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL NO URUGUAI (2010-2013):
RESSURGIMENTO, CONSOLIDAÇÃO E RUPTURAS**

**CURITIBA
2015**

CRISTIAN MANEIRO

FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL NO URUGUAI (2010-2013):

RESSURGIMENTO, CONSOLIDAÇÃO E RUPTURAS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas. Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, após argüir o(a) candidato(a) **Cristian Damian Maneiro**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado "FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL NO URUGUAI (2010-2013): RESSURGIMENTO, CONSOLIDAÇÃO E RUPTURAS" é de parecer favorável à *APROVAÇÃO* do(a) acadêmico(a), habilitando-o(a) ao título de *Mestre* em Sociologia, linha de pesquisa linha de pesquisa "Cultura e Sociabilidades" da área de concentração em SOCIOLOGIA. Curitiba, 13 de março de 2015.


Prof.ª Dr.ª Simone Meucci


Prof. Dr. Francisco Xavier Freire Rodrigues


Prof. Dr. Wanderley Marchi Junior
Orientador e presidente da banca examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar meus pais e irmão pelo afeto e apoio incondicional durante toda esta importante etapa da minha vida, tanto num nível acadêmico como também de desenvolvimento pessoal.

A meu orientador do mestrado, professor Dr. Wanderley Marchi Jr., pelo apoio, involucramento e atenta leitura da dissertação dispensada durante cada uma das instâncias de reuniões e desenvolvimento da pesquisa.

Ao grupo de pesquisa em esporte lazer e sociedade da UFPR: Ana, Bárbara, Leila, Juliano, Marcelo, Mateus, Taiza, Gilmar, Fernando, Ricardo, Flavia e Kelwin por suas contribuições, comentários e apontamentos durante os passados anos.

Aos professores Rafael Bayce e Miguel Serna da Facultad de Ciencias Sociales-UdelaR, pelas cartas de recomendação que me permitiram em 2012 concorrer a uma vaga e finalmente obter a bolsa para estudar no Brasil em 2013.

Ao CNPQ, à UFPR, à secretaria e pró-reitoria de pós-graduação em Sociologia por me orientar e auxiliar em todo o referente à minha estadia em Curitiba e desenvolvimento do mestrado.

RESUMO

Ao longo das últimas décadas do Século XX, o futebol tem se tornado um fenômeno cultural global que transcende o aspecto esportivo, ligando-se com outras áreas da vida social, mobilizando interesses econômicos, políticos e midiáticos, bem como despertando o interesse acadêmico no seu estudo. Uma das questões mais abordadas academicamente diz respeito à importância simbólica do futebol para promover e reforçar sentimentos de pertença e de união entre os membros de uma nação. Nesta perspectiva, a dissertação analisa o caso do Uruguai, onde o futebol tem historicamente se estabelecido como um elemento central para expressar a identidade nacional. O objetivo geral da dissertação é, portanto, analisar as possibilidades de expressão e reprodução da identidade nacional uruguaia, através da contribuição específica dos elementos mobilizados pela imprensa esportiva uruguaia e pelos organismos reguladores (FIFA e CONMEBOL), sobre o desempenho da seleção uruguaia de futebol entre os anos de 2010 e 2013. Para tal, os objetivos específicos concentraram-se em: a) contextualizar historicamente a importância do futebol na expressão e reprodução das autoimagens identitárias uruguaias; b) descrever os discursos transmitidos pela imprensa esportiva uruguaia e os organismos reguladores sobre o desempenho da seleção uruguaia no período 2010-2013, apontando as possíveis continuidades e rupturas em relação às representações coletivas tradicionais; e c) identificar os processos de construção discursiva de heróis esportivos neste período. Para atingir estes objetivos, desenvolveu-se um quadro teórico baseado em três conceitos-chaves: Identidade Nacional, Representações Coletivas e Construção midiática de heróis esportivos. Adotou-se uma metodologia de corte qualitativo, tendo como principal técnica de pesquisa empregada a análise de conteúdo e tomando como fontes as matérias da imprensa nacional e os organismos reguladores dentro do período de estudo. A dissertação identifica nos discursos internos e externos do período analisado, instâncias de ressurgimento, consolidação e rupturas nas quais se mobilizam aspectos identitários. Também foi possível perceber os mecanismos de construção dos heróis esportivos e as instâncias de vilanização desses heróis. Conclui-se apontando quais são e como foram atualizadas as representações coletivas tradicionais, quais delas perderam centralidade e quais elementos identitários aparecem como inéditos na autoimagem nacional, sendo específicos do período de estudo.

Palavras-Chave: Identidade Nacional, Representações Coletivas, Mito do Herói Futebol, Uruguai.

ABSTRACT

Over the past decades of the twentieth century, football has become a global cultural phenomenon that transcends its sportive characteristics, connecting with other areas of social life, mobilizing economic, political and media interest, as well as raising academic approaches. In this regard, one of the most discussed aspects concerns the symbolic importance of football to promote and reinforce feelings of belonging and unity among the members of a nation. Within this view, the dissertation analyzes the case of Uruguay. Being a country where football has historically been established as a central element for expressing national identity. The general objective of the dissertation is to analyze the possibilities of expression and reproduction of Uruguayan national identity through the specific contribution of the elements mobilized by Uruguayan sports press and governing bodies (FIFA and CONMEBOL) on the performance of the Uruguayan national football team between the years 2010-2013, being specific objectives a) historically situate the importance of football for the expression and reproduction of Uruguayan identity. b) Describe the discourses passed by Uruguayan sports press and governing bodies on the performance of the Uruguayan national team between 2010-2013, pointing out possible lines of continuities and ruptures with traditional collective representations and c) Identify the discursive construction processes of sports heroes during this period. To achieve these objectives it is developed a theoretical framework based on three key concepts: National Identity, Collective Representations and media construction of sports heroes, while it is adopted a qualitative methodology being content analysis the main technique used and taking as data sources the pieces of news from national press and governing bodies within the period of study. The dissertation identifies within internal and external discourses instances of resurgence, consolidation and ruptures in which identity aspects are mobilized, identifying also the mechanisms of discursive construction of sports heroes and instances of vilification of these heroes. The work concludes pointing out which and how traditional collective representations have been updated, which have been abandoned and which specific identity elements appear as novelties in the national self-image for the period studied.

Keywords: National Identity, Collective Representations, Sport Heroes, Football, Uruguay.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 Garra Charrua Descripción Gráfica.....	90
IMAGEM 2 Garra Charrua- Liverpool.....	98
IMAGEM 3: Es Argentino.....	102
IMAGEM 4: Gardel es Nuestro.....	102
IMAGEM 5: Uruguayazo.....	105
IMAGEM 6: Barrio Uruguay.....	107
IMAGEM 7: Capa Ovacion 12/11/11.....	111
IMAGEM 8 : Capa Ovacion 27/03/13.....	112
IMAGEM 9: Razones para creer 1950-2014.....	116
IMAGEM 10: Estirpe.....	126
IMAGEM 11: Diego Lugano.....	127
IMAGEM 12: God save the King.....	133
IMAGEM 13: Suarez-Artigas	134
IMAGEM 14: Maestro Tabarez.....	136
IMAGEM 15: Capa el Bocón.....	139

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Datas dos Jogos Analisados.....	19
QUADRO 2: Documentos Analisados segundo Fonte e Evento	21
QUADRO 3: Códigos e Sub-codigos utilizados.....	23
QUADRO 4: Integrantes da Seleção mais mencionados.....	119

LISTA DE SIGLAS

AUF: Asociación Uruguaya de Futbol

CBF: Confederação Brasileira de Futebol

CONMEBOL: Confederación Sudamericana de Fútbol

CM2010: Copa do Mundo Sul-Africa 2010

CA2011: Copa América Argentina 2011

EL2014: Eliminatórias Copa do Mundo Brasil 2014

FCS: Facultad de Ciencias Sociales

FIFA: Federation Internationale Football Association

INE: Instituto Nacional de Estadística

PNUD: Programa de Nações Unidas Para o Desenvolvimento

OIT: Organização Internacional do Trabalho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL: PERSPECTIVAS TEÓRICAS	24
2.1 IDENTIDADE NACIONAL.....	24
2.2 REPRESENTAÇÕES COLETIVAS	43
2.3 OS HERÓIS ESPORTIVOS ATRAVÉS DA MÍDIA	49
3 TRAÇOS CULTURAIS E INSTITUCIONAIS DO URUGUAI: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO	61
3.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL NO URUGUAI	71
3.1.1 Primeiros anos de sucesso: a “Viveza Criolla”	72
3.1.2 O Maracanaço, a “Garra Charrúa” e Obdulio	76
3.1.3 O ostracismo e a fama de “time catimbado”	83
4 RESSURGIMENTO: CONSOLIDAÇÃO E RUPTURAS	87
4.1 RESSURGIMENTO: COPA DO MUNDO ÁFRICA DO SUL, 2010	88
4.2 CONSOLIDAÇÃO: COPA AMÉRICA ARGENTINA 2011	99
4.3 RUPTURAS: ELIMINATÓRIAS COPA DO MUNDO BRASIL 2014	109
4.4 OS “HERÓIS” CELESTES.....	118
4.4.1 Diego Forlán: Modelo de comportamento	119
4.4.2 Diego Lugano: A liderança herdada	123
4.4.3 Luis Suárez: A superação das provas	129
4.4.4 Oscar Tabárez: O equilíbrio do “maestro”	135
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
6 REFERÊNCIAS	146

1 INTRODUÇÃO

Desde o começo de sua prática moderna na Inglaterra e, especialmente, a partir de uma bem sucedida propagação a diferentes partes do mundo, o futebol tem se consolidado como uma das práticas esportivas mais importantes em termos de aderência popular. Com a criação da Federation Internationale Football Association (FIFA) em 1904 – e posteriormente as confederações nos diferentes continentes, como a Confederación Sudamericana de Futebol (CONMEBOL) em 1916 –, tem início um processo de crescente institucionalização deste esporte a nível global. O futebol foi primeiramente integrado nos Jogos Olímpicos e apenas alguns anos depois houve a formalização de campeonatos mundiais exclusivos desta modalidade a cada quatro anos, evento que começou em 1930 e só seria interrompido entre 1938 e 1950 por causa da Segunda Guerra Mundial.

Nas últimas décadas, dentro do esporte em geral, e no futebol em particular, tiveram lugar processos de profissionalização, comercialização e espetacularização, os quais se apresentam como uma tendência irreversível (MARCHI JR. & AFONSO, 2007). Esses fenômenos, mesmo sendo distinguíveis analiticamente, operam em conjunto, potencializando uns aos outros, formando as características principais do futebol moderno.

Como resultado desses processos, o futebol se tornou um fenômeno cultural global que transcende o aspecto esportivo, deixando de ser apenas de interesse para os praticantes profissionais e amadores, para se ligar também a outras áreas da vida em sociedade, mobilizando interesses econômicos, políticos e da mídia, bem como despertando o interesse acadêmico no seu estudo (RIBEIRO, 2007).

Um dos aspectos mais comumente abordados no meio acadêmico diz respeito à importância simbólica deste esporte para promover e reforçar sentimentos de pertença e de união entre os membros de uma nação.

Em nosso contexto latino-americano, estes fenômenos de expressão e reprodução de identidades nacionais através do futebol são claramente visíveis e têm sido estudados em abundância por diferentes países (DA MATTA, 1982; ALABARCES, RODRIGUEZ, 1998; VILLENA, 2000).

Colocando-nos nesta linha de produção acadêmica, interessa-nos, neste trabalho, analisar o caso do Uruguai, partindo do pressuposto – a ser desenvolvido

ao longo do trabalho – de que o futebol uruguaio tem historicamente se estabelecido como um elemento central para pensar a identidade nacional daquele país.

Os precoces sucessos mundiais no início do Século XX ajudaram a forjar uma épica nacionalista, que explica estes resultados positivos com base em algumas características distintivas do futebol nacional e própria do *ethos* (ELIAS, 1997) historicamente construído dos uruguaios. Estas narrativas épicas se revelaram resistentes ao passar do tempo, mantendo uma centralidade importante na autoimagem nacional, o que nos permite pensá-las como representações coletivas duráveis (DURKHEIM, 2008). No entanto, na segunda metade do século, por causa de longas décadas de opacidade futebolística, essas performances deixaram de ser uma fonte de orgulho nacional dos uruguaios, para se tornarem memórias latentes de um passado de sucesso frente a um presente desanimador em termos esportivos.

Porém, nos últimos três anos, a partir de alguns sucessos em torneios esportivos internacionais, começam a se gerar discursos de “renascimento” do futebol uruguaio, atualizando-se as autoimagens geradas no passado. Estas narrativas de “renascimento” são veiculadas e se expressam através da mídia, tanto nacional como internacional, e, especialmente, através dos organismos reguladores como FIFA e CONMEBOL, em um processo constante de interação que atualiza a identidade nacional a cada momento.

Podemos apontar este período como marcado por constantes altos e baixos no desempenho da seleção nacional. Nesse sentido, a passada Copa do Mundo da África do Sul 2010 (de aqui em mais CM2010) teve características especiais para o povo uruguaio. A presença no máximo evento futebolístico após oito anos de ausência, bem como os bons resultados obtidos, chegando às semifinais após quarenta anos, geraram uma identificação coletiva com a seleção, mobilizando a população nacional como poucas vezes nos últimos anos. Apenas um ano mais tarde, tal seleção venceu a Copa América Argentina 2011 (de aqui em mais CA2011). Este torneio não era conquistado desde 1995 e foi a 15ª consagração, transformando o time uruguaio no maior vencedor desta competição.

Porém, menos de um ano depois da CA2011, e após um começo positivo nas primeiras rodadas das Eliminatórias para a Copa do Mundo Brasil 2014 (de aqui em mais EL2014), o rendimento esportivo da seleção decaiu notavelmente: perderam-

se uma sequência importante de jogos por placares elevados, tornando incerta a possibilidade de qualificar, chegando a ficar na sétima colocação¹ e com diferença de gols muito desfavorável. Nos últimos jogos, contudo, obtiveram-se vitórias importantes e o Uruguai acabou as eliminatórias em quinto lugar, brigando por uma vaga na copa do mundo contra a Jordânia na repescagem – vaga esta que foi conquistada finalmente no último jogo em Montevidéu no dia 20 de novembro de 2013.

Como todo acontecimento esportivo nesta época moderna, estes momentos foram amplamente cobertos pela imprensa esportiva nacional e internacional. Nesse sentido, a dissertação plantea a seguinte pergunta norteadora: Quais são e como são mobilizados os elementos da identidade nacional uruguaia, apontados pela imprensa esportiva do país e pelos organismos reguladores, para representar a seleção de futebol do Uruguai nos recentes eventos futebolísticos globais (CM2010; CA2011; EL2014)?

A partir desta pergunta central, podemos pensar perguntas específicas relativas ao modo como velhas representações coletivas tradicionais são atualizadas nestes eventos recentes, e como são construídos discursivamente os “heróis” da seleção nesse período.

Com base nestas perguntas, colocamos o nosso objetivo geral da seguinte forma: analisar as possibilidades de expressão e reprodução da identidade nacional uruguaia, através da contribuição específica dos elementos identitários mobilizados pela imprensa esportiva uruguaia e pelos organismos reguladores, sobre o desempenho da seleção uruguaia de futebol entre os anos 2010-2013.

Podemos estabelecer, também, uma série de objetivos específicos que irão contribuir para atingir o objetivo geral.

- a) Contextualizar historicamente a importância do futebol na expressão e reprodução das autoimagens identitárias uruguaias.
- b) Descrever os discursos transmitidos pela imprensa esportiva uruguaia e pelos organismos reguladores sobre o desempenho da seleção uruguaia no período 2010-2013, apontando as possíveis continuidades e rupturas

¹ O sistema das eliminatórias na América do Sul indica que classificam diretamente os 4 primeiros colocados, enquanto o 5º vai à repescagem contra o 5º colocado na Ásia.

em relação às representações coletivas tradicionais sobre futebol uruguaio.

- c) Identificar os processos de construção discursiva de heróis esportivos neste período.

Revendo a história da concepção deste projeto, procura-se justificá-lo em termos pessoais, sociais e acadêmicos.

O projeto nasceu primeiramente a partir de um interesse pessoal. Enquanto os estudos sobre esporte e sociedade sempre me tiveram como leitor interessado, a preocupação por produzir academicamente nesta linha não foi resultado de uma acumulação anterior, pois não possuía antecedentes no campo da sociologia do esporte². Poder-se-ia dizer que tal interesse surgiu espontaneamente como uma inquietação por estudar um fenômeno do meu contexto social que achava interessante e possível de ser pensado com a Sociologia. Sendo minha nacionalidade e residência uruguaias e tendo desde sempre gosto pelo futebol como torcedor, foi a partir da experiência subjetiva de viver toda a agitação social que gerou a CM2010 e a CA2011 na população nacional que comecei a desenvolver, de modo inconsciente no início, uma espécie de *imaginação sociológica* (WRIGHT MILLS, 1965), pela qual fiz o esforço de pensar sobre o possível significado desses eventos a partir de uma perspectiva acadêmica, percebendo os tons nacionalistas dos discursos que foram transmitidos através dos meios de comunicação, o vínculo que se estabelece entre esses sucessos esportivos com velhos mitos e representações instaladas no *senso comum* uruguaio, bem como a exploração que se procurou realizar por diferentes atores políticos e comerciais.

Desenvolver a *imaginação sociológica* implica relacionar a cada instante os fatos da nossa vida pessoal com as mudanças estruturais do mundo que nos rodeia e integrar esta relação em nossa atividade de pesquisa. Esta concepção visa o fazer sociológico como um artesanato, um processo no qual se parte de interrogativas iniciais e se desenvolve pacientemente, até chegar à concepção de

² Minha monografia de graduação e experiências posteriores de pesquisa estiveram ligadas a subculturas juvenis e sociologia política, enquanto a minha experiência profissional foi principalmente sobre monitoramento e avaliação de políticas públicas e programas sociais.

um problema de pesquisa (WRIGHT MILLS, 1965). Assim comecei o processo de coletar material bibliográfico, que abordava essas questões de interesse para outros contextos e a tentar escrever um projeto de pesquisa.

Em 2012, já com a versão inicial do projeto escrito e apresentado para concorrer a uma vaga no mestrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), os resultados esportivos da seleção começaram a ser desfavoráveis. Achei interessante ver as explicações que foram dadas para isso e como apareceram severas críticas aos mesmos esportistas, que só um ano antes tinham sido colocados como heróis. Considerei, então, razoável estender o período de análise para assim também aproveitar este momento de crise esportiva e analisar as construções discursivas sobre ele.

Através dessas aproximações sucessivas, consolidou-se o tema, as perguntas e os objetivos da presente dissertação. Porém, para justificar a realização de uma pesquisa científica não é suficiente o interesse pessoal. Segundo os termos de Castro (1978), fundamentamos o projeto em termos de originalidade e importância acadêmica e social.

Considera-se que o trabalho é original, na medida em que aborda um problema de pesquisa sobre o qual ainda se tem pouca produção, sob um olhar acadêmico.

Contudo, a construção do problema de pesquisa e as teorias propostas para sua análise reconhecem antecedentes históricos num nível regional, por exemplo, para o caso da Costa Rica (VILLENNA, 2000) e da Argentina (ARCHETTI 1995; ALABARCES e RODRIGUEZ, 1998). Há também trabalhos de referência no Brasil sobre identidade nacional e esporte (DA MATTA, 1982; GUEDES, 1998; DAMO, 1998), e mais especificamente sobre o lugar da imprensa e da literatura na construção social de eventos esportivos (SOARES 2003; CAPRARO, 2007). A produção uruguaia sobre esporte nas ciências sociais tem sido reiteradamente qualificada como insuficiente, ocupando uma posição relegada em consideração aos países vizinhos – avaliação compartilhada tanto por acadêmicos uruguaios como estrangeiros (ALABARCES, 2011). Porém existem alguns trabalhos recentes na antropologia e na história sobre os primeiros anos do futebol uruguaio, a geração de narrativas ao redor deste e as inter-relações com o poder político (BAYCE, 2003; OSABA, 2012; MORALES, 2013).

Embora a dissertação se apoie nesta produção existente, entendemos que os resultados terão sua contribuição específica e distintiva, no que diz respeito à análise dos últimos anos das participações da seleção uruguaia de futebol em torneios globais, assim como às fontes utilizadas. O critério de originalidade se satisfaz, então, por se tratar de um objeto de investigação com certo teor de ineditismo, mas ao mesmo tempo apoiado por fundamentos teóricos e antecedentes diretos num nível nacional, regional e internacional sobre as inter-relações recíprocas entre futebol e identidade nacional.

No que diz respeito à importância do futebol no contexto social uruguaio, distintos discursos, principalmente políticos, apontam que, pelo nível de aderência popular do esporte no país, este deveria ser usado como um elemento da integração social, através de políticas públicas que estimulem a educação e socialização através do esporte, um estilo de vida saudável e a erradicação da violência em distintos âmbitos³. Esta importância social se entende, considerando que o futebol consolidou-se historicamente como elemento identitário no Uruguai, sendo o esporte mais popular desde o início da sua prática no país até hoje e o único em que se tem atingido resultados expressivos nas competências globais.

Podemos dizer com Durkheim (2008) que, por meio da identificação coletiva com a equipe nacional, os habitantes desse país se reconhecem em algo além de si mesmos, depositam sua autoestima e fazem catarses coletivas através dos sucessos e frustrações esportivas.

Um país territorial e demograficamente pequeno⁴, e sem uma grande influência nos processos comerciais e políticos a nível mundial, tem encontrado historicamente uma possível e bem sucedida forma de reconhecimento global através de sua seleção nacional de futebol. Já no início do Século XX, as conquistas futebolísticas foram uma forma privilegiada de dar visibilidade ao país, colocando o Uruguai no mapa mundial. Nesta época globalizada, esse potencial se reforça, com as consequências que esse fato pode trazer em termos de promoção turística e investimentos comerciais (consequências explicitamente aceitas e

³ Ver palavras do técnico Tabárez após ser distinguido pelo governo uruguaio: Disponível em: <<http://espndeportes.espn.go.com/news/story?id=1344695&s=futbol/copa-américa&type=story>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

⁴ Uruguai tem um tamanho de 176.215 km² e segundo o ultimo censo demográfico do ano 2011 a população e de 3.286.314 habitantes (www.ine.gub.uy). Acesso em: 25 mai. 2014.

exploradas pelos governantes e pessoas ligadas à área econômica)⁵. Nesse sentido, acreditamos que empreender a análise das representações coletivas sobre o futebol uruguaio, pode ser uma aproximação à autoimagem nacional historicamente construída e à utilização deste esporte como elemento de integração social e fonte de identidade.

Por sua vez, em um nível acadêmico, acreditamos que a relevância desta pesquisa reside na sua capacidade de lidar com diferentes problemas e debates de longa data nas ciências sociais: o potencial de determinados eventos para gerar identidades e representações coletivas duráveis, bem como o papel dos meios de comunicação de massa nesse processo.

A dissertação surge, então, a partir de uma experiência subjetiva que gera um interesse pessoal de estudo. Para desenvolver deste interesse primário um problema de pesquisa, é necessário um processo de ruptura epistemológica que permita pensá-lo em termos científicos.

Pelo fato de compartilhar nacionalidade, linguagem e história, podemos ser prisioneiros das representações, preconceitos e codificações feitas pelo jornalismo, literatura e outros discursos não científicos. Desses discursos que têm se estabelecido como *senso comum*, devemos nos distanciar para fazer uma primeira ruptura epistemológica (SANTOS, 2003) para, assim, poder formular o problema em termos científicos, vinculá-lo às teorias existentes e formulá-lo como um problema de pesquisa com objetivos a atingir, perguntas a serem respondidas e eventualmente hipóteses a serem testadas.

Uma vez que este processo é feito e a pesquisa é conseqüentemente desenvolvida, é necessário fazer uma segunda ruptura epistemológica (SANTOS, 2003) para integrar o produto final no acervo de senso comum. Somente desta forma é que o produto final pode ser integrado no meio social de referência e evitar o seu frequente e improdutivo isolamento acadêmico. A esta tendência ao isolamento também faz referência Mills, quando denuncia que entre os cientistas sociais parece predominar um *jargão bombástico e palavroso* (WHRIGHT MILLS, 1965), que acaba limitando o seu potencial público alvo e impossibilitando a incidência pública de suas pesquisas.

⁵ Ver as declarações do ministro de turismo no lançamento da campanha "Uruguay Natural" com Diego Forlán. Disponível em: <http://www.montevideo.com.uy/notnoticias_123900_1.html>. Acesso em: 28 nov. 2013.

Esta segunda ruptura, então, não implica voltar ao estado anterior à primeira ruptura (se assim fosse, não teria nenhum sentido fazer ruptura epistemológica nenhuma), mas ir ao encontro da ciência e do senso comum transformados. O resultado é um senso comum iluminado e uma ciência “prudente” (SANTOS, 2003).

A nossa intenção, nesse sentido, é reivindicar a utilidade das ciências sociais para entender estes fenômenos de expressão da identidade nacional e fornecer outro discurso e interpretação sobre eles, que complementem a hegemonia dos discursos jornalísticos, literários e políticos. Para atingir isso, é necessário fazer o esforço de completar as duas rupturas epistemológicas apontadas.

Ao momento de escolher uma metodologia, acreditamos que não há paradigmas nem técnicas de coleta de informações superiores a outros, sendo as peculiaridades do objeto de pesquisa e os objetivos propostos os que indicam a melhor escolha metodológica possível (FLICK, 2004).

Partindo dessa base, para esta pesquisa empregamos uma metodologia qualitativa, já que esta perspectiva tem o potencial de olhar, em profundidade, o processo de construção de sentido pelos atores imersos em contextos específicos de referência. Ao contrário da abordagem quantitativa, não busca a validação estatística, mas o esforço está na compreensão interpretativa das ações e discursos. Segundo Deslauries e Kerisit (2008), a pesquisa qualitativa é especialmente recomendada quando não se sabe muito apriori sobre o objeto, e quando não podem se fazer “experimentos sociais”, aspectos que se encontram presentes nesta dissertação.

A orientação metodológica geral da análise está dada pelo enfoque de Teoria Fundamentada proposta por Glasser e Strauss (1967). Nesta abordagem, procura-se gerar uma teoria emergente, mediante a codificação dos dados coletados, a integração destes códigos em categorias com suas propriedades e as análises das relações entre elas. A abordagem propõe descobrir conceitos e relações nos dados brutos e, em seguida, organizá-los em um esquema teórico coerente. Embora assumamos que nenhuma pesquisa começa como *tabula rasa*, mas tem um quadro teórico construído *a priori*, os conceitos são refinados durante o trabalho de campo, indicando uma constante “ida e volta” entre o campo e a

teoria. A coleta de dados, a análise e a teoria estão intimamente relacionadas (GLASSER e STRAUSS, 1967; DESLAURIES e KERISIT, 2008).

No que diz respeito às técnicas de coleta e análise de dados, utilizou-se principalmente a técnica de análise de conteúdo, como delineada por Bardin (1996). Segundo a mesma, através da definição por parte do pesquisador de um contexto particular, procura-se identificar as dimensões relevantes que emergem da revisão sistemática dos textos e inferir daí o meta-texto implícito. Trata-se de um conjunto de técnicas de análises de comunicações que tendem a formular e obter indicadores (quantitativos ou qualitativos), por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, permitindo assim a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens.

A análise de conteúdo é um processo sequencial que compreende três fases: uma *pré-análise*, em que é feita a seleção dos documentos, formação do corpus a analisar e uma primeira elaboração de hipóteses e indicadores; a *exploração do material*, quando se realiza a codificação e categorização, assim como a contagem de frequências e presença/ausência; e finalmente a *inferência e interpretação* dos resultados com base em um modelo teórico de trabalho (BARDIN, 1996).

Essa escolha metodológica, especialmente em sua versão quantitativa da análise de frequências, recebeu críticas no que diz respeito a uma suposta falta de problematização da linguagem e a uma ilusória posição do pesquisador como “detetive sábio” (ROCHA e DEUSDARÁ, 2005), que desvendaria a realidade oculta por trás dos discursos superficiais, sem conseguir perceber que o mesmo pesquisador desempenha o seu papel na construção desses discursos. A própria ideia de inferência é questionada, pois não haveria realmente motivos para acreditar que há nada oculto por trás dos discursos.

Estas críticas levaram a uma crescente preferência para a metodologia de análise crítica do discurso ou ACD (DIJK, 1992), a qual supriria essas deficiências, discutindo o papel que cabe ao próprio pesquisador na construção dos discursos sobre um assunto. O ACD teria, aliás, um conteúdo político pretensamente contra-hegemônico. Trata-se de um intento de trabalhar tecnicamente sobre heranças teóricas herdeiras do marxismo, do estruturalismo e da psicanálise (ROCHA e

DEUSDARA, 2005).

Embora tais críticas sejam dignas de consideração, entendemos que no momento de operacionalizar as formas de codificação, categorização e análise de textos, ambas as técnicas de pesquisa não diferem muito. Aliás, existem trabalhos que dizem combina-lás, de modo que não seriam perspectivas mutuamente excludentes (MIRANDA e PIRES, 2012). Tendo as precauções epistemológicas necessárias, para saber em que contexto de significado estamos trabalhando, e integrando à análise algumas das considerações do ACD, podemos razoavelmente superar as fraquezas apontadas e trabalhar com a análise de conteúdo.

Quanto à seleção de casos, o período a ser analisado compreende 41 meses, nos quais ocorreram os eventos a serem estudados e foram publicadas as matérias jornalísticas acerca deles. Desde junho de 2010 (primeiro jogo de Uruguai na CM2010) até novembro de 2013 (último jogo EL2014). Trata-se, portanto, de um período extenso para fazer um seguimento diário, o que tornaria o projeto inviável com os recursos disponíveis. Sendo assim, a ênfase vai ser colocada nos eventos específicos (CM2010, CA2011, EL2014), considerando a totalidade das matérias publicadas em cada um dos dias de jogo, no dia anterior e no dia imediatamente posterior, cobrindo as impressões prévias e as repercussões imediatas dos jogos.

No conjunto dos três eventos, contamos com 31 jogos cujas datas se detalham no quadro a seguir. Considerando o dia anterior e posterior a cada jogo, obtivemos 93 datas, nas quais foram analisadas as matérias. Estas seriam as nossas *unidades de registro* (BARDIN, 1996) sobre as quais irá se desenvolver a análise.

QUADRO 1: Datas dos Jogos Analisados. Fonte: Elaborado pelo autor.

Datas dos Jogos							
CM 2010	11/06/2010	16/06/2010	22/06/2010	26/06/2010	02/07/2010	06/07/2010	10/07/2010
CA 2011	04/07/2011	08/07/2011	12/07/2011	16/07/2011	19/07/2011	24/07/2011	
EL 2014	07/10/2011	11/10/2011	11/11/2011	02/06/2012	10/06/2012	07/09/2012	11/09/2012
	12/10/2012	16/10/2012	22/03/2013	26/03/2013	11/06/2013	06/09/2013	10/09/2013
	11/10/2013	15/10/2013	13/11/2013	20/11/2013			

A seleção de fontes para o caso da mídia nacional foi feita levando-se em conta a importância quantitativa das mesmas, tanto em termos de vendas para as publicações impressas, quanto em termos de visitas para as versões digitais, sob o pressuposto de que o nível de penetração de uma mídia específica é o principal indicador para estabelecer as fontes que tem mais influência na expressão e reprodução de representações coletivas nacionais.

Nesse sentido, para o caso da imprensa uruguaia, o caderno esportivo *Ovacion* do jornal *El País*, na sua versão *online*⁶, constitui a principal fonte à que se deu seguimento. O jornal *El País* já é, há um bom tempo, o periódico mais lido no Uruguai de acordo com diferentes fontes⁷. Fundado em Setembro de 1918, trata-se do jornal mais antigo dentre os ainda existentes de circulação nacional. Embora compartilhe o nome e tenha ocasionalmente serviços exclusivos para o *El País* de Madrid, o jornal uruguaio não faz parte do mesmo grupo de órgãos de imprensa globais. Muito pelo contrário, apresenta desde suas origens uma marcada ideologia nacionalista⁸, de filiação política explícita ao Partido Nacional, ao qual pertenciam os três sócios fundadores. Tanto o jornal como especificamente o caderno esportivo *Ovación* são líderes em acessos *web*, segundo os principais *sites* de medições de

⁶ O conteúdo online é exatamente o mesmo da versão impressa, não havendo conteúdos exclusivos para nenhuma modalidade. O histórico completo é de acesso gratuito desde o ano 2002.

⁷ Embora os dados de circulação não sejam públicos, diferentes estudos específicos coincidem em apontar a *El País*, tanto na versão impressa como digital, como o jornal mais lido por uma ampla vantagem. Ver: <<http://www.comunicacion.edu.uy/sites/default/files/OSF-Media-Report-Uruguay-SP.pdf> 2003-2010> ou <<http://www.subrayado.com.uy/Resources/Uploads/RelatedFiles/Docs/Lectoria.pdf> Julio 2011>. Acesso em: 02 out. 2014.

⁸ Em um artigo referente ao aniversário de sua fundação, pode-se ler: “*Cuando los doctores Leonel Aguirre, Washington Beltrán y Eduardo Rodríguez Larreta concretaron el proyecto de fundar EL PAIS, su principal inquietud fue trazer los grandes lineamientos de un naciente órgano de prensa, que fuera combativo, partidista y patriótico*”. Disponível em: <<http://servicios.elpais.com.uy/paginas/columnistas/trayectoria.asp>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

trafico⁹.

Também foram revisadas e incorporadas matérias de outras fontes *online*, assim como publicações especiais alusivas aos eventos, tanto do próprio caderno esportivo *Ovacion* quanto de outros jornais (Revista El Gráfico, Revista Conmebol, Jornal EL Observador), na medida em que foram consideradas qualitativamente relevantes para aprofundar em alguma categoria de análise, que resultou sub-explorada com a fonte principal. Esta incorporação segue o procedimento chamado da “mostra teórica” na linguagem da teoria fundamentada, que implica que o próprio recolhimento e análise preliminar dos dados indicam as categorias emergentes e tipologias que podem se formar, para assim continuar selecionando mais casos na procura de gerar a teoria emergente. A teoria, e o que queremos fazer com ela, indica quais casos analisar de acordo com a utilidade esperada que cada um deles tem para a teoria. Continua-se com a integração de novos casos até atingir a “saturação teórica” em cada categoria, ou seja, quando a integração de um novo caso não contribui com mais nada em termos da teoria que procuramos desenvolver (GLASSER e STRAUSS, 1967).

Por sua vez, a análise das matérias dos organismos reguladores internacionais, FIFA e CONMEBOL, foram consideradas importantes porque, além de terem peso quantitativo por apresentar um grande número de visitantes de diversas partes do mundo, entendemos que representam a “visão oficial” dentre as imagens externas sobre os eventos, permitindo que nos aproximemos para avaliar o efetivo grau de “influência” externa das autoimagens geradas pela mídia uruguaia. De acordo com o quadro teórico proposto, as coincidências e discrepâncias encontradas entre as autoimagens e as imagens externas nos informam sobre a construção processual da identidade nacional através do futebol. Com o mesmo esquema utilizado para a imprensa nacional, foram acessados os respectivos *sites* dos organismos reguladores (www.es.fifa.com e www.conmebol.com), nos quais foram coletadas todas as matérias relacionadas à seleção uruguaia, nas datas correspondentes aos jogos nos três eventos de estudo, assim com as publicações especiais sobre os mesmos.

É importante apontar que as informações contidas nestas fontes primárias serão tratadas em sua língua original (espanhol), por entender que só dessa forma

⁹ Disponível em: <<http://www.alexa.com/topsites/countries/UY>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

conseguimos nos aproximar de forma fiel ao sentido original das matérias, usando os termos e até o jargão específicos dos discursos da imprensa esportiva uruguaia, que nem sempre tem uma tradução aceitável em língua portuguesa.

O número final de documentos analisados resultou em 640, distribuídos da seguinte forma:

QUADRO 2: Documentos analisados segundo Fonte e Evento. Fonte: Elaborado pelo autor

EVENTO	FONTE			TOTAL
	OVACION DIGITAL	FIFA CONMEBOL	OUTRAS FONTES	
CM2010	150	25	13	188
CA2011	109	17	8	134
EL2014	263	42	13	318
TOTAL	522	84	34	640

Levando em consideração a grande quantidade de matérias, para desenvolver a análise foi utilizado o *software* MAXQDA 11¹⁰ o qual, baseado nos pressupostos da teoria fundamentada, permite trabalhar de forma simples com grandes quantidades de texto em diferentes formatos, ajudando na codificação, categorização e hierarquização dos insumos a analisar.

É importante estabelecer que o uso deste *software* teve como objetivo uma maior eficácia no tratamento dos dados a analisar, assim como melhorar a sistematização e apresentação, mas de modo algum pretendeu-se que o *software* realizasse análise por si mesmo, nem que nos aproximasse de uma validação estatística que não é procurada neste trabalho. Como menciona Mac Millan (2005), como consequência das possibilidades que brindam este tipo de *software*, os pesquisadores experimentam comumente a tentação de quantificar os dados qualitativos e realizar análises estatísticas posteriores, mas isso nem sempre é necessário ou recomendável para os propósitos de cada pesquisa específica.

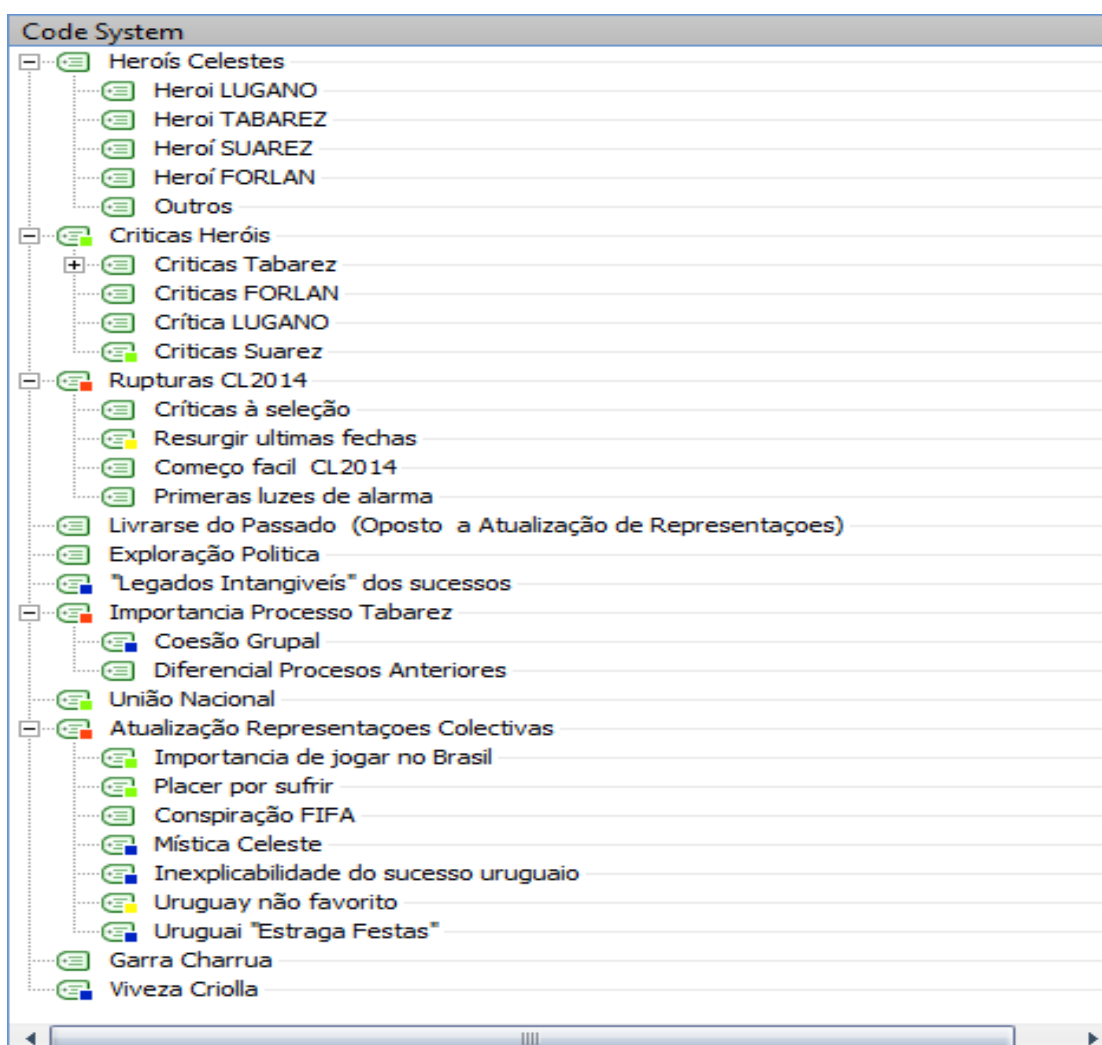
As categorias de análise e os códigos criados para analisar os dados são de responsabilidade exclusiva do pesquisador, segundo o seu baseamento teórico e seus objetivos propostos, sendo o *software* usado apenas como uma ferramenta para aperfeiçoar o processo analítico. Nesse sentido, acreditamos que nenhuma sofisticação referente às formas de apresentação visual dos dados vai subsanar

¹⁰ Para mais informações sobre as características e funcionalidades do software ver: <www.maxqda.com>.

deficiências teóricas na construção dos códigos utilizados (MAC MILLAN, 2005).

Segundo a metodologia proposta, as categorias de análise podem apenas se esboçar a priori, sendo no processo mesmo de análise que novas categorias podem se revelar como importantes. Nesse sentido, começou-se por estabelecer algumas categorias pré-definidas, segundo as orientações teóricas descritas acima para a realização de uma primeira codificação dos dados. No decorrer da análise, conforme apontam Deslauries e Kerisit (2008), manteve-se uma constante interação entre a teoria, a metodologia e a própria coleta de dados. Essa interação indicou a pertinência ou não dessas categorias iniciais, assim como a necessidade de criação de novos códigos específicos a integrar em novas categorias que apareceram como relevantes. Finalmente, o quadro de códigos e sub-códigos utilizado foi o seguinte:

QUADRO 3: Códigos e Subcodigos Utilizados:
Fonte: Elaborado pelo autor



A dissertação se estrutura da seguinte forma: no **Capítulo 2**, estabelecem-se as referências teóricas e o estado da arte, aprofundando em três conceitos: Identidade Nacional, Representações Coletivas e Mito do Herói. No **Capítulo 3** realiza-se uma contextualização sócio-histórica sobre o Uruguai, apresentando as características identitárias mais relevantes desse país, e os processos pelos quais as mesmas se constroem, focando especialmente no papel do futebol nessas construções. No **Capítulo 4**, realiza-se a análise empírica dos insumos selecionados, baseada nas referências teóricas discutidas e segundo a metodologia apresentada. Finalmente, nas **Considerações Finais**, as discussões dos capítulos anteriores são retomadas, respondendo às perguntas de pesquisa e objetivos propostos, assim como colocando possíveis desdobramentos de pesquisa futuros.

2 FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Para atingir os objetivos propostos e tentar responder à pergunta de pesquisa levantada, buscamos apoio num marco teórico plural, sem aderir exclusivamente a uma corrente de pensamento, mas usando, de acordo com as nossas necessidades, as abordagens teóricas que entendemos ser mais pertinentes.

O quadro teórico está composto por três conceitos-chave que visamos dar conta segundo diferentes autores: Identidade Nacional, Representações Coletivas e Construção de Heróis esportivos. Também serão apontadas algumas questões relativas ao papel dos meios massivos de comunicação e sua importância atual nestas construções identitárias.

2.1 IDENTIDADE NACIONAL

A noção de *identidade nacional* aparece corriqueiramente usada nos discursos do senso comum e, portanto, se assume que o seu significado é inequívoco. No entanto, para avaliar as potencialidades e limitações analíticas do termo para o nosso trabalho, propomos uma aproximação teórica. Para isso, entendemos ser necessário primeiramente decompor o conceito e estabelecer claramente o que entendemos por *identidade* e por *nação*.

Os esforços para definir o que devemos entender por identidade de uma pessoa ou grupo tem sido uma preocupação de longa data, tanto para as ciências sociais, principalmente a antropologia e a sociologia, quanto para a psicologia. Na atual fase de evolução do conceito, observa-se um amplo consenso acadêmico a respeito de adotar o que poderíamos chamar de uma *visão processual* e dialógica da identidade. Isso implica rejeitar as concepções essencialistas e estáticas, segundo a qual ter uma identidade particular é um atributo fixo e imutável de indivíduos ou grupos de acordo com características inatas e externas a eles, como ter nascido em um determinado lugar ou ter certa filiação.

Embora a terminologia específica mude de acordo com os autores considerados¹¹, em linhas gerais, esta *visão processual* considera a identidade como

¹¹ Por exemplo, Goffman (1989) fala da apresentação dramática do eu contra expectativas de uma audiência, Strauss (1999) usa a metáfora dos espelhos e máscaras.

um resultado emergente de um duplo processo que compreende a simultânea inclusão e exclusão de grupos. A identidade implica, assim, a adesão consciente a um determinado grupo de pertença e diferenciação de outros indivíduos e grupos de referência.

Uma das pioneiras bases conceituais para a consolidação desta visão são os escritos de George Mead (1982) sobre a formação da identidade na psicologia social. Para este autor, a criação da identidade pessoal, expressada como *self*, é eminentemente social, sendo resultado da interação entre a autoimagem do indivíduo (o *eu*) e a incorporação das imagens que outras pessoas fazem sobre ele (o *me*).

O indivíduo experimenta-se como tal, não diretamente, mas apenas indiretamente, desde os pontos de vista particulares de outros membros do mesmo grupo social, ou a partir da visão geral do grupo social como um todo a que pertence. Porque entra em sua própria experiência como uma pessoa ou indivíduo [...] apenas na medida em que é primeiro convertido em objeto para si mesmo, assim como os outros indivíduos são objetos para ele [...] e torna-se um objeto para si mesmo quando adota as atitudes de outras pessoas em relação a ele, dentro de um ambiente social ou contexto da experiência e do comportamento em que tanto ele quanto as outras pessoas estão envolvidas (MEAD, 1982, p. 16 – tradução nossa)¹².

Na formação subjetiva da identidade individual, envolve-se não apenas a expressão pessoal ou o “eu”, mas também a ação dos outros membros do mesmo grupo de pertença, bem como a ação de agentes externos que não pertencem a ele, mas com os quais se tem uma interação constante. Essas pessoas, que não pertencem ao próprio grupo conformam o resto da comunidade ou o que Mead chamou de o “outro generalizado” (MEAD, 1982). Simultaneamente às ações desse outro generalizado, como normas sociais da comunidade internalizadas pelo indivíduo, atuam os “outros significantes”: aqueles indivíduos particulares que exercem uma maior influência nas atitudes e ações das pessoas. Os “outros significantes” desempenham um papel importante no desenvolvimento do “eu” e na

¹² El individuo se experimenta a sí mismo como tal no directamente, sino solo indirectamente, desde los puntos de vista particulares de los otros miembros individuales del mismo grupo social, o desde el punto de vista generalizado del grupo social, en cuanto un todo al cual pertenece. Porque entra en su propia experiencia como persona o individuo [...] sólo en la medida en que se convierte primeramente en objeto para sí del mismo modo que otros individuos son objetos para él [...] y se convierte en objeto para sí sólo cuando adopta las actitudes de los otros individuos hacia él dentro de un medio social o contexto de experiencia y conducta en que tanto él como ellos están involucrados (MEAD, 1982, p. 16)

personalidade do sujeito, pois concede uma maior importância aos juízos e opiniões que estes têm sobre ele. Para a maioria dos indivíduos é mais importante poder causar a impressão desejada nos “outros significantes”, do que as opiniões do “outro generalizado” (MEAD, 1982).

A interação entre o “eu” e a internalização das expectativas externas, tanto dos outros significantes quanto do outro generalizado através do “me”, é um passo fundamental no processo de socialização, entendido como formação social do *self* que todos os indivíduos atravessam ao longo de sua vida em sociedade (MEAD, 1982).

Tanto esta identidade individual quanto a coletiva requerem para se constituir o reconhecimento interno e externo. Dessa forma, toda identidade tem caráter relacional e supõe uma diferença específica marcada simbolicamente em relação a outras identidades coexistentes. Cada identidade particular se constitui como uma diferença específica com o entorno geral, dentro do qual se constituem as alteridades (HALL, 2005). A identidade é construída e reconstruída constantemente nas interações sociais, encontrando-se identidade e alteridade sempre em uma relação dialética.

Assim, identidade e diferença estão em estreita interdependência e partilham a mesma origem, sendo resultado de atos de criação linguística, produções culturais e sociais. A mesmidade (identidade) porta sempre o traço da outridade (diferença). Para ilustrar isto, Stuart Hall (2000, p. 106) aponta o conceito do interior constitutivo: “A identificação opera por meio da diferença, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de fronteiras. Para consolidar o processo ela requer o que é deixado fora- o interior que a constitui”.

Para chegar a sua concepção de identidade na pós-modernidade, Hall realiza um retorno histórico, identificando três momentos: identidade no sujeito iluminista, identidade no sujeito sociológico e identidade pós-moderna (HALL, 2005).

A noção de identidade no iluminismo, diz respeito a um sujeito racional, criador unificado e estável através do tempo. Trata-se de uma concepção teleológica pela qual a identidade nasce e se desenvolve dentro do próprio indivíduo ou grupo. Por sua vez, a identidade como sujeito sociológico, baseia-se nos aportes de Mead e no interacionismo simbólico, percebendo a conformação da identidade pessoal

como processo a partir da interação do indivíduo ou grupo com outros significantes. Esta concepção sociológica distingue claramente o interno e o externo, sendo a partir da identidade que se costura o sujeito com a estrutura social.

Por último, a identidade na pós-modernidade, quando já não haveria um eu claramente distinguível que se relaciona com o entorno, mas o próprio eu se encontraria fragmentado, composto por várias identidades coexistentes e até potencialmente contraditórias. “A identidade torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p.13). As sociedades pós-modernas são caracterizadas como sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Observando-se uma mudança das concepções de tempo e espaço, deslocamento dos centros de poder político e econômico, sociedades atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais, que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” ou identidades. A tese principal, nesse sentido, é que nesta pós-modernidade as identidades são descentradas, deslocadas e fragmentadas; já não existiriam as ancoragens sólidas, o que se observa como “o sujeito do iluminismo foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno” (HALL, 2005, p. 46).

Apesar do caráter certamente inovador da tese de Hall, uma das ressalvas que podem ser feitas a esta teoria é que, a ênfase na inadequação da noção iluminista da identidade sugere que as identidades na pós-modernidade são completamente opcionais e se apresentam como um leque de opções, dentro das quais as pessoas e grupos poderiam escolher livremente segundo suas estratégias particulares.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem flutuar livremente...somos confrontados com uma gama de identidades dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2000, p. 75).

Para Hall, o conceito de identidade é estratégico e posicional. Uma vez que a identidade se concebe como o ponto de sutura entre o sujeito e a estrutura social, as pessoas fazem uso das identidades segundo estratégias particulares. As identidades

são pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou fixação do sujeito ao fluxo de discurso, ponto de sutura entre a interpelação discursiva e a subjetividade que produz identificação (HALL, 2000).

Autores como Castells (2003) e Cucho (1999), dentre outros, questionam essa visão da identidade considerando-a extremamente ampla e temporária, ressaltando a tendência às fixações que as identidades apresentam e às ancoragens territoriais, históricas e filiais que implicam. Nessa linha, as construções identitárias não operam no vácuo nem respondem a uma livre escolha, senão que ocorrem em contextos sociais específicos que determinam as opções identitárias disponíveis.

A construção de identidade se faz ao interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e escolhas [...] a construção de identidade não é uma ilusão pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais (CUCHE, 1999, p. 181).

Castells (2003) diferencia claramente identidade do que pode ser papel social. Papel é o rol que a pessoa ou grupo é chamado a cumprir pela sociedade, enquanto que identidade é uma fonte de significado para o indivíduo ou grupo. Daí que é apenas quando se internaliza esse papel social e o utiliza como fonte de significado, que se constrói identidade. Nesse sentido, não é qualquer situação social de cumprimento de um papel, numa estrutura de parentesco ou afiliação, a uma posição institucional que gera identidade *per se*. A geração processual de identidade, por meio da identificação e diferenciação de grupos, é um processo complexo e dotado de historicidade.

A construção de identidades vale se da matéria prima fornecida pela história geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas e pela memória coletiva... porém todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados na sua estrutura social. A construção social da identidade ocorre sempre num contexto determinado por relações de poder (CASTELLS, 2003, p. 4).

Compreender as construções e presença de identidade operando em um contexto social, como cultura internalizada em sujeitos inseridos num campo de

significados compartilhados com outros, permite fugir das reificações tanto *objetivistas* – que reduzem a identidade a uma série de elementos constituintes como língua, cultura, religião –, quanto *subjetivistas* – as quais consideram a identidade cultural como um sentimento de apego voluntário a uma identidade imaginária, o que poderia levar a questionável crença de que a escolha de uma identidade é um ato totalmente arbitrário, sem restrições de qualquer tipo, e de caráter temporário.

Ainda que intimamente relacionados e confundidos em falas cotidianas do senso comum, para os apontamentos posteriores convém sublinhar a especificidade do termo *identidade* em relação à *cultura*, sendo que identidade implica um processo consciente de identificação e diferenciação. Nem todos os traços culturais de um grupo são assumidos de forma consciente e a identidade implica que um indivíduo ou grupo tome consciência dela, assumindo alguns traços culturais como próprios e distintivos de outros indivíduos e grupos.

Cada cultura em particular cria seus sistemas de classificação simbólica, a partir do qual se constroem as identidades e alteridades. Dessa forma, os traços culturais são um elemento necessário para gerar identidade. Nesse sentido, Castells (2003, p. 3) define identidade como “o processo de construção do significado com base num atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados os quais prevalecem sobre outras formas de significado”.

Assim, qualquer cultura particular, sem importar quão simples ou complexa ela seja, não produz automaticamente uma identidade diferenciada, senão que esta identidade depende das interações entre grupos e os processos de diferenciação utilizados nelas. A identidade pode, portanto, ser definida como a cultura interiorizada por sujeitos concretos e materializada em contextos de interação específicos (CUCHE, 1999).

Um trabalho empírico de referência nesta linha de constituição e apresentação de identidades nas interações concretas é o desenvolvido por Elias em “Estabelecidos e outsiders” (2000). Nesse trabalho, o autor faz uma etnografia de uma pequena comunidade britânica, a qual, sendo a priori homogênea em uma série de indicadores externos (origem social, renda), desenvolve diferenciações identitárias internas, pelas quais um grupo de famílias considerava a si próprios como *estabelecidos*, com um status superior frente ao outro que chamavam

depreciativamente de *outsiders*, sendo qualificados como inferiores (ELIAS, 2000). Embora possam ter diferenças internas, as suas experiências vividas juntamente num período de tempo é o elemento que une as famílias estabelecidas contra as recém-chegadas – “outsiders”.

A produção dessas categorias em um ambiente social específico, bem como o processo dinâmico da sua reprodução nas interações cotidianas pelos atores envolvidos, são um bom exemplo dessa concepção processual da identidade e da incapacidade de defini-la estruturalmente por características objetivas (ELIAS, 2000). Assim, aqueles identificados como “outsiders”, por parte dos estabelecidos, podem aceitar essa denominação e incorporá-la nas interações com estes estabelecidos, num processo que Goffman chamou de aceitação do estigma por parte dos outsiders – que adotam resignadamente uma “identidade social virtual” inferior imposta pelos estabelecidos, acima da sua “identidade social real” (GOFFMAN, 1989). Nesse sentido, Elias procura dotar ao conceito goffmaniano de estigma de uma base social agregada, mostrando que não se trata de um problema de preconceito individual, senão de um grupo que estigmatiza a outro que, não obstante, é similar numa série de características. Por isso, é necessário dar conta da configuração social na qual se estabelece essa relação de poder (ELIAS, 2000).

Além do interesse particular que possam ter os casos empíricos de referência utilizados em seus escritos, a nosso juízo, a principal contribuição teórica de Goffman e Elias é sugerir que, em todas as situações possíveis de interação social, as pessoas e grupos mobilizam sistemas simbólicos de classificação que possibilitam a interação, havendo a possibilidade para classificações, palavras e expressões estigmatizantes. Esses autores permitem evitar a concepção essencialista e abordam a identidade como um conceito relacional, formado em virtude de processos individuais e coletivos de identificação/diferenciação que têm lugar a partir de traços culturais e sistemas simbólicos de classificação e representação. Tais processos ocorrem ancorados em estruturas sociais de poder, as quais se expressam em contextos de interação.

O caráter por vezes transitório e flexível das identidades, bem como a possibilidade de seu uso estratégico por parte de indivíduos e grupos nas interações concretas, não deve nos levar ao extremo subjetivista de pensar que as distintas identidades são de livre eleição e que qualquer papel social que ocupemos gera

automaticamente uma identidade própria. As identidades individuais e coletivas estão longe de ser uma questão apenas nominalista e possuem, ainda, eficácia social, tendendo à fixação em base a elementos culturais concretos.

Nesse sentido, dentre os vários elementos culturais fornecidos pelos contextos sociais de referência, que podem servir como base para processos de identificação- diferenciação individuais e coletivos, nem todos possuem a mesma força para cumprir este papel, daí que vamos nos ocupar especialmente da categoria de nação, entendendo com Hall que as culturas nacionais se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural para indivíduos e grupos.

As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação... a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãs legais de uma nação senão que participam da ideia de nação como representada em sua cultura nacional (HALL, 2005, p. 49).

A definição de nação é problemática e, constantemente, sua validade no contexto atual é questionada. Porém, na mesma linha de Hall, vários teóricos que abordaram o tema destacaram a especial capacidade que esta categoria tem para estabelecer laços sociais e emocionais. As pessoas que se identificam com uma nação baseiam-se numa ideia de valores, símbolos e tradições compartilhadas. O uso de símbolos (bandeiras, moedas, hinos, uniformes, monumentos e cerimônias) ligam os membros a um patrimônio cultural compartilhado. Nessa linha, Anderson (1993) trata das comunidades imaginadas, soberanas e limitadas.

É Imaginada, porque até os membros da nação mais pequena nunca vão conhecer a maioria de seus compatriotas, não vão ver ou nem mesmo ouvir deles, mas na mente de cada um vive a imagem de sua comunhão [...] todas as comunidades maiores que a aldeias primordiais de contato direto (e talvez até mesmo estas) são imaginadas (ANDERSON, 1993, p. 24 – Tradução Nossa)¹³.

É também limitada e soberana, porque todos os membros da comunidade a imaginam com seus limites e fronteiras, mesmo sem necessariamente conhecê-las

¹³ Es imaginada porque aun los miembros de la nación más pequeña no conocerán jamás a la mayoría de sus compatriotas, no los verán ni oirán siquiera hablar de ellos, pero en la mente de cada uno de ellos vive la imagen de su comunión [...] todas las comunidades mayores que las aldeas primordiales de contacto directo (y quizá incluso éstas) son imaginadas (ANDERSON, 1993, p. 24).

empiricamente. Imagina-se a nação como uma comunidade, concebida na forma de uma comunhão horizontal e fraterna, por mais ou menos consciência que se tenha das diferenciações internas, como podem ser as relações de classe social. Anderson aponta que a nação cumpre um papel fundamental como fonte de sentido para os indivíduos, aparecendo como sucessora funcional da religião como principal fonte de legitimidade política, de coesão social e respostas existenciais (ANDERSON, 1993). Para o historiador A. Smith (1997, p.12), a nação pode ser definida da seguinte forma: “um grupo de pessoas nomeadas por um gentílico e que compartilha um território, mitos coletivos e memórias históricas, uma cultura de massas pública, uma economia unificada e direitos legais e deveres iguais para todos os membros”.

É necessário que estas nações tenham uma certa quantidade de cultura coletiva e uma ideologia cívica, um conjunto de pressupostos e aspirações, sentimentos e ideias compartilhadas que mantenham unidos seus habitantes. Por sua vez, a tarefa de assegurar uma cultura de massa, pública e comum, está nas mãos dos agentes de socialização, principalmente do sistema público de educação e dos meios de comunicação (SMITH, 1997).

O autor se refere à importância simbólica dos elementos nacionais. A pátria passa a ser o repositório de memórias históricas, é o lugar onde os sábios, santos e heróis viveram, trabalharam, oraram e lutaram. Também o seu território físico (rios, montanhas, cidades) adquire o caráter de “sagrado”, voltando-se a espaços de adoração e exaltação cujos significados interiores só podem ser compreendidos pelos iniciados, isto é, aqueles conscientes de pertencer à nação (SMITH, 1997).

Esses autores abordam a nação a partir de uma perspectiva relacional, realçando o seu papel como uma fonte de identificação e de coesão para os seus habitantes, ao mesmo tempo em que diferenciam os grupos externos de referência como podem ser os membros de outras nações. A identidade nacional é concebida como um efetivo laço de ligações simbólicas de caráter estável, a qual se impõe coercitivamente aos indivíduos. Porém, estes apontamentos só nos proveem uma primeira aproximação estática à identidade nacional, nomeando seus elementos constituintes e suas propriedades, mas sem se aprofundar nos processos sociais pelos quais ela foi estabelecida historicamente. A obra de Elias, especificamente “Os Alemães” (1997), tenta se aprofundar no esforço de conceber a identidade nacional como processo sócio-histórico. Nessa obra, o autor pretende fazer uma "biografia"

da Alemanha através da reconstrução do *habitus* alemão nos diferentes momentos históricos.

Com a ideia de *habitus nacional*, Elias procura uma alternativa para superar a noção de caráter nacional como algo fixo e imutável. Dessa forma, entende que, assim como no desenvolvimento de uma pessoa individual, as experiências passadas de sua vida continuam tendo efeito no presente, integradas num sistema de disposições duráveis e transponíveis que funciona a cada momento como uma matriz de percepções e ações; também as experiências passadas influem no desenvolvimento e atuação de uma nação em diferentes aspetos.

Esse *habitus nacional* implica, então, um constante equilíbrio entre continuidade e mudança, que articula as experiências passadas com o presente e com o futuro: “O hábitus nacional de um povo não é biologicamente fixado de uma vez por todas, antes, está intimamente vinculado ao processo particular de formação do estado a que foi submetido[...] um *habitus nacional* desenvolve-se e muda ao longo do tempo” (ELIAS, 1997, p. 16). Esta visão processual da formação do *habitus nacional* segue a orientação teórica geral da sociologia configuracional de Elias. Basicamente, refere-se à formação de configurações sociais como teias cada vez mais densas e complexas de relações entre indivíduos e instituições, que apresentam padrões mutáveis de interdependência dentro das quais ocorrem as relações de poder (ELIAS, 1980). Dessa forma, pode-se entender que o *habitus nacional* não é um elemento arbitrário e independente senão que é impossível tentar entender a formação e evolução histórica da nação, sem estudar a sua conexão com os processos de troca nas estruturas sociais que lhe confere especificidade.

A configuração de uma dada sociedade – no que diz respeito a sua estratificação social; às relações entre classes dirigentes e subordinadas; ao pensamento das elites econômicas, políticas e culturais; e aos relacionamentos com as restantes nações a cada período histórico – vão conformando o *habitus nacional* (ELIAS, 1997). Portanto, para uma interpretação abrangente da realidade social, deve-se apontar para o que Elias chama de *sociogênese*, no sentido de resgatar estes elementos de formação e evolução histórica das configurações sociais. Na mesma linha, destaca a necessidade de não superestimar o papel das inteligências nacionais nem dos “pais fundadores”. Os ideais de nação não surgem exclusivamente na cabeça dos iluminados, nem nas façanhas dos heróis, mas se

consolidam nas configurações sociais de interdependências em contextos específicos (ELIAS, 1997). Concorda com Anderson (1993) ao destacar a afetividade que a nação representa para os seus membros, bem como a centralidade desse elemento nas próprias identificações dos indivíduos, apontando que o uso do termo está comumente coberto por uma aura emocional altamente específica, a qual lhe confere a aparência de algo sumamente valioso e sacrossanto, digno de ser admirado e venerado.

O significado de certas palavras chaves e as implicações emocionais embutidas nelas, que são transmitidas de geração em geração sem análise e frequentemente sem alteração, desempenham um papel na continuidade flexível do que, sob outros aspetos, e conceituado como “caráter nacional [...] A imagem que um indivíduo faz da nação que forma parte também, portanto um componente da imagem que tem de ele mesmo, a sua autoimagem (ELIAS, 1997, p 143).

Nesse sentido, considerar a si próprio francês, uruguaio ou brasileiro, não apenas indica que o indivíduo nasceu em um determinado território, como também compartilha de uma série de características adquiridas, com as quais se gera uma identificação pessoal, tornando-as como diferentes de outras nações. Implica, ao mesmo tempo, uma identificação com algo suprapessoal, assim como características pessoais reconhecidas e reconhecíveis por membros externos ao grupo (ELIAS, 1997).

Essa identificação não é apenas simbólica, mas desempenha um papel central nas atitudes e orientações para a ação dos indivíduos, gerando um *ethos* nacionalista, que supõe um sentimento de solidariedade, assim como obrigações em relação a uma comunidade soberana. A ligação com esta comunidade ocorre por meio de símbolos específicos, alguns dos quais podem ser pessoas.

Um *ethos* nacionalista subentende um sentido de solidariedade e obrigação, não apenas em relação a determinadas pessoas ou a uma única pessoa numa posição de mando, mas também em relação a uma coletividade soberana que o próprio indivíduo forma com milhares ou milhões de outros indivíduos, coletividade essa que esta organizada num estado e o apego pelo qual é mediado através de símbolos especiais (ELIAS, 1997, p. 143).

Dessa forma, a tese central, de inspiração durkhemiana, é a de que o *habitus nacional* aparece sedimentado e se expressa em cada uma das consciências individuais. A coletividade é vivenciada e os símbolos são

representados como algo separado dos indivíduos, superior e mais sagrado do que eles; mas aquelas coletividades que geram e consolidam um *ethos* nacionalista são estruturadas de tal modo, que os indivíduos que as formam podem vivenciá-las como representantes deles próprios (ELIAS, 1997).

Nessa linha de tentativa de análise sócio-histórica da formação e evolução das nações, também Hall (2005) questiona a tendência corriqueira a nos referirmos às identidades nacionais como entidades homogêneas, formadas com base em uma herança cultural compartilhada. As identidades nacionais, como construções sociais, são historicamente formadas por grupos e interesses específicos, num processo que opera incluindo e excluindo populações presentes em um mesmo território. Para Hall, as identidades nacionais nunca são tão homogêneas, uma vez que são produtos de uma série de tensões sociais e descrevem uma estrutura de poder.

Nesse sentido, a bem sucedida formação cultural e transformação intergeracional de um sentimento unificado de identidade nacional, muitas vezes envolve o silenciamento e a conquista das nações pré-existentes.

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas diferenças internas, sendo unificadas apenas através o exercício de diferentes formas de poder cultural (HALL, 2005, p. 62).

Segundo o pensamento desses autores, as análises sobre identidade nacional, sua formação e expressão, devem se situar no contexto sócio-histórico contemporâneo, caracterizado por processos crescentes de globalização, tanto política e econômica quanto cultural. Autores como Hobsbawm (1991), ao analisarem o aparente paradoxo das várias explosões nacionalistas e ações separatistas do início dos anos 90, acabam considerando nacionalismo e globalização como fenômenos que se apresentam de forma coexistente, embora, sob certas situações específicas, possam entrar em contradição e acabar em ações bélicas (HOBBSAWN, 1991). Para Castells (2003), apesar da largamente anunciada morte (tanto política quanto academicamente) dos nacionalismos por parte da globalização, isto não acontece. A globalização e a afirmação da identidade nacional podem ser pensadas como tendências conflitantes coexistentes, que têm como resultado emergente novas configurações identitárias. Dessa maneira,

assistimos a novas expressões de identidade coletiva que desafiam a globalização.

O autor adverte, ainda, para que não se restrinja o conceito de nacionalismo à formação de Estado-nação no Século XX, levando em conta as possibilidades empíricas que o conceito supõe. Assim, o nacionalismo contemporâneo pode ou não estar voltado à construção de um estado-nação soberano, não sendo exclusivo de um determinado período histórico, tampouco apenas um fenômeno de elites. Constrói-se o nacionalismo a partir de ações e reações sociais, tanto das elites quanto das massas:

O nacionalismo como fonte de identidade, não pode ficar restrito a um determinado período histórico e aos processos e conquistas do estado-nação moderno. Restringir a ideia de nações e nacionalismos unicamente ao processo do estado-nação invisibiliza qualquer justificação para o aumento do nacionalismo posmoderno paralelamente ao declínio do estado moderno (CASTELLS, 2003, p. 35).

As chamadas comunas culturais (CASTELLS, 2003), sejam de cunho religioso, nacional ou territorial, são construídas culturalmente e operam como reservatórios de sentido para os indivíduos. Numa globalização caracterizada por um crescente fluxo de riqueza, poder e imagens, as pessoas tendem a se reagrupar em torno de identidades primárias, historicamente construídas, que se colocam como as fontes elementares de sentido.

Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazer-ló regressar a um tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas agarram-se a espaços físicos, recorrendo a sua memória histórica (CASTELLS, 2003, p. 80).

Segundo este diagnóstico, podemos dizer que as nossas construções identitárias cotidianas são moldadas pela dialética de duas tendências em conflito: a globalização e a reivindicação de identidades primárias, como pode ser a nacional.

Hall (2005) questiona a relação das identidades locais frente à globalização listando três possibilidades: 1) as identidades locais estão se desintegrando por causa da homogeneização cultural; 2) as identidades locais e particularistas são reforçadas como mecanismos de resistência; e 3) as identidades nacionais encontram-se em declínio, mas novas identidades híbridas estariam as suplantando

(HALL, 2005). As três possibilidades têm respaldo em casos empíricos e devem ser consideradas como tipos ideais, a partir dos quais se avaliam casos específicos.

A globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do “global” nem a persistência em sua velha forma nacionalista do “local”. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se mais variados e contraditórios do que sugerem seus protagonistas e seus oponentes (HALL, 2005, p. 97).

Nesse leque de possibilidades, segundo Bairner (2001) é especialmente nos âmbitos esportivos em que a identidade nacional encontra uma oportunidade de manifestação frente às tendências à homogeneização cultural que apresenta a globalização. Para o autor, esporte e nacionalismo são os assuntos que costumam estar associados e que despertam as maiores emoções no mundo moderno, sendo o esporte frequentemente um meio para expressar o sentimento nacionalista (BAIRNER, 2001).

O autor recupera a noção de “nacionalismo esportivo”, apresentando esporte e o nacionalismo como dois elementos intimamente ligados. Distintos discursos políticos em todas as épocas postulam uma simbiose entre esporte e nação, numa associação simbólica que pode levar, nos casos mais extremos, a estouros emocionais e xenofobia¹⁴. Por exemplo, o caso do político de ultradireita francês Jean Marie Le Pen, quem em diversas instâncias queixou-se de que a seleção nacional não era um time de “autênticos franceses”, pois tinha jogadores de Senegal, Argélia e outras ex-colônias, que não sentiriam a França como pátria nem cantavam o hino nacional¹⁵ (BAIRNER, 2001).

Porém, excluindo estas possibilidades extremas, os eventos esportivos têm correntemente o potencial de unir os membros de uma nação em circunstâncias fortemente emocionais. Como fora sublinhado, a ideia de nação tem um forte significado emotivo para as populações, o que não tem sido afetado pela globalização. O esporte é uma perfeita oportunidade para expressar isto: “Fãs de esportes podem se vestir e pintar seus rostos com as cores nacionais, sem ser remotamente atraídos pela política nacionalista. O esporte nos fornece uma

¹⁴ Pode se considerar como exemplo histórico a final de 1930 entre Uruguai e Argentina. Após a partida os argentinos jogaram pedras sobre a sede do consulado uruguaio e as relações diplomáticas foram suspensas por um tempo. (MORALES, 2013).

¹⁵ Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2804200203.htm>> e <http://elpais.com/diario/1996/06/25/deportes/835653601_850215.html>. Acesso em: 04 nov. 2014.

importante arena na qual celebrar as identidades nacionais” (BAIRNER, 2001, p. 17 – Tradução Nossa)¹⁶.

Bairner descreve as visões mais extremas que avaliam a globalização como um fenômeno de neoimperialismo dos Estados Unidos, que transformaria a sociedade mundial numa “sociedade de consumo” de produtos globais (Mc Donalds; Coca Cola). Para o autor, esta visão simplifica e exclui influências globais na cultura americana (comida, música, roupas). Considera a globalização, então, como uma realidade eminente, mas que não implica homogeneização: representa, sim, um fluxo de trocas globais que se misturam com características nacionais, dando lugar a processos de hibridação, segundo as relações de poder que entram em jogo em cada configuração específica (BAIRNER, 2001). Os processos apontados por Hall, de “fascinação com a diferença” e “mercantilização da alteridade”, vão na mesma linha de ressaltar novas formas de articulação entre o global e o local, sem pensar simplesmente numa desaparecimento dos particularismos locais na cultura global (HALL, 2005).

Segundo esses autores, o nacionalismo não só coexiste com a globalização, como até pode ser reforçado por ela, atuando como mecanismo de resistência frente às tendências à homogeneização. As distintas configurações nacionais dão forma a esta articulação entre o local e o global, não sendo possível, por exemplo, estabelecer as mesmas relações numa sociedade predominantemente “homogênea” – como o Uruguai – ou numa sociedade plurinacional – como a Espanha – ou, ainda, multirracial – como o Brasil.

Focando em nosso objeto de estudo específico, observa-se que boa parte do quadro teórico geral sobre identidade nacional tem sido utilizada por diferentes autores num nível latinoamericano. Desde os pioneiros trabalhos de Roberto Da Matta (1982) e Eduardo Archetti (1995), as pesquisas sobre os processos históricos pelos quais se expressa e transmite uma identidade nacional através do futebol, têm ganhado destaque na produção acadêmica regional.

Para o caso argentino, Archetti (1995) estudou a construção do imaginário nacional através do futebol, a partir da popular revista *El Gráfico*. Segundo o autor,

¹⁶ “Sports fans may dress in national costumes and paint their faces in national colors without being remotely attracted to nationalist politics. Sport does provide us with an important arena in which to celebrate national identities”.

desde 1928 esta revista desenvolveu discursivamente a teoria da “dupla fundação” do futebol argentino: uma primeira fundação britânica (1887-1912) e uma segunda crioula, a partir de 1913 quando Racing de Avellaneda ganhou o torneio local pela primeira vez sem estrangeiros no time. O futebol aparece, então, como

um texto cultural, incorporado em uma narrativa que serve para refletir sobre o nacional e o masculino ... Desta forma, em comparação com os valores tecnocráticos e sua linguagem, expressa na importância do "trabalho", a "maquina", a "ciência" e o "jogo de equipe" A narrativa do El Grafico propoe a "indolência", a "arte", a "intuição" e o "individualismo". Estes últimos valores vão definir um estilo nacional e uma tradição crioula (ARCHETTI, 1995, p. 440- 442 – Tradução Nossa).

Continuando nesta linha, Alabarces e Rodriguez (1998) ampliam o período de análise e propõe um percorrido histórico da representação nacional através do futebol na Argentina, a partir de uma periodização em quatro fases: início Século XX, peronismo, ciclo "Maradoniano" e ciclo pós-maradona (ALABARCES e RODRIGUEZ, 1998).

Para referir ao início do Século XX, resgatam a teoria da dupla fundação como uma gradual criouliização do futebol argentino, afastando-se da sua origem inglesa. O período de 1945 a 1955, sob uma orientação política populista desenvolvida pelo peronismo, pode-se caracterizar como um "nacionalismo oficial", em que os aparelhos do Estado buscam gerar uma ideia de comunidade a partir da educação elemental, obrigatória e massiva; propaganda estatal; revisão oficial da história; militarismo da juventude; e outras ações complementares à afirmação da identidade nacional (ALABARCES e RODRIGUEZ, 1998).

A entrada na cena pública das massas populares – enquanto a interpelação populista é definida como marco do período, ao converter as massas em “povo” e este em “nação” – colocou o esporte como um dispositivo eficaz para a construção de uma nova referencialidade nacional. O controle oficial da imprensa e das indústrias culturais em geral possibilitaram a transferência de uma ideia de nacionalidade através do futebol, entre outros elementos (ALABARCES e RODRIGUEZ, 1998).

Em um terceiro momento, surge a figura de Diego Maradona como um símbolo da “Argentinidade”. Aqui, dentre outras considerações, sugere se que o famoso gol com a "mão de Deus" na Copa do Mundo do México, em 1986, pode ser

lido a partir da perspectiva de um confronto de identidades nacionais, em que tal lance expressaria a picardia própria do argentino frente aos velhos inimigos ingleses, automatizados tenicamente (ALABARCES e RODRIGUEZ, 1998).

Finalmente, na atualidade, a cultura futebolística na Argentina se apoiaria em discursos fragmentados e tribalizados (por equipes ou cidades), na ausência de uma narrativa unificadora do Estado. Nesse sentido, a nação futebolística abre caminho para a tribo (ALABARCES e RODRIGUEZ, 1998).

Por sua vez, para o caso brasileiro, Da Matta, em *Universo do Futebol* (1982), parte do mesmo pressuposto de existência de uma diferenciação simbólica do futebol brasileiro com o europeu. Nesta visão, o futebol promoveria a coesão nacional do brasileiro, na medida em que permitiria a expressão e o reconhecimento externo dessa identidade nacional em detrimento dos outros – no caso, os ingleses e por extensão os europeus (DA MATTA, 1982).

A partir dessa perspectiva, incorporando e legitimando academicamente os escritos primários de Gilberto Freyre e Mario Filho, o autor afirma que as representações coletivas geradas quanto ao modo particular de jogar futebol do brasileiro seriam parte de seu ideal como nação, sendo elementos expressivos e também cognitivos, que auxiliariam na interpretação da sociedade através dessas representações.

E sabido no Brasil, que o futebol nativo tem jogo de cintura, ou seja, malícia e malandragem, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores... o futebol é um meio altamente significativo de veicular mensagens sobre o que é realmente ser brasileiro, sobre o sentido da vida, do destino e do papel da técnica no universo social. Tudo isso de modo direto, gráfico, literal, profundo e dramático (DA MATTA, 1982, p. 28- 29).

Um intento de síntese entre esses trabalhos clássicos pode se encontrar em Guedes (2002). A autora compara a identidade nacional em ambos os países através dos construtos relativos aos chamados “estilos nacionais” futebolísticos argentino e brasileiro. Apoiase nas ideias de Hall (2005) para falar de identidade nacional como construções discursivas de sentido, a partir de processos simultâneos e complementários de identificação e diferenciação com uma alteridade (GUEDES, 2002).

Assim, considera a Argentina como uma alteridade privilegiada para entender a identidade nacional brasileira. Descreve a invenção do futebol em ambos os países como um movimento que levou a uma dupla afirmação de identidade nacional (ao contrário do caso inglês) e popular (em oposição às elites). Conclui afirmando que a ideia de mestiçagem está presente nas duas construções, porém com um carácter diferente: enquanto na Argentina a mestiçagem é entre europeus latinos e gaúchos, no Brasil é entre branco, negro e índio – o “mito das três raças” (GUEDES 2002).

Uma outra linha de trabalho interessante sobre as construções identitárias através do futebol é a empreendida por Damo (1998), que analisa as relações entre a identidade nacional brasileira e as identidades regionais, pensando o caso específico do Rio Grande do Sul.

O autor dá conta da invenção discursiva do estilo gaúcho por parte da imprensa esportiva, a partir da qual características como força e garra seriam os principais traços distintivos do gauchismo (DAMO, 1998).

Com base no resgate de certos elementos históricos e geográficos da situação do estado, que o diferenciaria das demais regiões brasileiras, pode-se entender esse estilo enquanto diferente do brasileiro. Nesse sentido, a particular posição geográfica, a partir da qual se estabeleceriam intercâmbios múltiplos com os países do Prata; uma tradição política de enfrentamento em relação ao poder central; a presença maciça dos imigrantes europeus; e, finalmente, a própria “essência” do gaúcho, tida como “libertina” e altiva, tal qual a dos remotos tropeiros forjados na lida com o gado xucro, dariam sustento à autoimagem gaúcha como diferente e, por vezes, em contradição à imagem brasileira predominante no país (DAMO, 1998).

Esse isolamento geográfico leva a uma autoimagem gaúcha separada do resto do Brasil, acarretando prejuízos do poderoso eixo Rio-SP, encarnado em figuras de autoridade legítima como os árbitros dos jogos ou a própria Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Assim, mostra-se como o sentimento de que os times gaúchos não teriam a mesma influência de clubes como Flamengo ou Corinthians sobre a CBF, aparece na imprensa junto ao orgulho de lutar com garra contra estes gigantes cariocas e paulistas (DAMO, 1998).

Segundo o autor, o estilo de jogo do Grêmio, sem possuir um toque de bola refinado, cumpria pragmaticamente o objetivo de vencer e, quando não o fazia, ainda assim era aclamado pelo empenho, pela dedicação e pela bravura; ou seja, por elementos que satisfizessem a condição de verossimilhança com a autoimagem do gauchismo (DAMO, 1998).

Mais recentemente, Gastaldo (2005), entendendo as copas do mundo como um momento crucial para expressar as identidades nacionais, analisa as imagens expressadas pela imprensa brasileira sobre a obtenção da Copa do Mundo em 2002.

Aquilo que é apontado por Damo (1998), enquanto as particularidades do Rio grande Do Sul como externo ao Brasil, se expressa nas valorações críticas ao técnico Luiz Felipe Scolari (Felipão) e sua comissão técnica. As críticas da grande imprensa pela não convocação de Romário, ídolo malandro que representaria o “jeito brasileiro de jogar”, ilustram essa diferenciação entre o estilo brasileiro hegemônico e o gaúcho (GASTALDO, 2005).

Para Gastaldo (2005), a relação entre futebol e identidades, a partir de sua atualização midiática, ilustra a problemática histórica da construção social de uma identidade nacional no Brasil, bem como sua tensão com a pluralidade das identidades regionais. Tensão esta que leva ao autor a pensar em “identidades brasileiras”, no plural.

A Copa de 2002, nesse sentido, colocou no campo midiático uma relação tensa entre a identidade brasileira e a identidade gaúcha, personificada na figura do técnico Felipão. Tal composição atualizou um antigo conflito entre lógicas identitárias distintas manifestas no futebol – como entre os chamados futebol-arte e futebol-força, entre criatividade e disciplina ou, como exemplificados no embate jornalístico pré-Copa, entre Romário e Felipão (GASTALDO, 2005).

Com base nesses antecedentes teóricos e empíricos, pensando em termos dos objetivos desta pesquisa, foram analisados os processos sócio-históricos de identificação e diferenciação com outras identidades nacionais, que têm sido gerados através do futebol, questionando sobre em que medida eles são mobilizados pela mídia em ocasião das competições globais, para atualizar a identidade nacional do Uruguai num contexto globalizado.

2.2 REPRESENTAÇÕES COLETIVAS

A partir da discussão precedente sobre identidade nacional, procuraremos mostrar como a mesma se expressa através das representações coletivas geradas em torno do futebol.

O conceito de representações tem uma longa história, especialmente na psicologia, para se referir às operações mentais que os indivíduos fazem internamente para representar na sua mente objetos e acontecimentos do seu mundo cotidiano. Emile Durkheim é quem pioneiramente utiliza o conceito em um sentido social, partindo da base de que “a vida coletiva assim como a vida mental do indivíduo é feita de representações [...] Ambas são, em certo modo, similares, têm a mesma relação com seu respectivo substrato” (DURKHEIM, 2000, p. 35). Este *substrato* da sociedade remete, para Durkheim, ao conjunto de indivíduos associados e ao sistema que eles formam na sua união. Porém, a sociedade é algo a mais do que a soma das partes, devendo ser entendida como fenômeno *sui generis*, sendo irreduzível à psicologia e à natureza biológica dos indivíduos ou à simples soma deles.

Uma sociedade não é formada simplesmente pela massa dos indivíduos que a compõem, nem pelo território que estes ocupam nem pelas coisas que se servem nem os movimentos que executam, mas, principalmente, pela ideia que ela tem de si mesma. (DURKHEIM, 2008, p. 607 – Tradução Nossa)¹⁷.

A ideia de que uma sociedade tem de si mesma é expressada através do que Durkheim chama de representações coletivas. Estas surgem das relações estabelecidas entre os indivíduos e entre os distintos grupos secundários, que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade, como podem ser a família, a escola, o estado ou os meios de comunicação (DURKHEIM, 2000 p. 49).

Estas representações coletivas são uma forma de conhecimento de caráter social e histórico, produzidas por uma cooperação prolongada no espaço e no tempo, entre várias gerações de pessoas numa sociedade concreta. As mesmas aparecem em instâncias específicas e identificáveis de indivíduos reunidos, mas

¹⁷ “Una sociedad no está formada simplemente por la masa de los individuos que la componen, ni por el territorio que estos ocupan, ni por las cosas de las que se sirven o los movimientos que realizan, sino principalmente, por la idea que tiene de sí misma”.

rapidamente ganham um caráter autônomo e logo se apresentam como externas, devendo ser estudadas como fatos sociais, explicáveis apenas por outros fatos sociais (DURKHEIM, 2000).

Para Durkheim, as representações coletivas cumprem um papel não apenas expressivo, mas também funcionam como um classificador. Classificam e são elas mesmas classificações, detentoras, portanto, de uma importância cognitiva, pois só conhecemos o mundo ao nosso redor através de nossas representações. Assim, as representações coletivas expressam a maneira pela qual um grupo particular enxerga a si mesmo, nas relações com os objetos e pessoas que o afetam na sua vida cotidiana (DURKHEIM, 2000).

Porém, essas representações coletivas, essa imagem que a sociedade ou grupo social específico tem de si mesmo, não ficam de uma vez e para sempre internalizadas pelos indivíduos, mas, para manter a sua vigência, devem ser atualizadas periodicamente. Daí a existência de rituais grupais que têm como função revitalizar nos indivíduos as representações coletivas que os identificam, a sua “sociedade ideal”, garantindo a coesão do grupo em torno desta.

Não pode haver sociedade alguma que não sinta a necessidade de manter e revitalizar a intervalos regulares os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que lhe dão unidade e a individualizam. Mas essa reconstrução moral só pode ser obtida através de reuniões, assembléias e congregações em que os indivíduos em proximidade, reafirmam em comum seus sentimentos comuns. Daí a existência de cerimônias que por seu objeto, os resultados obtidos e os meios utilizados para esta finalidade são da mesma natureza que as cerimônias religiosas (DURKHEIM, 2008, p. 613 – Tradução Nossa) ¹⁸.

Em termos teóricos, pode-se dizer que a noção de representações coletivas tem semelhanças com outro dos conceitos principais do autor, como o *fato social*, entendido como maneiras de pensar, agir e sentir, externas aos indivíduos e dotadas de um poder de coerção pelo qual se impõem (DURKHEIM, 1989). Contudo, é menos imperioso e coercitivo que este último, já que é elaborado, atualizado e

¹⁸ “No puede haber ninguna sociedad que no sienta la necesidad de mantener y revitalizar, a intervalos regulares, los sentimientos colectivos y las ideas colectivas que le dan unidad y la individualizan. Pero esa reconstrucción moral solo puede obtenerse mediante reuniones, asambleas y congregaciones en la que los individuos en estrecha proximidad, reafirman en común sus sentimientos comunes. De ahí la existencia de ceremonias que por su objeto, por los resultados que obtienen y por los medios que emplea para ello, son de la misma naturaleza que las ceremonias religiosas”.

eventualmente também contestado no cotidiano das interações sociais. Mas, como o primeiro, ele também é coletivo, exterior e objetivo (OLIVEIRA, 2012).

Tais formulações iniciais de Durkheim atuaram como baseamento para o desenvolvimento do conceito de *representações sociais*, proposto por Moscovici (1979) e desenvolvido também por Jodelet (1986). Estes autores, de formação disciplinar em psicologia social, situam o conceito numa interseção da psicologia com as ciências sociais, e se ocupam principalmente da forma como operam as representações sociais em diferentes contextos de interação, através de distintas pesquisas empíricas.

Moscovici (1979) plantea a conveniência do uso do conceito de *representações sociais*, por considerar que falar de *representações coletivas* apresenta certa ambiguidade teórica, confundindo-se com outras categorias, como por exemplo o mito. Aliás, a ideia de representação coletiva teria um pressuposto normativo, invisibilizando a possibilidade de surgimento de representações não hegemônicas ou até contestadoras numa sociedade. Nesta linha, opõe-se também à ênfase coercitiva que, segundo ele, Durkheim atribui ao conceito, ocultando o fato de que as representações são geradas e se reproduzem nas próprias interações sociais, podendo, portanto, chegar a ser modificadas no transcurso das mesmas (MOSCOVICI, 1979).

Para Jodelet (1986), as representações sociais são uma forma particular de conhecimento: o conhecimento ordinário que é incluso na categoria do *senso comum* e tem como particularidade ser socialmente construído e compartilhado no seio de diferentes grupos, que tornam inteligível o mundo físico e social. A função principal destas representações seria possibilitar o desenvolvimento da comunicação entre indivíduos nas suas vidas cotidianas. Assim, supõem o poder criativo e representativo de indivíduos e grupos que interpretam a realidade ao seu redor, através da construção coletiva de representações sociais, sendo também um elemento cognitivo e classificador (MOSCOVICI, 1979). Dessa maneira, podemos dizer que as representações sociais cumprem a função de integrar a cada instante os aspectos que possam se apresentar como novos para a pessoa ou grupo, dar sentido ao mundo ao redor e também fornecer orientações específicas para a ação nele.

O modo de operar dessas representações, como elemento cognitivo, é baseado em um processo com duas operações constituintes: a *objetivação* e a *ancoragem*. As traves destas – os elementos abstratos, conceptuais – transformam-se em imagens, convertendo o conceitual e alheio em concreto e familiar para o quadro de referência da pessoa ou grupo. Esses processos intimamente ligados permitem explicar o processo contínuo e contraditório, em que transcorre a formação e transformação das representações (MOSCOVICI, 1979).

Para esses autores, a importância acadêmica de extensão e apropriação do conceito de representações sociais, reside no que é o germe das formulações interacionistas, fenomenológicas e etnometodológicas dos anos 1960 e posteriores. A noção de representações sociais desafia, também, as versões mais simplificadoras do marxismo, que concebem a ideologia como diretamente dependente da base material da sociedade. De acordo com esse raciocínio, as representações sociais que desafiem ou não correspondam com a base material da sociedade, seriam meras idealizações ou falsa consciência (JODELET, 1986).

Para este trabalho, mesmo reconhecendo os esforços de precisão conceitual e aplicação em pesquisas empíricas posteriores, optamos por manter a denominação original durkhemiana de *representações coletivas*. Embora numa primeira leitura sejam pertinentes as críticas quanto à semelhança com o conceito de mito, entendemos que a diferença está no fato de que a noção de *representações coletivas* consegue refletir melhor a relação oscilante entre a estabilidade autônoma e as possibilidades de mudança. As representações são criadas por atores sociais reunidos em momentos específicos e, posteriormente, se tornam hegemônicas nesse meio social, continuam operando nos discursos e acontecimentos posteriores e sua eficácia é reforçada através de ações rituais (DURKHEIM, 2008). Porém, ao contrário dos mitos de origem, seu conteúdo pode ser diverso e não necessariamente fornece uma explicação sobrenatural para a origem do universo.

Por outro lado, entendemos que o caráter normativo (e até coercitivo do conceito) não implica a fixação e imobilidade das representações como Moscovici (1979) sugere, senão somente sublinha seu caráter hegemônico e resistente. Nesse sentido, entendemos que a noção durkhemiana vai nos ajudar a enfatizar mais claramente os processos de autonomização e consolidação das autoimagens hegemônicas sobre o futebol uruguaio, e como as mesmas são atualizadas em

momentos posteriores por parte da imprensa, a qual atua como grupo secundário de mediação entre o indivíduo e seu meio social.

Repassando os usos concretos do conceito de representações coletivas para o nosso objeto específico, além dos citados trabalhos resenhados no item anterior – especialmente Da Matta (1982) –, podemos apontar um artigo de Soares (2003) que se ocupa especificamente da formação e evolução da representação coletiva de *futebol-arte*, como próprio do futebol brasileiro, e radicalmente oposto ao *futebol-força* europeu.

O autor demonstra, através de matérias retrospectivas sobre a obtenção da copa de 1970 pelo Brasil, como se minimiza a preparação física aprimorada pela seleção, a qual fica relegada na memória coletiva frente à hegemonia da representação coletiva do *futebol-arte* como explicação da vitória. Embora os discursos da imprensa durante os acontecimentos conjugaram o *futebol-arte* a aspectos físicos e táticos, com o passar do tempo estes caem para um segundo plano, evidenciando a resistência coercitiva do *futebol-arte* como representação coletiva sobre o futebol brasileiro (SOARES, 2003).

Na mesma linha, Toledo (2000) baseia-se no trabalho de Durkheim para respaldar o seu conceito de *formas-representações*. Segundo o autor, as formas referem-se às configurações que distribuem os jogadores no campo de jogo, segundo funções estabelecidas pelos treinadores; enquanto as representações consistem nos ajustamentos destas formas num plano simbólico, “empiricamente observados em campo, repetidos à exaustão nos treinos, confirmados (ou não) numa partida e referendados (ou não) pela memória coletiva dos conjuntos de torcedores” (TOLEDO, 2000, p. 152).

Através deste conceito, pode-se dizer que atualiza a ideia de representações coletivas para o caso específico do futebol. Segundo Toledo (2000), as maneiras de jogar de um time ou seleção nacional estão relacionados a uma imagem consolidada hegemonicamente no senso comum, sendo exigido um respeito à mesma tanto pelo torcedor quanto pela imprensa.

Espera-se de qualquer jogador, na apreciação de suas qualidades sensíveis estilo e técnica, ou dos técnicos, no exame dos “segredos” e “filosofias” de seu jogo, os *padrões* ou *formas* por eles experimentados, certas compatibilidades com as *representações* já inscritas e muitas vezes consolidadas no imaginário coletivo torcedor e propagado pela imprensa

esportiva. Assim, um atleta ou até mesmo um técnico de um time como o Corinthians ou o Grêmio, por exemplo, deveriam jogar ou propor *formas* de jogo onde a garra, a vontade, a luta, independentemente das suas qualidades profissionais, capacidade, posição, função ou atribuições táticas predeterminadas, sejam contempladas (TOLEDO, 2000, p. 165).

Para esses autores, identidade e diferença estão intimamente ligadas a sistemas de representação. É através das representações sociais que a identidade (e diferença) adquirem sentido. Nesta linha, encontramos em Roger Chartier (2002) uma integração de ambos conceitos em um programa de pesquisa específico. Utilizando como marco de referência o conceito durkhemiano de representações coletivas e elisiano de configurações, o autor engendra uma história cultural da França, analisando as relações entre as representações hegemônicas e as configurações sociais específicas, donde elas aparecem e se desenvolvem (CHARTIER, 2002).

Através das representações coletivas, os sujeitos concretos se identificam e diferenciam dos outros. Elas oferecem, então, a fonte sobre a qual operam os processos de construção da identidade.

Trabalhando sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, a história cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um «ser-apreendido» constitutivo da sua identidade (CHARTIER, 2002, p 23).

Segundo Chartier, a partir da noção de representações coletivas, poder-se-ia ultrapassar a falsa dicotomia entre estrutura social e ação individual. Os processos de formação e autonomização das representações coletivas mostram heterogeneidades na sociedade, bem como suas lutas internas em configurações específicas, para estabelecer certas representações como hegemônicas (CHARTIER, 2002).

A criação, consolidação e transmissão intergeracional de representações coletivas, se inserem nos processos de formação do *habitus nacional*, apontados por Elias (1997). Assim, ser “uruguaio” é uma condição identitária que os indivíduos desenvolvem, através da internalização de representações coletivas externas socialmente consolidadas, as quais são incorporadas ao longo do processo de socialização.

Nesse sentido, entendemos que as autoimagens criadas historicamente em relação ao futebol uruguaio – por acontecimentos bem específicos (como pode ser o resultado de uma partida ou um torneio) – não só se relacionam simbolicamente a eventos anteriores da história nacional, como também se autonomizam e adquirem o caráter de representações coletivas duráveis, através das quais se classificaram e interpretaram, por parte de indivíduos e grupos secundários (em nosso caso a imprensa), os acontecimentos esportivos recentes.

Como resumo do expressado até aqui, podemos dizer que as representações coletivas são, então, geradas intersubjetivamente e datadas historicamente. Num momento posterior, elas são autonomizadas e adquirem um caráter coercitivo, porém limitado, estando sempre sujeito à aparição de representações contrárias. Através dessas representações, um grupo social enxerga a si mesmo e ao mundo ao seu redor, sendo fontes de significado que atuam como ancoragem das identidades sociais desses grupos.

Tais representações estão dotadas de eficácia social, brindando certa estabilidade nas interações sociais, ao mesmo tempo em que limitam o leque das identidades possíveis. Nesse sentido, ainda em tempos de identidades móveis e fragmentárias, manifestações resistentes como o nacionalismo esportivo fornecem uma ancoragem simbólica de identificação com uma identidade coletiva.

2.3 OS HERÓIS ESPORTIVOS ATRAVÉS DA MÍDIA

Uma das possíveis aproximações aos processos de construção de heróis esportivos é através do conceito de mito, o qual tem uma longa tradição na antropologia. Através de autores clássicos como Campbell (1997), tem-se abordado distintos tipos de mitos em povos originários, descrevendo o sistema de crenças que os conformam e os ritos através dos quais os mesmos se expressam, mas dando especial ênfase às funções que os mitos têm enquanto explicações do mundo. Nesse sentido, uma das funções dos mitos de origem é a de revelar modelos e fornecer um significado ao mundo e à existência humana. Também os mitos podem atuar como garantidores da ordem social estabelecidas, fornecendo modelos de conduta exemplares e cumprindo, então, uma função pedagógica nos processos de socialização (CAMPBELL, 1997).

O nosso interesse está focado num tipo especial de mito – o mito do herói. Segundo Campbell, podemos definir uma unidade básica do mito do herói, que se repete em todos os casos e se expressa num ciclo que compreende vários momentos: a saída do sujeito de seu mundo cotidiano; o perpasso por distintos limiares, onde encontrará desafios desconhecidos que testarão sua natureza heroica; e, finalmente, o retorno onde o herói volta ao lar com o elixir da vitória que redimirá o seu povo, proporcionando experiência e sabedoria pela autoconquista, encerrando o ciclo mítico (CAMPBELL, 1997).

Para Rúbio (2001), muitas características dos atletas podem ser comparadas às características dos heróis, relatadas através dos mitos. Tanto o atleta quanto o herói são enfrentados a uma jornada solitária e cheia de provas, para alcançar seus objetivos. No caso do atleta, pode-se pensar nos treinamentos e especialmente nas concentrações, onde se encontram afastados da família e das pessoas mais próximas. Ambos enfrentam, então, o isolamento e o distanciamento dos familiares, dos amigos e da sociedade (RÚBIO, 2001).

A vida esportiva apresenta constantemente uma série de provas que os aspirantes a heróis devem superar – como contusões, derrotas, *dopings* – para se constituírem como tais. Os atletas-heróis desempenham um papel de representação da comunidade, e seu sucesso pode ser atribuído ao fato de eles serem capazes de transpor obstáculos impossíveis de superar pela comunidade que os idolatra. Muitas vezes, a própria origem humilde do atleta potencializa esta identificação com a comunidade de referência, e contribui a formar o caráter de heróis ao poder reverter essa condição inicial desfavorável.

Da Matta (1982, p. 199) expressa claramente isto, ao considerar o arquétipo de herói brasileiro.

Sempre começamos com alguém muito pobre e desgraçado, alguém que está lá embaixo, nos porões do mundo social. E obviamente terminamos com sua ascensão social fulminante (...) Mas, é este ponto precisa ser bem acentuado, naquela personagem havia pobreza e desgraça, mas nunca mediocridade ou falta de nobreza. De fato, o sujeito estava muito bem marcado desde o início da estória por algum sinal particular, traço iniludível do seu caráter especial, sempre revelado por nós de modo substantivo.

As histórias heroicas são legitimadas por conquistas e pela mitificação dos sujeitos como protagonistas dessas vitórias, que privilegiam o cenário do desafio, da

batalha, da dor, do drama e da recompensa. Porém, o sucesso não é nunca isento de dificuldades; as derrotas reconstróem o sujeito, proporcionam-lhe experiência, preparando-o para novos desafios, fazendo com que fique fortalecido para lutar por novas conquistas. Assim, o atleta-herói aprende a persistir diante da derrota e supera dificuldades, o que o torna uma referência para outros indivíduos (RÚBIO, 2001).

O futebol atual tem no mito do herói um referencial de conduta, que aproxima os atletas da transcendência, ou seja, a quase condição de semideuses. Apresenta-se então uma narrativa mítica, a partir da superação dos obstáculos e da ênfase no esforço e no trabalho como forma de alcançar o sucesso. O candidato a herói deve mostrar perseverança, determinação, honestidade, coragem e altruísmo para alcançar o posto e se manter como tal.

A trajetória heroica é permeada por desafios que objetivam provar se o candidato ao posto pode mesmo exercê-lo. Tais batalhas consistiriam em demonstrar se o esportista está à altura da tarefa, se poderá suportar os perigos e se terá conhecimento, coragem e capacidade para transpor o desconhecido, tornando a jornada parte importante da vida (RÚBIO, 2001, p.171).

Segundo essas concepções, a sociedade necessita de heróis como modelos exemplares de conduta. O atleta-herói cumpre uma função social, indicando o caminho da superação pessoal, do trabalho duro e do confronto das dificuldades para alcançar o sucesso, colocando uma personagem mítica em arquétipo (CAMPBELL,1997).

Nesta mesma linha de trabalho, encontra-se a moderna literatura sobre as celebridades esportivas. Autores como Jackson (2001) enfatizam o caráter de “construção” das estrelas midiáticas, representando maneiras de atuar e pensar que sejam desejáveis numa sociedade.

Mesmo sendo pessoas normais, ou mesmo até sem exibir comportamentos especiais na maior parte da sua vida, os atributos que as transformam em celebridades são construídos social e midiaticamente (JACKSON, 2001). Jackson distingue celeridades de heróis, já que as celebridades são conhecidas por se constituírem numa grife em si mesmas, mas não necessariamente por nenhum logro em seu campo de atuação. Os heróis só adquirem essa categoria quando cumprem com toda a jornada definida anteriormente. Para Helal (2003), o caráter de herói não

é dado somente pelo fato de ser uma pessoa famosa, mas também por redimir a sociedade, ou parte dela, e ter uma missão que transcende a própria pessoa. Nesse sentido, o futebol como esporte agonístico se presta para a construção destes heróis, bem mais do que a música ou o cinema, que são produtores de “estrelas” (HELAL, 2003).

Essa noção está presente em várias das biografias analisadas. A causa das tendências do futebol moderno, no que diz respeito à crescente comercialização e espetacularização, aos esportistas de elite se lhes dedica uma grande atenção da mídia, a ponto de torná-los celebridades e, em alguns casos, atribuindo-lhes características míticas redentoras da comunidade. É o que aponta Archetti, ao tratar do caso de Maradona que, com um gol “trapaceiro” e outro genial frente à Inglaterra na Copa do Mundo no México 1986, redime a Argentina da derrota na guerra das Malvinas, poucos anos antes (ARCHETTI em JACKSON, 2001).

É importante a advertência de Jackson de não acreditar acriticamente na construção “neoliberal” dos heróis esportivos, já que isto obscurece os mecanismos ocultos de poder e capital social, que influem no fato de alguns poderem chegar a se constituir como esportistas de elite, enquanto outros não (JACKSON, 2001). Assim, embora o caráter de herói se apresente midiaticamente como resultado do talento natural e da capacidade de superar provas, existem também outros fatores que influem decisivamente para que um jogador possa alcançar essa condição (contatos em divisões formativas, capacidade do representante, heranças familiares, etc.). Adentrar nesta linha de análise e intentar desvendar estes mecanismos escapa aos interesses deste trabalho, mas deve ser considerado para não se pensar ingenuamente na constituição de esportistas de elite, como um fato que só depende do talento natural e o esforço.

A utilização deste referencial teórico sobre heróis esportivos e celebridades tem vários antecedentes. Sem pretender exaustividade, podemos citar para o Brasil as análises das figuras do Pelé (BASTHI, 2008), Mané Garrincha (BARTHOLLO e SOARES, 2009), Zico (HELAL, 2000), Romário (HELAL, 2003), Ronaldo (ALBUQUERQUE, 2013) e Neymar (GONÇALVEZ, 2012). Para o caso argentino, a figura de Maradona tem recebido as análises mais conhecidas neste sentido (ARCHETTI, 2001). Em todos estes casos, observa-se uma utilização do referencial

teórico do herói e um esforço para articular elementos da autoimagem da comunidade, relacionada à figura do esportista em questão.

O caso de Edson Arantes do Nascimento, *Pelé* trata se de talvez o maior jogador de todos os tempos, com três copas do mundo e mais de mil gols oficiais na carreira. Na obra *Pelé: estrela negra em campos verdes* (BASTHI, 2008) narra se a trajetória de vida do atleta, destacando suas origens humildes, sua infância desenvolvida num contexto de privações materiais nas pequenas cidades de Três Corações (MG) e Bauru (SP) e seu precoce envolvimento com o futebol.

A mudança a São Pablo após aceitar um convite para jogar no Santos Futebol Clube, marcaria o começo de uma trajetória esportiva de sucesso que o levaria cedo para a seleção brasileira, onde consagraria se ao obter a copa do mundo em 1958 (com apenas 17 anos), o bicampeonato em 1962 e o tri em 1970, além de duas taças libertadores e intercontinentais com o Santos, entre outros títulos (BASTHI, 2008).

As características comumente destacadas do Pelé, para além do “dom” natural para jogar futebol, são a dedicação, o aprimoramento e cuidado físico, assim como o comportamento exemplar fora do campo, se mantendo longe dos vícios em toda sua carreira, fato que o próprio Pelé faz questão de ressaltar (PELE; 2006).

A superação de diversas dificuldades, como não ter dinheiro para chuteiras e uniformes na infância, se sobrepôr à solidão e a saudade da família nos primeiros tempos no Santos e a experiência de diversas contusões (BASTHI, 2008) aparecem como provas para testar a sua condição do herói.

Por sua vez, a testemunha, relatada na sua autobiografia (PELE, 2006) do momento em que com dez anos, ao ver seu pai chorando abatido após a derrota brasileira em 1950, prometeu a ele que ganharia a copa para o Brasil introduze os elementos da missão redentora da sua comunidade e a predestinação do herói, se encaixando no estabelecido por Da Matta (1982) e Campbell (1967).

Destaca se também, já desde a década de 1960, uma permanente e intensa utilização da figura do Pelé como celebridade (JACKSON, 2001) e a inteligência do atleta, embora com alguns negócios não bem sucedidos no inicio, para aproveitar os lucrativos contratos publicitários com diferentes empresas através de diversos investimentos, o que lhe permitiu potenciar a sua imagem, diversificar suas

atividades e assim sustentar um padrão de vida alto uma vez aposentado dos gramados.

A trajetória de Pelé não escapou a controvérsias. Entre eles a conturbada vida amorosa, o reconhecimento tardio da filha Sandra Regina concebida fora do matrimônio, a reiterada negativa a utilizar sua condição de ídolo para se envolver mais ativamente frente a atos de racismo¹⁹ e reivindicações sociais, e o vínculo estreito com as altas autoridades da FIFA, onde o próprio atleta relata ter ajudado decisivamente na eleição de João Havelange como presidente da organização em 1974 (PELÉ, 2006).

Porem, segundo Basthi (2008) estes fatos são relegados a um segundo plano em face de sua mitificação como herói nacional sendo considerado *rei* do futebol e atleta do século..

O artigo sobre Mané Garrincha analisa, através de um texto biográfico de caráter jornalístico, a sua trajetória esportiva enquadrada no que seria o “verdadeiro” futebol brasileiro, desde uma concepção essencialista sobre identidade. Assim, Garrincha é tratado como o jogador que tinha o “dom” de jogar futebol, por ter como ancestrais índios e, precisamente por isso, era indomável. Estes antecedentes étnicos servem para interpretar a suposta inadequação de Garrincha aos esquemas táticos e à consequente falta de disciplina e ascetismo, que requer o *ethos* de um atleta profissional²⁰ (BARTHOLLO e SOARES, 2009). A trajetória individual de Garrincha acabaria por revelar um modelo de identidade do futebol brasileiro, que se pretende hegemônico contrapondo o dom ao esforço e à disciplina. Porém, os autores questionam este mito do dom sem sacrifício, recordando que mesmo sem ter uma moral ascética esportista e com excessos vários, Garrincha fez grandes sacrifícios para treinar no Botafogo, saindo de Pau Grande, sua cidade natal, para ganhar massa muscular através de exercícios físicos (BARTHOLLO e SOARES, 2009).

O caso de Zico é bem diferente. Ao invés do modelo de “dom sem esforço”, o jogador aparece retratado como herói esforçado, que teve de superar uma série

¹⁹ Recentemente, frente a atos de Racismo sofridos pelo goleiro Aranha do Santos, Pelé recomendou não agir frente as provocações, o que foi severamente questionado.

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/09/pele-sobre-participacao-brasileira-na-copa-do-mundo-um-desastre.html> Acesso 10/03/15.

²⁰ Nelson Rodrigues já afirmava isto na sua crônica “Garrincha não pensa” (RODRIGUES, 1993).

sempre renovada de obstáculos para poder vencer. Através da narrativa biográfica, detalham-se esses obstáculos e a forma em que foram superados, o que seriam provocações concebidas para avaliar se o aspirante a herói teria as condições necessárias para efetivamente se tornar um (HELAL, 2000).

Nesse sentido, “A superioridade de Zico em relação aos outros mortais encontra-se mais na forma com que enfrenta os desafios, os obstáculos e as perdas que a vida impõe, de que em seu talento extraordinário para jogar futebol” (HELAL, 2000, p. 107). A figura de Zico contrasta com o arquétipo tradicional de herói do futebol no Brasil, conforme descrito por Da Matta (1982), estando associado a elementos identitários como malandragem, ginga e quebra da cintura. Embora indubitavelmente talentoso, Zico se torna um herói por conta do trabalho e dedicação, sendo seu caso mais semelhante com a construção de heróis em sociedades anglo-saxônicas. Mesmo contrariando o padrão hegemônico, esta seria também uma vertente brasileira de heroização (HELAL, 2000).

Para o caso de Romário a análise foca na cobertura midiática do jogador na partida contra o Uruguai nas eliminatórias e na Copa do Mundo de 1994 – partida para a qual é convocado após estar afastado do time por problemas disciplinares. Romário aparece com uma missão, veiculada pela imprensa e depois autoatribuída pelo jogador, a partir de suas declarações de “salvar o país”. Este retorno é classificado pela imprensa como o retorno do “verdadeiro futebol brasileiro” à seleção (HELAL, 2003). Após fazer dois gols contra o Uruguai e classificar a equipe para a Copa, descreve-se como durante a competição, a pressão sobre a missão de Romário vai ganhando um novo contorno: o atleta deveria, além de ganhar a Copa, fazer a seleção jogar o “verdadeiro” futebol brasileiro. Romário passa a ser considerado o único jogador capaz de resgatar a “brasilidade” da seleção. Após a vitória, o jogador é batizado pela mídia como “o herói do tetra”, retornando ao lar com o sucesso e a redenção alcançada (HELAL, 2003).

O caso do Ronaldo talvez seja a síntese entre os modelos de heróis assinalados. Trata-se de um jogador com bastante habilidade para jogar o dito futebol do supostamente essencial jeito brasileiro, mas ao mesmo tempo, a imprensa ressalta constantemente seu caráter esforçado, ao voltar a jogar com sucesso após sérias lesões e prolongadas inatividades (ALBUQUERQUE, 2013).

Focando nos últimos anos da carreira (2008-2011), no regresso ao Brasil para jogar pelo SC Corinthians Paulista, o trabalho de Albuquerque (2013) sublinha a tentativa midiática de atrelar a imagem do atleta-herói, caracterizado pela perseverança e determinação, a um clube de origem e base social popular que se encontrava numa profunda crise esportiva, pela qual foi rebaixado a série B no ano de 2007. A chegada do esportista ao clube paulista se referia a uma estratégia de *marketing*, visando associar a imagem de superação carregada pelo atleta, ao clube que retornava à elite do futebol brasileiro (ALBUQUERQUE, 2013).

As atuações do jogador eram constantemente destacadas pela imprensa, com ênfase nos títulos da copa do Brasil 2009 e do Campeonato Paulista no mesmo ano. Porém, junto ao destaque para as conquistas do herói, o autor aponta o que chama de “vilanização” de Ronaldo, após os fracassos na Copa Libertadores 2010 (quando o clube pretendia comemorar seu centenário com o título inédito) e 2011, após não classificar a fase de grupos.

Com o não cumprimento da expectativa depositada no futebol do esportista, as críticas pelo desempenho caracterizavam a vilanização do atleta. ..O fracasso identifica o sujeito que não cumpriu o que se esperava dele. O protagonista, do qual todos aguardam a solução do problema, é culpabilizado quando uma derrota inesperada acontece. Isso colabora para refletirmos sobre o porquê de o jornal retratar o fato através das imagens de Ronaldo, já que suas experiências positivas e negativas o credenciavam a assumir a responsabilidade pelo resultado (ALBUQUERQUE, 2013, p. 98-101).

Antes que seu rendimento declinasse ainda mais e sua condição heroica pudesse ser questionada, o jogador anuncia o encerramento de sua carreira profissional, alegando problemas de saúde. O pronunciamento de Ronaldo visava reverter a imagem negativa perante os agentes do campo esportivo. Ao atrelar a baixa performance a questões como hipotireoidismo e lesões, o jogador procurou se isentar de qualquer responsabilização por falta de cuidado com a sua forma física, ou pelo baixo rendimento (ALBUQUERQUE, 2013).

A recente monografia do Gonçalves (2012), sobre o caso de Neymar Jr., é interessante na medida em que chama a atenção para a construção midiática do jogador não como herói mas como “garoto-propaganda” na linha da constituição das celebridades esportivas segundo Jackson (2001).

Gonçalves cita diversas pesquisas que demonstram que Neymar é o esportista brasileiro mais "rentável" da atualidade. Com uma alta exposição midiática²¹, consegue facilmente estabelecer modas nos cortes do cabelo, nas gírias, nos acessórios e chega até a deslanchar a carreira de artistas, em caso de utilizar sua música numa dança comemorativa de um gol (GONÇALVEZ, 2012).

Apointa-se que a "produção social" de uma estrela não é um fato espontâneo, mas envolve muitas pessoas que gerem distintos aspectos da mesma. Desde representação, publicidade, comunicações, aparência (estilistas, maquiadores, cabeleireiros), serviços legais e financeiros (advogados, consultores de investimentos), entre outros. Nesse sentido, embora a espontaneidade e criatividade aparentes do seu jeito "moleque", nada na imagem de Neymar é deixado ao acaso. A sua imagem é gerenciada por duas grandes empresas especializadas em captação de imagem e patrocínio, a IMXTalent e a 9nine, comandadas pelo empresário Eike Baptista e Ronaldo respectivamente. Os contratos com dez grandes marcas em diversos âmbitos de atuação, que transmitem diversas representações sobre Neymar (como celebridade, craque inventivo, esportista e até símbolo sexual), demonstram que os valores que pode transmitir uma figura esportiva são diversos e respondem a distintos interesses (GONÇALVEZ, 2012).

Para o caso da Argentina, o herói futebolístico por excelência é Diego Maradona. Em linhas gerais, Maradona se encaixa perfeitamente no modelo clássico resenhado de herói, tendo nascido em uma situação econômica desfavorável e superando as dificuldades através do seu talento no futebol. Sua ascensão ao Olimpo dos heróis se consumou com a vitória da Argentina na Copa do Mundo de 1986. Tanto Alabarces e Rodriguez (1998) como Archetti (2001) enfatizam o simbolismo atribuído pela imprensa esportiva aos gols no jogo contra a Inglaterra. Um gol de elevada fatura técnica e outro feito com a "mão de Deus" simbolizariam a vitória da "viveza criolla", o "potrero" e a astúcia frente à máquina inglesa, automatizada e previsível. O jogo adquiriu também um caráter político reivindicativo importante para a autoimagem nacional, pois estava ainda recente a guerra perdida para a Grã-Bretanha, pelo controle das Ilhas Malvinas (ARCHETTI, 2001).

²¹ Contando as participações em clipes musicais estão: Banda Versus Murphy, Michel Teló Alexandre Pires, Emeicida, Ao Cubo da Graça Music, João Lucas & Marcelo e participações em shows de Gustavo Lima, Michel Teló, Exaltasamba, Tiaguinho e Parangolé, entre outros. Apareceu também nos programas de TV Malhação e Carrousel (GONÇALVEZ, 2012).

Nas últimas rodadas das eliminatórias para a copa de 1994, a Argentina complica suas chances de qualificação, surgindo o clamor por parte do jornalismo para que Maradona voltasse, que estava afastado da seleção. Nesse sentido, como no caso de Romário para o Brasil, o retorno do herói é o que daria esperança para a nação em termos futebolísticos, resgatando o potrero e a argentinidade (ARCHETTI, 2001). O autor mostra as considerações midiáticas sobre Maradona como a encarnação de potrero fora do campo, que explicaria seu comportamento, a sua não-adesão às regras e, portanto, o isentaria de culpa.

A queda de Maradona em 1994 por *doping* deixou os argentinos como órfãos, privados desse ídolo nacional. Archetti tentar mostrar que Maradona não era um esportista comum senão que, independentemente da sua qualidade técnica, era parte de um sistema cultural que produz "heróis" com características singulares (ARCHETTI, 2001).

Nos últimos anos, a irrupção de Lionel Messi no cenário mundial e sua consolidação como melhor jogador do mundo, poderiam supor a emergência do herdeiro de Maradona no papel de herói nacional argentino. Porém, num recente artigo, Alabarces (2013) analisa as razões pelas quais isto não aconteceu. O autor aponta que o fato de Messi nunca ter atuado na primeira divisão do futebol argentino, impede a construção de uma heroicidade de caráter "nacional", transformando Messi numa celebridade global, desterritorializada ou com uma re-territorialização marcada pelo seu clube: o Barcelona (ALABARCES, 2013). Por outro lado, a ausência na sua biografia de um contexto de privações na infância, inibe a exploração da narrativa de ascensão social, a qual, como visto com Da Matta (1982), é um elemento presente nas construções mais típicas de heroicidade esportiva.

O contexto político estável na Argentina não habilita a sua construção discursiva como herói que cumpre com a vingança da derrota na guerra das Malvinas, como fez Maradona com seus gols na Copa do Mundo México 1986. Por fim, a qualidade futebolística de Messi é basicamente um produto de anos de aperfeiçoamento técnico e treinamento especializado no Barcelona, o que contrasta com a imagem da "viveza criolla" e irreverência do potrero, própria do "Pibe" que encarnava Maradona (ALABARCES, 2013).

Assim, conclui-se que, embora sejam comparáveis pela qualidade técnica, este atributo é insuficiente para encarnar um mito nacionalista e patriótico. “Messi, desprovido dos desgarramentos e conflitos de um Maradona, não consegue articular o relato esportivo da pátria. Embora ganhasse uma Copa do Mundo, nunca será outra coisa que um bom garoto, mas não um *pibe*” (ALABARCES, 2013, p. 42 – Tradução Nossa²²).

Em todos os casos aqui resenhados, cumprem um papel fundamental os meios de comunicação, entendidos como agentes de socialização secundária, os quais são fornecedores de ideologias, representações, valores e comportamentos ideais a serem seguidos por um determinado público. Ao mesmo tempo, refletem as ideologias e representações que estão operando em seu meio social de referência.

O conceito de articulação utilizado por Kellner (2001) nos ajuda a conceituar essa relação de mão dupla entre a mídia e o seu meio social.

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade [...]. Os estudos culturais delineiam o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores e representações de sexo, raça e classe na sociedade e o modo como esses fenômenos se inter-relacionam. Portanto, situar os textos culturais em seu contexto social implica traçar as articulações pelas quais as sociedades produzem cultura e o modo como a cultura, por sua vez, conforma a sociedade por meio de sua influência sobre indivíduos e grupos (KELLNER, 2001, p. 39).

Para o autor, um estudo completo da mídia deve combinar análise da produção e da economia política dos textos; análise e interpretação textual e análise da recepção por parte do público, bem como de seu uso na cultura da mídia. De modo geral, tenta-se problematizar o modo em que as imagens da cultura da mídia são importantes, tanto pelo modo como são construídas e tratadas, quanto pelos significados e valores que transmitem; opondo-se, portanto, ao formalismo pós-moderno que, coerente com sua ênfase na dissolução das estruturas e dos significados que a época contemporânea apresentaria, abstrai o conteúdo ideológico das imagens transmitidas pela mídia, postulando a destruição do significado e da identidade (KELLNER, 2001).

²² “Messi, entonces, desprovisto de los desgarramientos y los conflictos de un Maradona, no puede articular ese relato deportivo de la patria. Aunque gane una Copa del Mundo, nunca será otra cosa que un buen chico. Pero nunca un *pibe*”.

Entendemos que a importância desta perspectiva é o que nos leva a evitar duas interpretações simplistas da mídia: por um lado, uma visão apocalíptica, segundo a qual a mídia é considerada como aparelho ideológico do Estado, reproduzidor da ideologia dominante que procura mistificar e distorcer a realidade, de acordo com interesses políticos ou econômicos. Por outro lado, a postura antagônica de avaliar os meios de comunicação e seus conteúdos como simples entretenimento, pretensamente alheios a intenções e interesses particulares. Sem tomar partido por nenhuma destas interpretações, o autor afirma que são os estudos empíricos específicos que irão determinar o caráter dos meios de comunicação em cada caso, a partir de uma perspectiva de articulação com seu meio social de referência (KELLNER, 2001).

Pensando em nossos objetivos de pesquisa, procura-se identificar através das biografias e matérias jornalísticas, as características de alguns jogadores uruguaios que são apresentados como celebridades, e até heróis, por diferentes virtudes futebolísticas e extra-futebolísticas, que se apresentam como desejáveis socialmente por parte do jornalismo esportivo. A escolha de jogadores específicos é dada pelo fato de serem os mais visíveis do período analisado, ocupando a maioria das matérias jornalísticas, ao mesmo tempo em que são os principais apontados no período de crise esportiva – o processo descrito pela teoria como “vilanização” dos heróis.

Os três conceitos-chaves desenvolvidos até aqui conformam o arcabouço teórico geral da dissertação, através do qual procuraremos alcançar os objetivos formulados. No próximo capítulo, propõe-se contextualizar a pesquisa por meio de um histórico sobre a identidade uruguaia de forma geral, focando especificamente no papel do futebol na sua construção e reprodução.

3 TRAÇOS CULTURAIS E INSTITUCIONAIS DO URUGUAI: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

Descrever as principais características culturais de uma nação não é uma tarefa simples. Pode-se tentar realizar uma periodização visando às mudanças dos regimes políticos-institucionais ou a identificação de datas importantes socialmente, por algum motivo. No entanto, de acordo com Elias (1997), é necessário reconstruir o *habitus nacional* historicamente, ver como evoluem as autoimagens resultantes das diferentes configurações sociais sob uma perspectiva de longa duração, na qual se podem distinguir pontos de inflexão específicos. Neste sentido, o Uruguai apresentaria certas características históricas e geográficas, que o convertem num caso singular no contexto regional e requerem uma análise em termos da autoimagem nacional. Segundo Achugar e Caetano (1992, p. 79),

Para os uruguaios, por muitas razões que diz respeito ao seu processo histórico- a relativa fraqueza das bases materiais de sua configuração estatal, sua localização geográfica como um país pequeno entre dois gigantes, o peso de seus modelos de associação política no desenvolvimento de suas histórias e seus referentes coletivos, a baixa densidade de impulsos endógenos de sua sociedade civil, etc. o problema central da auto-identificação nacional não passou tanto pelo SER, mas por como IMAGINAR-SE (Tradução Nossa)²³.

Assim, neste capítulo, propomos uma breve contextualização histórica daqueles traços que a bibliografia uruguaia assinala como as principais marcas deste *habitus*, relacionado à com a posição social e demográfica do país, assim como as suas particularidades institucionais. O objetivo é que a presente contextualização permita a compreensão do papel específico do futebol nestes processos de construção da identidade nacional.

Para o antropólogo Renzo Pi Hugarte (1998), podem ser apontadas duas grandes particularidades históricas do Uruguai, em relação ao contexto latino-americano: uma relativamente curta existência como nação e um grau significativo de influências externas, especialmente europeias, na sua formação nacional.

²³ “Para los Uruguayos, por múltiples razones que hacen a su proceso histórico- la debilidad relativa de las bases materiales de su configuración estatal, su ubicación geográfica como país pequeño entre dos gigantes, el peso de sus modelos de asociación política en la elaboración de sus relatos y de sus referentes colectivos, la escasa densidad de los impulsos endógenos de su sociedad civil, etc.-el problema central de su autoidentificación nacional no ha pasado tanto por el SER sino por el cómo IMAGINARSE”.

Nesse sentido, comumente se refere ao processo de colonização do Uruguai como “fraco e tardio” (REAL DE AZUA, 1973). O território da “banda oriental”, como era conhecido, chegou a ser definido como terra “sem valor nenhum” pelos colonizadores espanhóis, obcecados com o ouro e as riquezas minerais de outros territórios americanos. Somente depois que se descobriu a potencialidade da criação prodigiosa de gado, a banda oriental passou a ser de interesse para o colono (PI HUGARTE, 1998).

Do ponto de vista de sua composição social, o desaparecimento precoce do elemento indígena (questão que trataremos mais adiante) deu ao Uruguai uma fisionomia predominantemente "branca", se compararmos com outros países da região, sendo que relativamente poucos traços culturais dos povos indígenas juntaram-se à cultura nascente (PI HUGARTE, 1998, p. 36).

Nas primeiras décadas do Século XX, esta relativa homogeneidade étnica, a particularidade de ser um país quase totalmente urbano com metade da população na capital Montevideu e um meio rural despovoado (PELLEGRINO, 2010), combinada com períodos de conjunturas econômicas favoráveis e uma estabilidade política e institucional atípica na região, alimentariam uma autoimagem mítica do Uruguai como sendo um país de avançada, civilizado, branco e europeu (ACHUGAR, CAETANO, 1992). Se alcunham as expressões “Suíça da América” e “Atenas do Prata”, para caracterizar este sentimento de diferença e superioridade face ao resto da América Latina. Autoimagem que era ainda reforçada pelos olhares externos do período²⁴, contribuindo ao processo de identificação/diferenciação nas construções identitárias segundo o que apontamos no capítulo anterior.

Em uma obra de caráter oficial, alusiva ao centenário da república e patrocinada pelo ministério de relações exteriores, podiam-se encontrar testemunhos como a seguinte: “O Uruguai é o único país da América que não tem população indígena, sendo quase todos seus habitantes brancos. Não apresenta os problemas perturbadores do índio ou do negro, de grande preocupação para a maioria das nações americanas” (Nin y Silva, 1930 apud ACHUGAR e CAETANO,

24

Ver: <<http://select.nytimes.com/gst/abstract.html?res=F40F12F73B5A1A7B93C1A9178AD85F458585F9>>. Acesso em: 12 mai. 2014.

1992, p.95, –Tradução Nossa)²⁵.

A nascente cultura crioula começaria a se formar nos tempos da colônia espanhola, constituída em grande parte por estas características dos colonos e, posteriormente com a importante presença do fluxo de imigração “gringa” (espanhóis, italianos, basco-franceses, ingleses) que deixaram seu legado na cultura uruguaia por meio de ritmos musicais como o tango (derivação de ritmos italianos) bem como atividades esportivas como o futebol e o rúgbi.

Paralelamente, e questionando os excessos da autoimagem oficial, observa-se a constante presença de negros no Uruguai já desde os tempos da escravidão (abolida por lei em 1842) e nos anos posteriores. Apesar de não ter dados oficiais que ilustrem a ascendência racial da população até a última edição do censo de 2011²⁶, enquetes de lares apontam que se trata da minoria étnico-racial de maior peso populacional no país. Embora sem ter representado na história uma presença numericamente importante²⁷, tiveram e têm influência marcante na formação da identidade cultural uruguaia, deixando como principal legado cultural o ritmo musical do “candombe”, reconhecido pela UNESCO como patrimônio cultural imaterial da humanidade em 2011²⁸, além de terem historicamente participação destacada no futebol e outros esportes como o atletismo. De fato, o Uruguai foi a primeira seleção de futebol a ter negros no seu time profissional, o qual era condenado pelo restante dos países (GALEANO, 2004). O exemplo mais conhecido desta destacada presença esportiva foi o caso do Jose Leandro Andrade, “a maravilha negra”, campeão olímpico com Uruguai em 1924, 1928 e mundial em 1930, mas também campeão nacional de atletismo na modalidade de 100 metros.

Porém, Morales (2013) aponta a hipótese de uma certa *invisibilização* do negro no esporte uruguaio. Segundo este autor, a presença de jogadores negros no começo do Século XX se insere no estilo “crioulo” de jogar, que, como apontaremos

²⁵ El Uruguay es el único país de América que no tiene población indígena, siendo casi todos sus habitantes de raza blanca. No se le presentan los inquietantes problemas del indio o del negro, que tanto preocupan a la generalidad de las naciones americanas.

²⁶ A pergunta sobre ascendência racial foi inclusa no censo de 1852, mas as limitações técnicas da época no que diz respeito ao relevamento e processamento de dados e o contexto de escravidão não permitem tomar os resultados como confiáveis.

²⁷ O último censo populacional em 2011 indicou que apenas 8,1 % da população uruguaia manifestava ter ascendência negra. Disponível em: <http://www.ine.gub.uy/biblioteca/Atlas_Sociodemografico/Atlas_fasciculo_2_Afrouruguayos.pdf>.

Acesso em: 20 ago. 2014.

²⁸ Ver: <<http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=es&pg=00011&RL=00182>>.

no próximo capítulo, era conceituado como diferente do jogo físico e mecânico dos europeus. Em definitiva, tratavam-se de jogadores diferentes por praticar um estilo crioulo de jogar, mas não por nenhuma característica físico singular, como a cor de pele. Teria que se esperar até as construções discursivas sobre o “negro chefe” Obdulio Varela, para ter uma valoração heroicizada de um jogador com base, junto com características anímicas, na sua cor de pele (MANCUSO, 1973).

Aliás, é como acontece também em outros contextos nacionais, esta presença destacada do negro no âmbito cultural e esportivo tem historicamente atuado como compensatória pelo papel inferior em que se posiciona em outros âmbitos da sociedade. Pesquisas recentes do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), assim como do Instituto Nacional de Estatística e a Universidade da República (INE-FCS), reportam que os afrodescendentes apresentam desempenhos e condições de vida comparativamente piores do que o resto da população uruguaia. Alguns indicadores básicos desta situação socialmente desfavorável dos afrodescendentes são a sobrepresença nos estratos econômicos mais baixos (em 2012, a incidência da pobreza na população afrodescendente foi 27,2%, enquanto na população total foi de 12,4%); menos anos de educação em média que a população não afrodescendente (somente 10,6% da população afrodescendente assiste a educação universitária enquanto 23,1% entre a população não afrodescendente); maior presença em lares com uma ou mais necessidade básica insatisfeita; e uma ausência histórica da população negra em certos cargos de poder, o que segundo estes informes, pode ser interpretado como a evidência de “barreiras ocultas” para chegar àqueles (PNUD, 2013; INE-FCS, 2013).

Como apontado por Elias (1997) e Hall (2005), as identidades nacionais são produto de uma série de tensões sociais e descrevem uma estrutura de poder. A bem sucedida formação cultural e transformação intergeracional de um sentimento unificado de identidade nacional, implica o silenciamento de outras possíveis identidades pré-existentes. Neste sentido, para a autoimagem hegemônica proposta pelos discursos totalizantes da nação como entidade homogênea. Índios, gaúchos, afrodescendentes e imigrantes europeus eram tratados como grupos, cujas características culturais deviam permanecer num segundo plano, sendo a identidade dominante o ser "Uruguaio". Um artigo de Guigou (2010) mostra a

difusão dos estereótipos sobre os diferentes grupos sociais, nos textos escolares de fim do Século XIX e começo do XX. Nesses textos, o gaúcho aparece como semisselvagem, sendo o elemento mais tipicamente crioulo, síntese entre o colono e o índio, que deve ser “civilizado” e urbanizado através da educação, mas sem perder seu vigor e astúcia essenciais. Por sua vez, os índios aparecem como um elemento pré-moderno e ultrapassado no estado civilizacional do Uruguai, sendo caracterizados como selvagens que habitavam o país antes dos tempos de modernização. O negro é mencionado sempre em posições sociais subalternas, responsável por trabalhos domésticos, cozinha, etc. O imigrante europeu, pelo contrário, aparece venerado como trabalhador e colocado como responsável, junto com o crioulo do desenvolvimento da nação (GUIGOU, 2010).

Na linha de reconhecimento dos diferentes grupos populacionais do Uruguai no começo do Século XX, algumas pesquisas antropológicas e históricas recentes vieram questionar os excessos da autoimagem de “país branco e europeu”, introduzindo a importância que tiveram as culturas subalternas na configuração social nacional naqueles anos, e suas heranças culturais e até mesmo genéticas, reclamando a consideração do Uruguai como um país pluriétnico e plurirreligioso (PORZECKANSKI em ACHUGAR e CAETANO, 1992). Também das manifestações populares uruguaias se faz referência aos excessos desta autoimagem nacional²⁹.

Porém, é interessante notar que recentes estudos empíricos de opinião pública (GUIGOU, 2009) sugerem que, mesmo quando hoje se está disposto a reconhecer em maior grau a presença e a influência cultural de negros e indígenas no país, ainda é muito forte a permanência desta autoimagem dos uruguaios como país “excepcional” e mais europeu do que o resto, quando visualizado no contexto de América do Sul. Ao nosso entender, isto evidencia a vigência de um *habitus nacional* resistente, que aparece sedimentado na consciência dos indivíduos (ELIAS, 1997).

A nível institucional, a longa história do processo de independência até a declaração formal em 1825 e a celebração da primeira constituição em 1830, foi marcada pelas constantes lutas contra a dominação espanhola primeiro, e luso-brasileira depois. Nestas lutas, surge a figura excludente de José Gervasio Artigas,

²⁹ A música “No somos Latinos”, do conjunto uruguaio El Cuarteto de Nos, faz de forma irônica referência a esta autoimagem nacional. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=WXRvUZZ5Ing>>. Acesso em: 08 out. 2014.

considerado o prócer nacional e a quem os livros de história escolar têm atribuído tradicionalmente o papel de “*pai fundador*” da pátria.

As qualidades de Artigas e as circunstâncias de sua época o transformam numa figura histórica, que serve efetivamente como um símbolo da unidade nacional por apresentar características desejáveis para todo o espectro político social. Os militares exaltam suas habilidades como estrategista e líder marcial; os liberais a sua luta pela liberdade individual contra a opressão; os nacionalistas como um defensor da nação face às pressões externas; a esquerda a sua consciência social e preocupação com os desfavorecidos.

Porém, a caracterização como “*pai fundador*” da pátria está longe de ser historicamente precisa, pois o imaginário Artiguista era marcadamente federalista, não sendo concebível nele o Uruguai como país independente, senão que a sua intenção sempre foi formar as “Províncias unidas del Rio de la Plata”, junto com algumas províncias do que é hoje o interior argentino, para enfrentar politicamente o centralismo portenho. A apropriação interessada da história e a necessidade de promover de maneira simples e eficaz um sentimento nacionalista uruguaio, através de uma figura forte como herói levaram a esta manipulação histórica da figura do José Artigas. Esta inconsistência vem sendo rebatida pelos historiadores especializados há um bom tempo (REAL DE AZUA, 1991; VAZQUEZ FRANCO 1994), mas continua ainda sendo ensinada nos textos escolares e amplamente presente no *senso comum* nacional.

Estes processos refletem a fraqueza da base histórica e material do nascimento do país, o que nem sempre aconteceu com outros países latino-americanos. É um lugar comum na historiografia uruguaia dizer que o Estado precedeu a nação ou, o que é o mesmo, que “O Uruguai existiu antes que os uruguaiois” (ACHUGAR e CAETANO, 1992), como símbolo das dificuldades de criação de um imaginário nacionalista extensamente aceito, ou pelo menos hegemônico.

Podemos pensar com Real de Azua (1991) em duas grandes teses contrapostas sobre o processo de independência: aquelas que veem a independência uruguaia como uma necessidade e aquelas que a consideram uma fatalidade.

A tese da necessidade confere a existência de uma predestinação para a

independência no povo uruguaio, uma vontade autonômica primária que encontrava-se latente e permanece firme perante as diversas contingências históricas. Segundo esta visão, no federalismo artiguista se encontraria o germe da nacionalidade uruguaia (REAL DE AZUA, 1991).

Por sua vez, a tese de fatalidade considera o Uruguai como um país “inventado” pela Grã Bretanha, para atuar como “estado tampão” entre Brasil e Argentina, e cuja independência, mais do que conquistada pelas armas, foi concedida segundo estes interesses diplomáticos externos. A base desta visão encontra-se na chamada Convenção Preliminar de Paz, firmada no Rio de Janeiro em 1828, quando, com a mediação da coroa britânica, declarou-se o estabelecimento da Província Oriental, independente tanto das Províncias Unidas do Rio de la Plata quanto do império do Brasil³⁰. A Convenção apresentava uma série de carências e lacunas no seu texto, como não estabelecer os limites legais de território e deixar a nova nação sob a tutela das partes assinantes, o que será interpretado historiograficamente como uma fraqueza institucional (REAL DE AZUA, 1991).

O ministro plenipotenciário de Inglaterra e artífice da Convenção de Paz, Lord Ponsomby, defendia a criação do Uruguai como país independente, na correspondência enviada à coroa britânica, na qual sublinhava a necessidade de criar um estado tampão que fosse o “algodão entre dois cristais”. Alberto Methol Ferre, um dos principais historiadores estudioso destas questões, aponta:

Não tem uruguaio que não saiba, no fundo do coração, que o Uruguai nasceu para a história como “estado-tampão”. É um fantasma persistente, não removível pelas determinadas acrobacias para eliminá-lo da nossa velha historiografia. É o saber mais intensamente reprimido, esquecido no inconsciente por ser o mais perturbador. E é essa vulgaridade que geralmente não é levada em conta como um ponto de partida para uma reflexão consciente sobre nós mesmos (METHOL FERRE, 1967, p. 2 – Tradução Nossa)³¹.

³⁰ Em 1825, já a Declaratória da Independência teria se declarado Uruguai independente do império do Brasil, mas ainda parte integrante das Províncias Unidas do Rio de la Plata.

³¹ “No hay uruguayo que no sepa, en el fondo del corazón, que el Uruguay nació a la historia como ‘Estado Tapón’. Es un fantasma persistente, no eliminable por las empecinadas acrobacias para censurarlo de nuestra vieja historiografía. Es el saber de todos más intensamente reprimido, abismado en el inconsciente por ser el más perturbador. Y esa vulgaridad es la que vulgarmente no se toma en cuenta, como punto de partida consciente para una verdadera reflexión sobre nosotros”.

A incapacidade para assumir esta realidade de país “inventado” e escolher a versão mítica de um país gerado pela corajosa épica artiguista contra o invasor espanhol e luso-brasileiro, é, segundo esta visão, uma das grandes “acrobacias históricas” funcionais a gerar e manter uma autoimagem positiva dos uruguaios (METHOL FERRE, 1967).

Para Real de Azua (1991), estabelecer se o Uruguai se tornou independente por uma “concessão graciosa”, ou pelo próprio esforço, é uma falsa antítese. Examinando as configurações sociais de atores e interesses variáveis, a independência nacional aparece como uma possibilidade entre várias, adotada com diferentes graus de entusiasmo por diferentes atores: “Nem um extremo nem o outro, senão que ambos em parte, e ainda outros fatores são considerados necessários para dar conta dos processos pelo quais o Uruguai se tornou uma nação independente em agosto de 1828” (REAL DE AZUA, 1991, p. 177 – Tradução Nossa³²).

Como dito no início, outro dos elementos fundadores desta autoimagem é a estabilidade das instituições democráticas. A “brevidade” das tiranias e o envolvimento tardio do exército na política têm sido observado por vários historiadores como uma característica distintiva uruguaia (BARRÁN, 1998). O exército sempre foi controlado pelos partidos políticos no poder. Mesmo durante o período militarista de Lorenzo Latorre e Máximo Santos (1876-1886), observa-se que ambos foram membros destacados do partido colorado dominante, ou seja políticos.

Pode-se falar, então, de uma matriz política liberal e estadocêntrica na evolução histórica nacional, como um fenômeno de longa duração, que viria a ser interrompido apenas brevemente na ditadura de Gabriel Terra (1933-1938), antes da quebra definitiva na ditadura civil-militar (1973-1985).

Segundo Barrán (1998), as razões para a persistência dessa matriz na história uruguaia são variadas e estão relacionadas com características de longo prazo da cultura, sociedade e economia. Esta estabilidade institucional e constitutiva do mito da “Suíça de América”, na medida em que contrasta com os violentos vaivens políticos do resto dos países latinoamericanos.

³² “No un extremo ni el otro sino ambos em parte, y aun otra serie de factores, son necesarios considerar para resolver los procesos por el cual el Uruguay se convierte en una nación independiente en agosto de 1828”.

As resistentes metáforas da “sociedade amortecedora e hiper-integrada” e o Uruguai como “país de cercanias” propostas por Real de Azua (1973), referem-se precisamente a esta persistência da matriz estadocêntrica no *habitus nacional* e à centralização das responsabilidades no Estado para resolver os possíveis conflitos sociais, os quais dessa forma nunca chegam a explodir violentamente³³. Assim, , fatores como a fortaleza do sistema partidário e a debilidade política das classes dominantes possibilitam esta capacidade do estado de amortecer as tensões sociais (REAL DE AZUA, 1973).

Em síntese, pode-se caracterizar o Uruguai como um país com população composta historicamente por uma mistura entre imigrantes “gringos”, crioulos, negros (num lugar subalterno) e com um precoce extermínio do elemento indígena. Esta pretensa homogeneidade racial e de origem era considerada, pelas elites da época, como benéfica enquanto facilitava a integração social, ampliava as bases do cosmopolitismo e melhorava a condição cultural do país (ACHUGAR e CAETANO, 1992). Adicionando a isto uma forte estabilidade institucional, alimentou-se uma autoimagem da “Suíça da América” excepcional no contexto regional, sintetizada no ditado popular “como o Uruguai não há”, o que por vezes se traduz num sentimento de superioridade que coloca a Uruguai de frente para a Europa e de costas para a América Latina.

Observando outros trechos do citado Livro do Centenário, aparece claramente este sentimento iluminista e diferenciador do Uruguai no início do Século XX:

Propomos a resumir a marcha vitoriosa do país através das vicissitudes que venceu a nossa nacionalidade para consolidar o império das suas instituições democráticas e liberais [...] Terra de realização e progresso é o Uruguai, em contacto permanente com as nações civilizadas do mundo, recebe delas a influência renovadora do pensamento e da cultura universal e caminha com o ritmo pulsante de um povo jovem (Nin & Silva, apud ACHUGAR, CAETANO, 1992, p 87 – Tradução Nossa).³⁴

³³ Para o autor, esta não é uma característica necessariamente positiva, já que o “amortecimento” implica também conformismo, lentidão e freios às tendências de mudança social (REAL DE AZUA, 1973).

³⁴ “Proponemos compendiar la marcha victoriosa del país a través de las vicisitudes que venció nuestra nacionalidad para consolidar el imperio de sus instituciones democráticas y liberales Tierra de realización y progreso es el Uruguay, en contacto permanente con las naciones civilizadas del mundo, recibe de ellas la influencia renovadora del pensamiento y cultura universal y marcha con ritmo palpitante de pueblo joven”.

Porém, trata-se também de um país com uma colonização “fraca e tardia” e com um processo de independência conturbado que, embora seja herdeiro de um longo período de lutas armadas, foi em parte também concedido nas oficinas diplomatas e movida por interesses estrangeiros.

O Uruguai atravessou então os "tempos difíceis" desde Artigas até a tríplice aliança [...] a uma "nação". Ou melhor dito, a uma semicolonía privilegiada que sentiu se nação, pois formou uma verdadeira comunidade. O Uruguai deixou de ser problema e sentiu se definido com consciência complacida. É na órbita Inglesa que se levanta a “Suíça da América”, que evoca não só as suas instituições democráticas, mas também a sua insularidade, a sua marginalidade respeito à história do seu contorno (METHOL FERRÉ, 1967 p. 8 – Tradução Nossa)³⁵.

Estas particularidades nos levam a considerar a possibilidade de um sentimento nacionalista fraco, naquela configuração social específica dos primeiros anos da nação independente. Segundo o diagnóstico de Morales (2013), podemos dizer que naqueles primeiros anos do Século XX, esta relativa fraqueza do sentimento nacionalista uruguaio promoveu o surgimento de diversos símbolos que iam preencher esse vazio, dentro destes, o futebol foi um dos principais elementos de identidade nacional.

Estamos conscientes de que estes breves apontamentos talvez simplifiquem excessivamente os processos históricos complexos, que atravessam todas as nações. Em virtude da ênfase colocada na formação da autoimagem nacional, a partir de elementos institucionais, sócio-demográficos e culturais, não foram abordados alguns aspectos particulares importantes na sociedade uruguaia e também formadores do seu *habitus* nacional resistente, como podem ser o precoce processo de secularização (pioneiro na América Latina), a gênese das atividades dos partidos políticos, a relevância cultural de correntes de pensamento literário e filosófico.

Mesmo assumindo estes riscos, consideramos necessária esta breve contextualização, para uma melhor compreensão do surgimento e consolidação das

³⁵ “El Uruguay pasó entonces de los “tiempos revueltos” que corren desde Artigas hasta la Triple Alianza... a una “nación”. O mejor, a una semicolonía privilegiada que se sintió nación, pues formó una verdadera comunidad. El Uruguay dejó de ser problema y se sintió definitivo, con conciencia complacida. Es en la órbita inglesa que se levanta la Suiza de América, cosa que evoca no sólo sus instituciones democráticas, sino también su insularidad, su marginalidad a la historia de su contorno”.

representações coletivas através do futebol, bem como sua relação com a questão da identidade nacional, a qual vamos abordar no seguinte capítulo.

3.1 BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL NO URUGUAI

A história da implementação e posterior consolidação do futebol como esporte por excelência a nível nacional é de longo alcance. Segundo a literatura, podemos dizer que o futebol entrou no Rio de la Plata a partir das últimas décadas do Século XIX. Aponta-se o primeiro jogo de futebol em território nacional em 1878, enquanto a primeira crônica escrita data de 1888 (MORALES, 2003).

O futebol foi introduzido pelos primeiros ingleses que chegaram a costa uruguaia. Este caráter forâneo marcou seu começo como esporte de elite, praticado pelas classes altas estrangeiras, o qual foi gradualmente democratizado na prática, estabelecendo-se como um esporte de massas. Através da influência dos operários ferroviários e da ação das escolas inglesas, o futebol começou a fazer parte dos jogos recreativos na realidade rioplatense (MORALES, 2003).

Este futebol nascente encontraria no Uruguai um habitat adequado para se desenvolver. Para Franklin Morales (1969), um dos primeiros jornalistas especializados em futebol, a suposta situação de amálgama cultural do Uruguai permeia a prática do futebol em seu território. Neste sentido, a mistura entre o imigrante, o gaúcho e o negro daria ao futebol uruguaio suas características identitárias, como a imprevisibilidade e a coragem. Sendo ressaltado o papel do futebol na consolidação do “ser nacional” (MORALES, 1968, p. 8).

A partir deste início, tem lugar um lento mas constante processo de hibridização e crioulização do futebol como jogo nacional. Este processo de intercâmbio entre as características britânicas de origem e as particularidades das sociedades crioulas, leva estudiosos como Archetti a falar de uma *dupla fundação* (britânica e crioula) do futebol no Rio de la Plata (ARCHETTI, 1995).

No caso especificamente uruguaio, este processo tem um momento fundamental na fundação, por parte de um grupo de estudantes universitários comandados por Pedro Manini Rios, do Club Nacional de Football (1899), que se apresenta como o primeiro clube propriamente “crioulo”, e mostra como emblema tradicional as cores vermelho, azul e branco em homenagem à bandeira tricolor de

José Artigas. Porém, é importante considerar que esta crioulização é um processo gradual e não uma ruptura radical com a fundação britânica original. Mesmo posteriormente ao Club Nacional, fundar-se-iam ainda clubes com nomes ingleses, como o Montevideo Wanderers, em 1902; Liverpool, em 1915; ou Racing, em 1919.

Outro marco histórico neste processo é exemplificado pelas mudanças de nome do organismo regulador do futebol uruguaio, desde o primário “The Uruguayan Association Football League” (1900) a “Liga Uruguaya de Futbol” em 1905, e finalmente a atual “Asociación Uruguaya de Fútbol”, em 1915. Por fim, a acidentada formalização da camisa celeste como oficial em 1910³⁶, após a utilização de diversos uniformes, representaria a consolidação do futebol uruguaio em sua especificidade (MORALES, 2013).

3.1.1 Os primeiros sucessos: a “Viveza Criolla”

Durante o começo do Século XX, o selecionado uruguaio parecia dominar o mundo do futebol. O primeiro grande triunfo a nível internacional foi no Campeonato Sul-Americano de 1916 (antecedente da Copa América), disputado na Argentina, por ocasião do centenário da Independência daquele país. Posteriormente, ocorreram as vitórias olímpicas em Paris (1924), vencendo na final a Suíça, e em Amsterdã (1928), vencendo o time argentino.

Este confronto é reeditado em 1930 na final da primeira Copa do Mundo organizada pela FIFA – organismo ao qual Uruguai estava afiliado desde 1923. Desta vez, o Uruguai como dono de casa triunfou no Estádio “Centenário”, construído especialmente para a ocasião (em comemoração ao centenário da primeira Constituição Nacional de 1830), num ambiente de festa nacional e exaltação dos símbolos nacionais por parte dos governantes e da imprensa.

A sequência desses sucessos esportivos em tão curto espaço de tempo, gerou diferentes explicações e interpretações, principalmente por parte dos meios de comunicação da época. Segundo o trabalho de Bayce (2003), e na linha das formulações de Elias (1997), estas explicações assumem a forma de autoimagens

³⁶ Em abril de 1910, deu-se uma partida entre os times de River Plate de Uruguai e o badalado Alumni Argentino. Como ambos times tinham camisas branca e vermelha, River utiliza uma celeste. A ampla vitória chamou a atenção para a cor escolhida e a Associação uruguaia de futebol adotou-a, estreando com vitória 3-1 contra Argentina na Copa Lipton (MORALES, 2013).

nacionais que se relacionam com imagens externas, e conformam a identidade futebolística nacional naqueles anos.

Para esta formação inicial da identidade, teve-se como alteridade privilegiada tanto os europeus como os argentinos. O trabalho de Archetti (1995), em linha com sua teoria da dupla fundação britânica e crioula, mostra através da análise da revista esportiva *El Gráfico*, como nesta construção cultural do futebol no Rio de la Plata, a principal oposição é entre o estilo “crioulo”, nascido a partir da prática dos filhos de imigrantes italianos e espanhóis, e o estilo “britânico”, interpretado pelos descendentes de imigrantes ingleses. De acordo com esta distinção, o estilo crioulo baseia-se na elegância e improvisação, enquanto o britânico expressa a força e a disciplina (ARCHETTI, 1995).

A cobertura do jornal uruguaio *El Dia*, em ocasião dos jogos olímpicos de 1928, quando o Uruguai jogou e venceu os primeiros jogos contra a Alemanha e a Holanda, marcava este contraste entre o estilo europeu e o estilo uruguaio: “Duas escolas entraram em confronto ontem em Amsterdã. A da inteligência e a da força, sendo vitoriosa a primeira... ficou definitivamente estabelecida a superioridade dos latinos face aos anglo-saxões na prática de futebol” (El Dia, 04 jun. 1928 apud MORALES, 2013, p.150 – Tradução Nossa)³⁷.

Da mesma forma, uma matéria do jornal *El Plata* antes da final de 1930 apontava a superioridade do futebol praticado no Rio de La Plata.

Ontem foi mais uma vitória indiscutível do grande futebol rioplatense. A milhares de vezes elogiada e indiscutível superioridade do futebol rioplatense em suas concepções brilhantes e sofisticadas pulverizou o inimigo que apareceu logo como pouco perigoso, não podendo resistir uma comparação honrosa com os uruguaios ou argentinos, cujo futebol, está tão avançado que permanecerá por muito tempo o melhor do mundo (Tribuna Popular apud HELAL e DO CABO, 2010 – Tradução Nossa)³⁸.

Porém, apesar das correntes menções ao futebol rioplatense como um bloco único, desde 1905 eram realizados enfrentamentos futebolísticos periódicos entre

³⁷ “Dos escuelas se enfrentaron ayer en Ámsterdam. La de la inteligencia y de la fuerza, saliendo victoriosa la primera... quedo definitivamente demostrada la superioridad de los latinos frente a los anglosajones en la práctica del football”.

³⁸ “La de ayer fue otra victoria indiscutible del genial Football rioplatense. La mil veces elogiada e indiscutible superioridad futbolística rioplatense en su brillantes y perfeccionadas concepciones pulverizó al enemigo que apareció entonces como poco peligroso, no pueden resistir una comparación honrosa con los uruguayos o argentinos cuyo football, por lo adelantado que está seguirá siendo por mucho tiempo el mejor del mundo”.

Uruguai e Argentina através da Copa Lipton, por isso é possível – e ao mesmo tempo necessário em termos identitários – a diferenciação entre o futebol praticado por ambas as nações (OSABA, 2012). Neste sentido, os uruguaios aparecem como mais rioplatenses por praticar um jogo individual e brilhante, porém menos eficazes do que o argentino. Os argentinos em 1923 ainda se assemelhavam ao estilo “britânico”, pelo fato de insistir no jogo de ataques frontais e passes longos (ARCHETTI, 1995, p. 16).

Esta diferenciação discursiva, bem como a valoração positiva do futebol uruguaio como inventivo e ousado frente ao futebol europeu, carente de imaginação, tem sido relacionado por alguns autores (MORALES 2013; BAYCE 2014), com a corrente filosófica literária conhecida como *ariélismo*, pela obra *Ariel* de Jose E. Rodó (original de 1900). Nesta obra, o autor, por meio de seus personagens de ficção, dirige-se para a “juventude da América”, exortando-a a defender-se, através do idealismo espiritual, da dominação cultural dos Estados Unidos. O autor enfatiza o papel dos jovens americanos para criar sua própria identidade e cultura regional, sem serem afetados por influências externas. A responsabilidade dos jovens americanos seria preservar uma civilização de origem grega, com base nos ideais cristãos contra uma matriz cultural norte-americana, que já parecia cada vez mais hegemônica.

O ensaio é tanto um elogio à juventude como um apelo à ação desta, uma denúncia da excessiva especialização da educação utilitária, por exemplo, que inibe as possibilidades dos espíritos: “Os Estados Unidos podem ser considerados a encarnação do verbo utilitário, ele se espalha em todos os lugares para os milagres materiais do triunfo” (RODÓ, 1966, p. 95– Tradução Nossa³⁹). Percebe-se a reivindicação de uma educação mais abrangente, que considere também o lazer, o reconhecimento da virtude e da beleza estética. Embora o autor aprecie e admire o desenvolvimento material dos Estados Unidos, argumenta que a partir desta legítima admiração por suas conquistas materiais, pode-se passar facilmente à imitação, à qual o autor se opõe:

Eu não vejo nenhuma glória, nem a finalidade em distorcer o caráter das pessoas para impor a identificação com um modelo estranho pelo qual eles

³⁹ “Los Estados Unidos pueden ser considerados la encarnación del verbo utilitario... que se difunde por todas partes a favor de los milagros materiales del triunfo”.

sacrificam a originalidade insubstituível de seu espírito.. os Estados Unidos tem feito progressos notáveis, mas sempre desde uma visão utilitarista de curta duração, faltam nela os ideais últimos da virtude (RODÓ, 1966, p. 97, Tradução Nossa⁴⁰).

O *Ariel* é basicamente uma invocação de cunho estético e literário, mas foi utilizada por seus seguidores como um manifesto ideológico de rejeição do materialismo e utilitarismo americano. A exaltação daqueles traços próprios da raça latina em detrimento aos anglo-saxões é uma manifestação neste sentido.

Nesta linha sugerida indiretamente por Rodó, os triunfos futebolísticos uruguaios acima mencionados geraram uma narrativa midiática que atribuía ao futebol uruguaio características distintivas face aos europeus, como astúcia, ousadia e imprevisibilidade sintetizadas na expressão “viveza criolla”. Atributo que se aplica também a questões extra-futebolísticas, como a história do engano para a seleção da Iugoslávia nos jogos olímpicos de 1924⁴¹ (GALEANO, 2004).

O trabalho do Bayce (2003) mostra como essa autoimagem de ousados e “vivos criollos”, por contraposição a europeus automatizados e sem capacidade de improvisação, contrasta com a imagem que os europeus tinham do futebol uruguaio. Para eles, o time uruguaio era simples e racionalmente melhor e mais capaz para jogar futebol profissional. Uma crônica europeia da época, recolhida por Galeano (2004), exemplifica esta imagem externa: “uma revelação! Eis aqui o verdadeiro futebol. O que nos conhecíamos, o que jogávamos, não era em comparação, mais que um passatempo de escolares” (Henri de Motelhart apud GALEANO, 2004, p.68).

Estes triunfos esportivos ligavam-se a um momento de auge do país na arena internacional, apresentando condições econômicas e sociais favoráveis, enquanto a Europa se encontrava na crise do período do pós-guerra, o que iria reforçar a autoimagem da singularidade uruguaia vista anteriormente.

As vitórias Olímpicas de 1924 e 1928 e mundial de 1930 apresentaram o Uruguai à opinião pública esportiva mundial [...] A chamada “Suíça da América”, a “Atenas do Prata” também era uma espécie de David que podia

⁴⁰ “No veo la gloria, ni el propósito de desnaturalizar el carácter de los pueblos para imponerles la identificación con un modelo extraño al que ellos sacrifiquen la originalidad irremplazable de su espíritu...Norteamérica ha hecho notables progresos, pero siempre en una visión utilitarista a cortoplazo faltan en ella los ideales últimos de la virtud”.

⁴¹ Os responsáveis pela seleção Iugoslava enviaram “espíões” para olhar o treino do Uruguai um dia antes do encontro entre as duas equipes. Percebendo essa situação, os uruguaios fingiram não conhecer as regras do futebol, erravam os chutes e até seguravam a bola com a mão. Os Iugoslavos colocaram um time de reservas diante da iminente vitória. O Uruguai venceu por 7-0.

vencer Golias o que parecia confirmar que "como o Uruguai não há" e que como pensava um dos criadores do Uruguai moderno (Jose Batlle y Ordoñez) poderia se construir um país modelo que não tivesse as desigualdades e rivalidades que conspiravam contra a paz e o bem-estar na Europa (BAYCE, 2003, p. 171 – Tradução Nossa)⁴².

Estes sucessos precoces foram também uma forma privilegiada de colocar o Uruguai na geografia mundial. Num nível institucional, o futebol fez com que o Uruguai tivesse um grau de influência de decisão importante em federações e confederações esportivas internacionais, alcançando uma figuração mundial que não tinha nenhuma correspondência com o peso econômico e demográfico do país. Este desequilíbrio entre os sucessos esportivos e o tamanho do país é uma característica permanente nos discursos históricos sobre o futebol uruguaio, que se expressa também na participação uruguaia em distintas invenções populares e torneios futebolísticos internacionais, que se consolidariam com o tempo (MORALES, 2013)⁴³. Mesmo ao nível publicitário, o fato de se autoproclamar como o país com mais glória per capita, transforma-se numa autoimagem exportada com sucesso⁴⁴.

Como uma continuação destes sucessos mundiais iniciais, e como a última grande vitória da geração "olímpica", o Uruguai obteve o campeonato sul-americano em 1935, em Santa Beatriz, no Peru. Precisamente neste campeonato de 1935 é que, segundo os discursos hegemônicos (OSABA, 2012), emergiu no jornalismo esportivo o mito da "garra charrúa", após vencer a competição com um time veterano, ganhando a final do time argentino que era o favorito.

3.1.2 O Maracanaço, a "Garra Charrúa" e Obdulio

⁴² "Las conquistas futbolísticas olímpicas de 1924 y 1928 y mundial de 1930 hicieron conocer al Uruguay en la opinión pública deportiva mundial [...] La "Suiza de América", la "Atenas del Plata" era además una especie de David capaz de vencer a Goliats y eso parecía confirmar que "como el Uruguay no hay" y que, como lo pensaba uno de los hacedores del Uruguay moderno (José Batlle y Ordóñez), se podía construir un país modelo que no arrastrara las desigualdades y rivalidades que conspiraban contra la paz y el bienestar en Europa".

⁴³ Morales (2013) aponta como a invenção da volta olímpica, o gol olímpico, o "hincha" (torcedor), a Copa do Mundo, a Copa América e futuramente a Copa Libertadores e Intercontinental, tem a participação decisiva de jogadores ou dirigentes uruguaiois.

⁴⁴ Como exemplo, pode-se conferir as peças publicitárias uruguaiois: <<http://www.youtube.com/watch?v=9ZYiiVzeNV0>> e matérias da televisão brasileira: <<http://www.youtube.com/watch?v=P-WDfQ28kic>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

Assim como durante os anos 1920, até o mundial de 1930, surgira a representação da “viveza criolla” como uma virtude rioplatense supostamente distintiva. Após 1935, consolidou-se a “garra charrúa” ou “celeste”, como explicação adicional para as vitórias esportivas. A expressão implica a esperança de que o que parece não poder ser alcançado pela via da melhor condição técnica, pode ser obtido pela presença de outros “valores espirituais” (SAN ROMAN, 2005). Aliás, neste caso, trata-se de uma característica exclusivamente uruguaia, o que serve ao mesmo tempo para especificar o caráter nacional e se diferenciar da Argentina⁴⁵.

Esta representação coletiva teve o seu auge narrativo em 1950, quando o Uruguai se fez presente novamente na Copa do Mundo⁴⁶, obtendo sua quarta consagração mundial após ganhar a final do Brasil no que ficou conhecido como “Maracanazo”, e se consolidou como o maior sucesso do futebol uruguaio, sendo esta a última conquista futebolística num nível mundial.

Aquela vitória no Estádio Maracanã adquiriu, com o passar dos anos e o ostracismo futebolístico posterior, um caráter mítico para o futebol uruguaio, especialmente pela forma como foi alcançada: enfrentando uma seleção brasileira superior tecnicamente, que chegava à final vencendo amplamente os seus rivais, enquanto o Uruguai chegou à final após um empate contra a Espanha e uma vitória agônica contra Suécia, times que o Brasil tinha vencido por 6 a 1 e 7 a 0, respectivamente com 200.000 pessoas nas arquibancadas, a vantagem que o Brasil tinha de ser campeão mesmo com o empate e o fato de começar o jogo perdendo e ganhar de “virada”.

Enquanto o resultado significou para o Brasil “a pior de todas as tragédias contemporâneas” (DA MATTA, 1982; PERDIGÃO, 1986)⁴⁷, para a autoimagem nacional uruguaia, a vitória impensável nestas condições adversas ressuscitou e

⁴⁵ Archetti confirma esta diferença ao caracterizar ao jogador Argentino: “El jugador ideal de fútbol, fiel representante del estilo nacional, aparece bastante alejado del modelo del gaucho y del compadrito en donde el coraje, la bravura y la fuerza física son determinantes. Hay jugadores que pueden tener esas características pero de acuerdo con la narrativa de El Gráfico, no son centrales en la definición de un estilo nacional” (ARCHETTI, 1995, p. 442).

⁴⁶ A seleção uruguaia não participa voluntariamente dos torneios de 1934 e 1938, em cobrança da ausência dos grandes times europeus na Copa do Mundo de 1930. Logo, ocorre a suspensão por causa da Segunda Guerra Mundial e o torneio volta a se realizar só em 1950.

⁴⁷ No momento de escrever esta dissertação ainda não havia acontecido a derrota brasileira por 7 a 1 para a Alemanha na Copa do Mundo 2014. Nos debates jornalísticos posteriores, já se começaria a falar de um “Mineiraço”, e se colocou insistentemente a questão se talvez essa derrota já pode ser considerada uma tragédia maior para o Brasil do que a de 1950. Ver: <<http://expresso.sapo.pt/mundial2014-jornais-brasileiros-dizem-que-mineiraco-e-pior-do-que-maracanazo=f880039>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

finalmente consolidou a representação coletiva da “garra charrua”, como elemento exclusivo do time uruguaio.

A garra futebolística, entre nós, é força tirada da fraqueza, poder masculino que nasce da "perna forte" e a ambição de sucesso [...] honra esportiva feita coragem, vontade que não é vencida e luta incessantemente nas circunstâncias mais adversas [...] Mas esta garra, nascida nos campitos em bairros de Montevideú, só era charrua enquanto mito ativo e nostálgica metáfora (VIDART, 1997, p. 47 – Tradução Nossa)⁴⁸.

Os charrúas eram a tribo indígena majoritária que vivia no território que posteriormente seria o Uruguai. As crônicas da época se referem a eles como uma raça indômita, feroz, rebelde a toda civilização; essencialmente guerreiros e turbulentos, ferozes e predadores, simples e perigosamente “selvagens” (FACCIO, 2006). Daí que a “garra charrúa” faz referência a estes atributos guerreiros e a uma raça que apareceria nos momentos chaves para atingir sucessos a priori impensados em termos futebolísticos.

Porém, como aponta Vidart (1997), falar de uma possível influência charrúa no futebol uruguaio não tem nenhum suporte empírico. De fato, os charrúas, que tiveram destacada participação nas guerras de independência junto a José Artigas, representavam para as elites da época a barbárie, e eram tidos como um obstáculo para a civilização. Como consequência, foram assassinados no que ficou conhecido como a massacre de *Salsipuedes*, pelo então presidente Fructuoso Rivera, em 11 de abril do ano 1831, num movimento político que buscava eliminar os índios selvagens e uniformizar etnicamente o território nacional.

A versão tida como oficial pela historiografia nacional indica que, após este massacre, restaram poucos sobreviventes, os quais foram escravizados e comercializados como servos. Sendo os últimos quatro deles (Vaimaca Perú, Senaqué, Tacuabé e Guyunusa) levados à França para serem exibidos como atração num circo, morrendo três deles pouco tempo depois da chegada, perdendo-se o rastro de Tacuabé, que conseguiu escapar.

⁴⁸ “La garra futbolera, entre nosotros, es fuerza sacada de la flaqueza, poder masculino que brota de la «pierna fuerte», ansia de triunfar [...] vergüenza deportiva hecha coraje, ánimo que no se entrega y pelea sin cesar en las circunstancias más adversas [...]. Pero esta garra, amanecida en los campitos de los barrios montevideanos, sólo era charrúa en cuanto que mito activo, que nostálgica metáfora”.

Porém, nos últimos anos, a partir da aparição de alguns movimentos sociais em território nacional, como a “Asociación de Descendientes de la Nación Charrúa” (ADENCH) e o “Consejo de la Nación Charrúa” (CONACHA), tem se questionado esta versão do “extermínio” e se aponta, pelo contrário, uma permanência historicamente invisibilizada do elemento indígena no país até a atualidade.

Segundo estes movimentos, o último censo nacional indica que há 160.000 pessoas que se identificam como descendentes de charrúas no território nacional. Esta invisibilização, promovida por políticos e reproduzida pelos aparelhos ideológicos do Estado (educação, meios massivos), encontra-se em consonância com a autoimagem resistente de “Suíça de América”, país orgulhosamente branco e europeu, em consequência, sem índios.

Ainda hoje, estes movimentos continuam na luta para que o Estado Uruguaio reconheça os direitos dos povos indígenas, estabelecido no convênio 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que garante o direito ao território, saúde e educação⁴⁹, sendo Uruguai e Suriname os únicos países de América que não têm retificado este artigo, considerado por estas organizações não só um instrumento jurídico, como basicamente de valor simbólico importante em termos de reconhecimento⁵⁰.

A emergência midiática destes movimentos indigenistas e o grau de validade de suas reivindicações, tem sido objeto de um debate recente entre intelectuais. Em Outubro de 2013, Gustavo Verdesio, acadêmico uruguaio residente nos Estados Unidos, publicou um artigo em que reivindica a importância social desses movimentos, defendendo especialmente aos charrúas dos ataques e banalidades, que os apresentam como um grupo étnico culturalmente atrasado, usando estereótipos evolucionistas e racistas para se referir a eles (VERDESIO, 2013).

Nesta linha, Verdesio (2013) critica as posições de antropólogos tradicionais, como Pi Hugarte e Vidart, bem como certos atores políticos que afirmam que os charrúas eram uma tribo atrasada, rústica, que não deixou um legado importante e seu desaparecimento foi quase que uma necessidade por causa do progresso

⁴⁹ O texto completo do convênio encontra-se em: <<http://www.ilo.org/public/spanish/region/ampro/lima/publ/conv-169/convenio.shtml>>. Acesso em: 13 dez. 14.

⁵⁰ Ver nota Portal Montevideo: <www.montevideo.com.uy/hnnoticiaj1.aspx?225028,3>. Acesso em: 22 abr. 14

social. Para Verdesio, há uma invisibilização histórica da descendência indígena, um estigma que explica que esses movimentos só recentemente teriam aparecido para o público geral para fazer valer suas reivindicações. Neste sentido, espera que o Estado ratifique o mencionado artigo 169 da OIT e crie uma secretaria para assuntos indígenas, para assim começar a tarefa coletiva de se imaginar como um país onde convivem diferentes culturas (VERDESIO, 2013).

O autor argumenta que estudos de arquivos em países como Argentina evidenciam uma série de ações e estratégias implementadas pelo governo nacional, que resultaram na opressão, discriminação e invisibilidade dos indivíduos de origem indígena que sobreviveram às campanhas de extermínio. Esta sobrevivência, as estratégias de resistência ao extermínio e a invisibilidade, são tradições que esses grupos hoje podem exercer como elementos de coesão social, cultural e de continuidade ao longo do tempo.

A visão oposta é fornecida pelo antropólogo Daniel Vidart, que afirma categoricamente que não há charrúas no Uruguai contemporâneo, nem índios pertencentes a outros grupos étnicos nativos (VIDART, 2013). Critica o “excessivo romantismo” com que se aborda geralmente a questão indígena, destacando o fato de que antes da colonização hispânica nem tudo era paz e harmonia, havendo selvageria, escravidão entre tribos, etc. Para o autor, estes novos grupos são presos de um “voluntarismo tenaz”:

O voluntarismo é tenaz, se sentem charrúas desde dentro, com um antepassado distante por tras ou nenhum... como qualificar esse absurdo? romantismo ultrapassado, anti-ciencia teimosa?, etnicidade fantasmagórica? Trata se de românticos voluntarismos, posta em cena de abusrdos revivals étnicos..se tem inventado uma “charrualandia” mítica que tem feito muito mal para as mentes ingenuas e que carnavaliza as antigas e respeitáveis culturas daqueles corajosos aborígens (VIDART, 2013 p. 25 – Tradução nossa)⁵¹ .

Seja como for, com “extermínio” ou a “invisibilização”, acreditando-se ou não na legitimidade dos movimentos indigenistas e suas reivindicações, parece claro que a escolha do elemento charrúa como próprio da garra futebolística uruguaia, tem um

⁵¹ “El voluntarismo es tenaz, se sienten charrúas desde adentro, con un antepasado lejano en la cola o con ninguno....como calificar este dislate? románticos enfermiza, romanticismo trasnochado, anticencia contumaz, etnicidad fantasmagórica?... Se trata de románticos voluntarismos, de puesta en escena de absurdos revivals étnicos. De tal modo se ha inventado una mítica charrualandia que tanto mal ha hecho a las mentes ingenuas y que carnavaliza las antiguas y respetables culturas de aquellos valientes aborígenes”.

caráter mítico. Podemos dizer que foi arbitrariamente selecionada uma etnia precedente para homogeneizar a comunidade uruguaia, evitando dessa forma a possível fragmentação da comunidade imaginada como nacional (FACCIO, 2006).

De forma similar ao que acontece com as reivindicações das manifestações culturais dos negros, pode-se pensar que a representação da “garra charrúa” aparece como uma espécie de redenção compensatória para esses habitantes, sendo, ainda, uma invenção catártica para as elites nacionais, que desta maneira reivindicavam e exaltavam romanticamente as virtudes dos charrúas, uma vez que já não constituíam uma ameaça real para a civilização (MORALES, 2013).

Nos escritos jornalísticos e literários sobre o “Maracanaço”, tanto uruguaios quanto brasileiros (RODRIGUES, 1993; PERDIGÃO, 1986), surge onipresente a figura de Obdulio Jacinto Varela. O capitão daquele time uruguaio, apelidado vários anos antes como “negro chefe”, é apresentado como uma encarnação viva da “garra charrúa”, sendo ressaltada especialmente sua liderança:

A vitória do Uruguai diante da maior multidão jamais reunida numa partida de futebol tinha sido sem dúvida um milagre, mas o milagre foi acima de tudo obra de um mortal de carne e osso chamado Obdulio Varela... Obdulio tinha esfriado a partida, quando a avalanche nos caía em cima, e depois carregou toda a equipe nos ombros e com pura coragem impeliu-a contra ventos e marés (GALEANO, 2004, p.114).

Também são realçadas sua origem modesta e as diversas dificuldades por que passou, assim como seu caráter intrinsecamente guerreiro.

Em 1917, nasceu no bairro *La Teja* Obdulio Jacinto Varela, mais um filho de uma família grande e pobre. Rua e trabalho para uma criança que teve que se afastar da escola prematuramente. Ele nasceu com isso. Pregando futebol, ordenando futebol, temple ancestral da sua raça guerreira [...] Dentro do gramado injetou-lhes moral, otimismo, determinação de vencer, destruiu o terror brasileiro, foi o patrão indiscutível que todos obedeceram cegamente, espalhou-lhes sua superioridade inata e quando perdia se por um gol, com o conhecido gesto de segurar a bola debaixo do braço, afastou o único adversário que tinham ainda os uruguaios: o público brasileiro (MANCUSO, 1973, p.105 – Tradução Nossa)⁵².

⁵² “En 1917 nació en la teja Obdulio Jacinto Varela, un hijo más en una familia numerosa y pobre. Calle y trabajo para un niño que se tuvo q apartar de forma por demás prematura de la escuela. Nació con eso. Predicando futbol, ordenando futbol y mandando futbol, temple atávico de su raza guerrera [...] Dentro de la cancha les inyecto moral, optimismo, resolución de ganar, les destruyo el terror brasileño, fue el patrón indiscutido el jefe supremo a quien todos obedecieron ciegamente, les contagio su innata superioridad y cuando se perdía por un gol, con el conocido gesto de la pelota detenida bajo su brazo, les saco de encima el único rival que les quedaba a los uruguayos: el público brasileño”.

A imagem construída midiaticamente depois de 1950 sobre Obdulio Varela o transformam num personagem mítico, aponta-se o fato de que o time uruguaio nunca perdeu uma partida oficial com ele em campo e suas sentenças ficaram para a posteridade (“cumplidos solo si somos campeones”; “los de afuera son de palo”⁵³), assim como seu desempenho no campeonato mundial e, especialmente, na partida final, em que cada uma das suas ações foi considerada um fator decisivo na vitória do Uruguai. Entre elas, aponta-se o gesto após o gol brasileiro, de discutir com os árbitros e os bandeirinhas para “esfriar” o jogo, e até uma suposta pancada no zagueiro Bigode, que o teria condicionado para o resto do jogo (MANCUSO, 1973).

Também o jornalista e escritor Nelson Rodrigues, considerado um dos principais formadores do *senso comum* em torno ao futebol no Brasil (CAPRARO, 2007), em sua célebre crônica sobre o “complexo de vira-latas” brasileiro, dá lugar fundamental às ações do Obdulio nesta partida:

A derrota frente aos uruguaios, ainda faz sofrer na cara e na alma qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Aos berros, Obdulio arranco de nós o título... Obdulio nos tratou a ponta-pés como si vira-latas fôssemos... Obdulio ganhou de nosso escrete no grito e no dedo na cara (RODRIGUES, 1993, p. 52).

Esta construção mítica do capitão uruguaio vai na contramão da sua própria interpretação dos fatos. Segundo seus testemunhos, longe de considerar a vitória no Maracanã como algo histórico, só considerava que cumpriram a tarefa de defender a “herança fabulosa” daqueles jogadores dos anos 1920 e 30 (PERDIGÃO, 1986). Obdulio minimizava também suas ações na partida final, e considerava que a vitória uruguaia foi apenas obra do acaso e que, se a mesma partida fosse jogada mais 100 vezes, 100 vezes se perderia (MANCUSO, 1973).

Mesmo em se tratando de um jogador não virtuoso tecnicamente, e talvez até lento, a exaltação das virtudes do “negro chefe” em 1950, como antes do “Mariscal” Nasazzi nas Olimpíadas e na Copa de 1930, referem-se ao estilo de liderança exemplar sobre os companheiros, influência sobre os contrários, espírito guerreiro e raça, aspectos que são vistos como encarnação da “garra charrúa” e que vão se conformar como arquétipo dos heróis futebolísticos uruguaios.

⁵³ Estes ditados podem ser traduzidos como “tarefa cumprida apenas se formos campeões” e “os de fora não jogam”.

3.1.3 O ostracismo e a fama de “time catimbado”

A garra ficou como uma marca duradoura do futebol uruguaio nos anos seguintes ao Maracanã. Porém, após a derrota para a Hungria nas semifinais da Copa de 1954 (no que foi a primeira derrota de Uruguai num campeonato mundial), o país ficaria fora da copa em 1958, após perder de 5 a 0 para o Paraguai nas eliminatórias. Em 1962, acabaria não superando a primeira fase. Teria que se esperar até 1970 para que o time uruguaio chegasse de novo às semifinais numa Copa do Mundo. Desde o final dos anos 50, o jornalista esportivo Nilo Suburú, já alertava para o que seria uma estagnação do futebol uruguaio após 1954, e a situação de atraso em relação ao que seria o ideal do “futebol moderno”, em termos de inadequação tática e preparação técnica e física inadequadas (SUBURÚ, 1959).

Como aponta Morales (2013), na medida em que o futebol foi se tornando global, o Uruguai começou a perder força e entrou lentamente num ostracismo, que se estendeu por décadas. Após a copa de 1970, a presença uruguaia nas Copas do Mundo começou a ser cada vez mais irregular, ficando assim por fora nas edições de 1978, 1982, 1994, 1998 e 2006, sem conseguir alcançar nem as quartas de final no resto das edições em que efetivamente participou.

Na opinião de alguns estudiosos, uma das possíveis causas deste ostracismo é o fato de que os triunfos obtidos até 1950 foram essencializados e mistificados, o que inibe uma consideração aprofundada e desapaixonada das condições sócio-históricas, que possibilitaram essas performances esportivas. A distância crescente entre esse passado glorioso e o presente frustrante, ajudaram a apagar os contornos daquelas vitórias, minimizando, por exemplo, o fato de que estas aconteceram em torneios envolvendo poucas equipes e com a juventude europeia dizimada pelas guerras mundiais (GRAÑA, 2000; BAYCE 2003).

O atual técnico da seleção, Oscar Tabárez, se referia a esta mistificação numa entrevista do ano 2010: “Maracanã foi algo grande. Mas o tratamento usado, especialmente pelo jornalismo esportivo, foi imobilizador. A mensagem era: os campeões foram aqueles, e não vocês; futebol era aquele e não este; líderes eram

aqueles...não havia nada no presente!” (LISSARDY, 2010, p. 323 – Tradução Nossa)⁵⁴.

Esta mistificação do maracanaço e especialmente da “garra charrúa” como elemento capaz de ganhar partidas por si mesmo, teve consequências negativas na despreocupação pela preparação física e atualização tática necessária, o que fez com que, enquanto outros países como Brasil e as nações europeias em primeiro lugar, e posteriormente Ásia e África, se desenvolviam futebolisticamente, o Uruguai ficou estagnado (BAYCE, 2003).

Existe também uma conotação crítica do termo que diz respeito à agressividade do jogo uruguaio. A garra como símbolo de virilidade e o mandato interno dos jogadores, alimentado pela imprensa esportiva, de ter que estar ao nível dos “heróis” do Maracanã, muitas vezes tem levado a um excesso de violência que, associado à imagem da “viveza criolla”, deu ao uruguaio certa fama de “time catimbado”. Elemento que se reflete, por exemplo, no fato de ter o recorde da expulsão mais rápida na história das copas do mundo, quando Charly Batista foi expulso aos 55 segundos do jogo contra a Escócia na Copa do Mundo México em 1986.

Segundo o testemunho de jornalistas estrangeiros nessa edição da copa, o estilo uruguaio, mesmo mantendo certo virtuosismo técnico, baseia-se principalmente numa “desagradável” dependência da violência e da intimidação para conseguir resultados. A qualidade do jogo uruguaio se veria contrastada pelo desrespeito às regras do jogo e a qualquer código de conduta civilizada (McIlvaney apud SAN ROMAN, 2005).

Outras opiniões sugerem que o ostracismo esportivo experimentado pelo Uruguai não seria somente uma consequência de um desempenho esportivo baixo, mas também alimentado por uma deliberada campanha de propaganda negativa contra o país. Este ponto de vista encontra em Pierre Arrighi um de seus principais defensores no meio acadêmico. Em um recente artigo, o autor promove a tese de que o Uruguai tem sido historicamente uma desconfortável “pedra no sapato” da FIFA, razão pela qual os triunfos uruguaiois do começo do Século XX são

⁵⁴ “Maracaná fue algo grandioso. Pero el manejo que se usó, sobre todo por el periodismo deportivo, fue inmovilizador. El mensaje era los campeones eran aquellos, no ustedes; futbol era aquel, no este; lideres eran aquellos...no había nada en el presente”.

constantemente menosprezados pela historiografia Inglesa e Francesa, que em suas principais publicações oficiais apontam 1958 como o ano da emergência do futebol na América do Sul, com o primeiro campeonato mundial obtido pelo Brasil (ARRIGHI, 2012).

Esta “lenda negra” (ARRIGHI, 2012) consistiria em ataques políticos (ao Uruguai batllista) e futebolísticos (com qualificativos ao estilo de jogo “áspero” e “selvagem”) que contrastariam, por exemplo, com o estilo refinado da Argentina. A partir de algumas narrações exageradas, e utilizando fontes não verificadas sobre eventos históricos específicos, como os incidentes que ocorreram na final do torneio em 1930, a historiografia oficial europeia promoveria uma imagem de “incivilidade” esportiva uruguaia (ARRIGHI, 2012).

Como apontaremos no próximo capítulo, o texto de Arrighi aparece como a expressão acadêmica de uma representação coletiva resistente, segundo a qual o Uruguai é sempre prejudicado por organismos poderosos como FIFA, já que a causa de seu limitado poder econômico é o seu reduzido mercado interno não seria rentável para as Copas do Mundo, que obtivesse vitórias e reconhecimento.

Exemplos como os “árbitros cruzados” na Copa do Mundo da Inglaterra em 1966⁵⁵, ou a mudança forçada de sede, na Copa do Mundo México 1970⁵⁶, seriam mostras desta deliberada intenção de prejudicar ao Uruguai.

Porém, mesmo sofrendo esta campanha de descrédito, como aponta a historiografia oficial, e com as desavenças históricas experimentadas, as representações persistem porque, como apontado no marco teórico, elas são atualizadas periodicamente. Nesse sentido, cabe retomar as nossas perguntas de pesquisa: quais representações coletivas tradicionais são atualizadas neste contexto de sucessos recentes? Assim como foi mitificada a figura do Obdulio Varela, como são construídos discursivamente os “heróis” atuais da seleção?

⁵⁵ Nessa Copa, irregularidades na nomeação de arbitragem determinaram que um árbitro inglês dirigisse o jogo entre Uruguai-Alemanha e um árbitro Alemão a partida entre Argentina-Inglaterra, com arbitragens muito polêmicas e prejudiciais para as equipes sul-americanas. Ver: EL GRÁFICO, Libro de Colección, Uruguay en los Mundiales Número 2, 2010.

⁵⁶ O calendário marcava que, para enfrentar ao Uruguai na semifinal, o Brasil devia abandonar sua concentração em Guadalajara e viajar para a Cidade do México. Porém, sem razão aparente e supostamente em resposta às pressões da CBF, a sede foi transferida para Guadalajara, sofrendo o Uruguai a longa viagem e o aumento considerável da temperatura. Ver: EL GRÁFICO, Libro de Colección, Uruguay en los Mundiales Número 2, 2010.

Pretendemos responder estas perguntas no capítulo seguinte, ao analisar os discursos da imprensa esportiva sobre a participação uruguaia nos recentes eventos futebolísticos globais.

4 RESSURGIMENTO, CONSOLIDAÇÃO E RUPTURAS

Em 2006, quando Oscar W. Tabárez tomou posse do comando da seleção nacional, começava a se implementar o projeto, redatado pelo treinador, intitulado “institucionalização dos processos de seleções nacionais e formação dos seus futebolistas”, que realizava um diagnóstico pessimista sobre a realidade uruguaia em comparação com o que considerava ser um futebol de elite. Como apontado, esta era uma avaliação já presente desde fins da década de 1950 (SUBURÚ, 1959).

Partindo desta realidade, o projeto postulava uma série de reformas que adaptariam o funcionamento e a organização de todas as seleções nacionais às exigências modernas. Assim, apontaram-se medidas sobre como coordenar calendários de jogos contra times exigentes, uniformizar os processos entre as divisões juvenis e a principal, estender a formação de futebolistas ao interior do país, melhorar as condições de treinamento, observar os aspetos éticos, técnicos e disciplinares dos esportistas⁵⁷. Mesmo não sendo cumpridos todos os objetivos previstos, nos prazos estabelecidos, o desenvolvimento do projeto (que conforme vamos analisar foi chamado pela imprensa de “processo Tabárez”) pode ser interpretado como uma aposta para recuperar parte do espaço perdido ao nível mundial nos anos de ostracismo.

Após uma aceitável quarta colocação na Copa América 2007, observar-se-ia nos próximos anos uma série de bons resultados, tanto na seleção principal como nas seleções juvenis⁵⁸. Estes resultados habilitam a geração de discursos que intentam explicá-los.

Para nos acercar das características da autoimagem construída discursivamente e de suas relações com as imagens externas, vamos focar em cada um dos três eventos selecionados (CM2010, CA2011, EL2014), analisando as principais matérias da imprensa nacional assim como dos organismos reguladores.

Como explicitado na introdução, a análise leva em conta, para os três momentos, as matérias publicadas no caderno esportivo *Ovacion* e os sites dos

⁵⁷ Os Principais pontos do projeto podem ser consultados aqui <http://historico.elpais.com.uy/06/11/07/pdepor_246121.asp>. Acesso em: 12 jul. 14.

⁵⁸ Classifica-se pela primeira vez aos torneios mundiais de todas as categorias, classifica-se para os Jogos Olímpicos de 2012, consegue um vice-campeonato inédito no torneio sub 17 no México e outro vice-campeonato no torneio sub 20 na Turquia.

organismos reguladores globais nos dias de jogos, no dia anterior e no dia posterior. Além disso, vão se incorporar outras fontes na medida em que se considerem relevantes.

4.1 RESSURGIMENTO: COPA DO MUNDO ÁFRICA DO SUL 2010

Foram necessários 40 anos para que a Copa do Mundo se reencontrasse com um de seus personagens mais marcantes: a garra uruguaia (REVISTA PLACAR, 26 jun. 10).

Após as difíceis eliminatórias, obtendo a vaga para a Copa do Mundo na repescagem contra a Costa Rica, o time uruguaio teve uma destacada participação na CM2010, chegando às semifinais e acabando a competição na quarta colocação, o que não acontecia desde 1970.

Este acontecimento foi acompanhado atentamente pela população nacional. Além dos picos de audiência televisiva registrados nos jogos, segundo distintas pesquisas de opinião pública, a CM2010 foi apontada como o principal evento daquele ano, enquanto Diego Forlán foi escolhido como o personagem do ano, por cima das tradicionais menções a personalidades de outros âmbitos⁵⁹. Outra pesquisa publicada em 2011 apontava que Diego Forlán era a pessoa que melhor representava os uruguaios, com 24,4% do total de respostas – muito além do presidente José Mujica (9,1%) e do “herói nacional” José Artigas (8,5%), colocados nos próximos lugares⁶⁰.

Estes dados ilustram a presença do futebol no cotidiano da população uruguaia no período da CM2010, o que é indício do papel central deste esporte na autoimagem nacional. Neste sentido, a atuação do time uruguaio no maior evento futebolístico global possibilita a atualização discursiva das representações coletivas tradicionais resenhadas no capítulo precedente.

Antes do torneio, as expectativas eram discretas. A imprensa uruguaia comemorava a oportunidade de estar presente novamente no maior torneio futebolístico e acreditava na possibilidade de desempenhar um papel digno, mas levando em consideração a realidade desfavorável do futebol uruguaio nos últimos

⁵⁹ Ver matéria em <[HTTP://WWW.MONTEVIDEO.COM.UY/NOTNOTICIAS_127557_1.HTML](http://www.montevideo.com.uy/notnoticias_127557_1.html)>.

⁶⁰ Enquete desenvolvida pela consultora CIFRA. Os resultados aparecem resenhados em: <http://medios.elpais.com.uy/downloads/2011/cien_x_cien.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2014.

anos. No entanto, junto a essas expectativas cautelosas aparecem referências às conquistas históricas do futebol uruguaio e o legado de ex-campeões, colocando discursivamente o time uruguaio como herdeiro natural daquelas equipes vitoriosas.

Uruguay está por aterrizar en un Mundial después de ocho años y parece que la aproximación a la pista de la realidad es la correcta, con el avión estabilizado. Hay señales para suponerlo; pero no tantas como para asegurarlo (OVACION DIGITAL, 10 jun. 2010).

No hay nada que una más a los uruguayos con su país que la casaca que convirtieron en gloriosa Scarone, Nasazzi, Varela, Schiaffino.... todos y cada uno de esos 23 hombres piensan igual que los 3.500.000 que estarán en sus casas.... Juegan con corazón, con pasión. Llevan sangre charrúa en sus venas y buscan algo con una devoción singular: ganarse un lugar de privilegio en la rica historia del fútbol uruguayo (OVACION DIGITAL, 10 jun. 2010).

Para os organismos reguladores, a visão sobre o time uruguaio antes da Copa refere-se a uma nação com herança de glória futebolística talvez até excessiva para o tamanho territorial e demográfico do país, confirmando o sucesso da exportação da autoimagem de país com “maior glória per capita” e o papel do futebol para colocar o Uruguai no mapa, embora reconhecendo o presente esportivo negativo das últimas décadas.

Caracteriza-se a equipe nacional a partir de uma suposta essência apoiada na representação coletiva da “garra charrúa”. Assim, toda equipe de futebol uruguaio, independentemente de seus componentes, seria herdeira da mística dos heróis passados e levaria no seu DNA a “garra charrúa” como marca indelével à passagem do tempo e independente dos resultados esportivos.

Pocos equipos cuentan con la historia futbolística que ostenta Uruguay....Con apenas poco más de 3 millones de habitantes, puede presumir de haber conquistado títulos mundiales, olímpicos y continentales... No obstante, la época de aquellos lauros parecen haber quedado lejos en el tiempo, tal como lo demuestran sus apenas dos apariciones en las últimas cinco fases finales de la Copa Mundial de la FIFA. (FIFA, 10 jun. 2010).

Toda selección uruguaya que se precie de tal, y por supuesto la que disputará la Copa Mundial de la FIFA Sudáfrica 2010, deberá tener en su ADN una cualidad innegociable: la famosa garra charrúa. La receta de este atributo tiene como ingredientes indispensables mucha entrega, una alta cuota de intensidad y la dosis justa de pierna fuerte (FIFA, 10 jun. 2010).

Uruguay ya vestía por entonces su mítica camiseta azul celeste, pero las únicas imágenes que recuerdan sus dos títulos en la Copa Mundial de la FIFA son en blanco y negro. Además del color, otra cosa ha sobrevivido al paso del tiempo desde aquellas victorias de 1930 y 1950: el legendario espíritu combativo de la Celeste (FIFA, 15 jun. 2010).

Observa-se em ambas as fontes, antes mesmo de começar a competição, a presença discursiva da “garra charrúa” como representação coletiva atualizada, uma vez que é apresentada como um elemento não só expressivo, mas também cognitivo e normativo. A partir desta representação é que serão avaliadas as performances esportivas, na expectativa (e, conseqüentemente, exigência) de que o time jogue da maneira esperada, articulando a “garra charrúa” como principal forma-representação do Uruguai em termos futebolísticos, sendo compartilhada por jogadores, jornalistas e torcedores (TOLEDO, 2012).



IMAGEM 1: Garra Charrua descripción gráfica.

Extraído de: <[http://img.desmotivaciones.es/201102/rusoperez2274x300\[1\].jpg](http://img.desmotivaciones.es/201102/rusoperez2274x300[1].jpg)>. Acesso em: 10 fev. 2014.

O primeiro jogo do Uruguai na competição acabou com apenas um empate sem gols com a França, partida em que a equipe celeste sofreu a expulsão de um jogador e mostrou, segundo a imprensa, falta de ambição ofensiva.

No segundo jogo, que é apresentado como definitivo para as aspirações do Uruguai no torneio, após uma clara vitória por 3-0 sobre o time sul-africano, emergem discursos triunfantes, reivindicando o “glorioso” futebol uruguaio face a um rival sem história, e atualizando a representação coletiva do Uruguai como equipe difícil de ser confrontada e com a vocação histórica de ser “arruina festas” dos organizadores – idéia que vai se repetir em instâncias posteriores.

Sólo Uruguay pudo lo que nadie: ¡silenció a la vuvuzelas! (OVACION DIGITAL, 17 jun. 2010).

Otra vez Uruguay arruinó una fiesta, otra vez un dueño de casa vio arruinada esa fiesta que tanto había preparado. ... Acaso el emblema al coraje y rebeldía se remonta a aquel imborrable 16 de julio de 1950. Un estadio lleno, un país esperando para festejar... y quebrar una historia que parecía conducir inexorablemente a la derrota...o cuando la Argentina campeona del mundo se derrumbo a los pies de aquel desflecado Uruguay en la copa América del '87 (EL GRAFICO, LIBRO DE COLECCIÓN 4, 2010).

Uruguay hizo pesar -e impuso- la rica historia que tiene el viejo y glorioso fútbol uruguayo ante un rival totalmente carente de pergaminos en ese plano (OVACION DIGITAL, 17 jun. 2010).

No último jogo da série, o Uruguai derrotou o México, terminando em primeiro lugar em seu grupo. Além de apontar como fato histórico não ter tomado gols na primeira fase, ressaltou-se novamente a presença da “garra charrúa” como elemento diferencial da equipe nacional, e a ideia de um possível renascimento do futebol uruguaio toma conta. Por sua vez, para os organismos reguladores, celebra-se a incorporação de elementos modernos do futebol ofensivo à tradicional força defensiva uruguaia.

Hacia casi 20 años que Uruguay no vencía a los mexicanos; y hacía 56 que no ganaba el grupo de la primera fase en un Mundial. Además, esta selección metió cuatro goles y mantiene invicta su valla (OVACION, 23 jun. 2010).

Este equipo se fortalece a través del espíritu. Entra a dar batalla en todos los partidos. Volvió la Celeste. Un equipo con sangre charrúa. Es lo que esperábamos ver (OVACION DIGITAL, 23 jun. 10).

Durante muchos años, a Uruguay se le conoció como la "garra charrúa", un equipo que se caracterizaba por una defensa férrea, un espíritu de lucha a toda prueba y un esfuerzo generoso. Sin embargo, la nueva generación de futbolistas celestes se ha propuesto como objetivo complementar nuevos adjetivos a los habituales. El Uruguay versión Sudáfrica 2010 es un equipo

dinámico y agresivo. Que le gusta atacar y se siente cómodo con la pelota, sin por ello renunciar a sus características esenciales (FIFA, 17 jun. 2010).

Saludemos al Uruguay moderno... La Celeste, reputada durante mucho tiempo por su carácter combativo y su garra, está descubriendo de nuevo el amor por el fútbol ofensivo (FIFA, 23 jun. 2010).

Pode-se observar, em correspondência com o apontado por Osaba (2012), uma tensão discursiva incipiente entre reafirmar a presença da “garra charrúa” como um diferencial positivo uruguaio e, por outro lado, uma tentativa de complementar esta característica com outros recursos técnicos. Pensando de acordo com Durkheim (2008), pode-se dizer que, apesar de seu caráter hegemônico, está presente a possibilidade de modificar estas representações coletivas, surgindo elementos que a atenuam ou até mesmo contradizem.

Como visto no capítulo anterior, em alguns trabalhos acadêmicos (GRAÑA, 2000) se chama a atenção para o caráter por vezes mistificador e ultrapassado da garra uruguaia, ignorando as condições sócio-históricas dos antigos triunfos. No entanto, apesar destas advertências, o seguimento das matérias permite observar a presença constante da garra charrúa ao longo do torneio. À semelhança do que acontece com a noção de “futebol-arte” brasileiro, segundo o trabalho de Soares (2003), trata-se de uma representação resistente e que continua a ser hegemônica sobre outras possíveis explicações para o sucesso esportivo.

Estes bons resultados iniciais estimularam as tentativas de atualizar a ligação com os sucessos passados. Neste sentido, tanto o treinador quanto os jogadores insistiram em evitar as comparações precipitadas.

Es muy difícil comparar generaciones teniendo en cuenta que el mundo de ahora es diferente al del 50 y hablar del 50 para los uruguayos y para mí es hablar de algo que tenemos allí arriba, sería una irreverencia comparar ambos procesos”, dijo Tabárez ante una pregunta de un periodista brasileño... “Entonces creo que no se puede comparar. Nosotros estamos tratando de adaptarnos a competir con ciertas posibilidades con el fútbol de estos tiempos... a la historia hay que dejarla quieta” (OVACION DIGITAL, 26 jun. 2010).

O fato de que a interrogação sobre uma possível comparação da atuação do time na CM2010 com a obtenção do campeonato em 1950 venha de um jornalista brasileiro, é ilustrativo da troca constante de autoimagens e imagens externas que operam no processo de identificação e diferenciação, pelo qual uma identidade

nacional é formada. A busca pelos triunfos futebolísticos que se liguem ao passado é observado como uma característica essencial do uruguaio. Através do futebol, é materializado um ethos nacional supostamente essencial, encarnado nos indivíduos (ELIAS, 1997) e marcado pela superação constante das adversidades. Ethos que se encontra talvez prenunciado desde as lutas artiguistas pela independência, que serviram como história oficial para a fundação da nação.

Es imposible conformarse. Está en la esencia misma del uruguayo. Quizás por culpa del rico historial, por la forma en la que nos hicieron ver el fútbol aquellos fantásticos campeones. Quizás porque nacemos con una pelota pegada al pie y cuando corremos detrás de ella en lo único que pensamos es en ganar (OVACION DIGITAL, 25 jun. 10).

Após derrotar a Coreia do Sul e chegar às quartas de final da competição, esta tentativa de ligação histórica com o passado foi reforçada pela imprensa nacional, afirmando que se venceu “Como os equipos de antes” (OVACION DIGITAL, 27 jun. 10) ou que a vitória aconteceu porque “Corea del Sur fue un digno rival, pero perdió por el peso de la camiseta” (EL GRAFICO LIBRO DE COLECCIÓN 4).

A vitória dramática contra Ghana foi o momento de maior da explosão discursiva da Copa do Mundo. As características atípicas do partido, eleito o melhor jogo da copa do mundo segundo uma votação realizada pela FIFA, permitem sua apresentação com tons épicos por parte da imprensa nacional, onde destacam-se as representações sobre a motivação constante para superar as dificuldades que seriam essenciais do uruguaio.

Glorioso. Memorable. Jamás lo olvidará uruguayo alguno que haya sido testigo de este nuevo milagro celeste (OVACION DIGITAL, 02 jul. 2010).

Soplando todavía la pelota que picó el "Loco" Abreu, un pueblo se lanzó a las calles para festejar un triunfo tan agónico como hazañoso (OVACION DIGITAL, 03 jul. 2010).

Uruguay se metió en el túnel del tiempo. Después de 40 años, como en México `70, está entre los 4 mejores del Mundo Es como si el destino quisiera que fuera de esta forma. Casi igual que aquella vez. Con alarue. Y en esta ocasión con un dramático agregado: la definición por penales (OVACION DIGITAL, 03 jul. 2010).

No dia anterior à partida semifinal contra a Holanda, observa-se a presença da autoimagem histórica do Uruguai como país pequeno mas glorioso. O orgulho exacerbado pelos sucessos obtidos, considerando o tamanho territorial e

demográfico, destaca-se como elemento de diferenciação face aos vizinhos Brasil e Argentina (ACHUGAR, 1992). Isso se traduz em termos desportivos na autoimagem da equipe uruguaia como Davi que enfrenta Golias (BAYCE, 2003), destacando as dificuldades que devem ser superadas pela seleção para lutar em igualdade contra equipes mais fortes.

A convicção de não ser considerado favorito antes de qualquer jogo é constantemente lembrada. Como pode ser rastreado desde o Maracanaço, destacar essas características desfavoráveis iniciais facilita o apelo discursivo a “façanhas” e “milagres” no caso de se obter resultados esportivos favoráveis.

Esta autoimagem, referente a uma desvantagem inicial pelas características territoriais e demográficas do país, não corresponde ao discurso de organismos reguladores, que destacam as qualidades futebolísticas do Uruguai e o colocam em condições de igualdade contra o rival poderoso.

Qué bueno que hablen de Holanda. De Robben, de Van Persie, de Sneijder. Y es bueno que nos ignoren. Porque si hay algo de lo que estoy seguro es que a este equipo uruguayo lo van a tener que descuartizar en la cancha para que se vaya vencido. Van a dejar la última gota de sangre y sudor en pos de una camiseta. Serán cada vez más fuertes (OVACION DIGITAL, 05 jul. 2010).

A la cancha van los que llegaron sin hacer ruido, pero ya les armaron flor de alboroto. Los que no tenían cámaras de cadenas internacionales, los que todavía son ignorados por los medios europeos... A la cancha van los que algunos dicen que son "tramosos" (OVACION DIGITAL, 05 jul. 2010).

Desde hace medio siglo, Uruguay ha vivido de su palmarés, en la sombra de sus poderosos vecinos argentinos y brasileños. "El Maestro" ya ha logrado su objetivo de quitar a Uruguay su imagen de equipo tosco, sin gran talento. La aparición de una nueva generación, es la garantía de que el viaje a Sudáfrica no quedará sin continuidad. Una nueva final de la Copa Mundial de la FIFA permitiría a Uruguay librarse al fin de su pasado, sin renegar de él (FIFA, 05 jul. 2010).

El seleccionador de Holanda, Bert van Marwijk, elogió este lunes la pasión del equipo uruguayo, al que enfrentará el martes en la semifinal de la Copa Mundial de la FIFA Sudáfrica 2010, y confesó que lo ha puesto como ejemplo a sus jugadores... Uruguay está compuesto por "combatientes" y "supervivientes", que "no habrá que subestimar" (FIFA, 05 jul. 2010).

As derrotas contra Holanda e Alemanha marcaram o fim da competição para o Uruguai e a colocação final na quarta posição. Os discursos da imprensa nacional referem-se a certo orgulho de ter feito uma campanha histórica, o que confirmaria o ressurgimento do futebol uruguaio. Aponta-se também que este desempenho é

alcançado segundo as historicamente dominantes *formas-representações*, sem sacrificar uma suposta “essência” do futebol nacional, reconhecendo a derrota contra adversários tecnicamente superiores.

Por sua vez, os organismos reguladores sublinham a campanha uruguaia como representante sul-americana, destacando sua entrega e os colocando como campeões morais do torneio. A constante necessidade de “espelhos” (ACHUGAR e CAETANO, 1992) para a formação da identidade nacional, é exibida nas permanentes referências às manchetes dos meios de comunicação estrangeiros, por parte da imprensa uruguaia.

Los medios sudamericanos elogiaron la actitud de los uruguayos, únicos representantes del continente en la fase decisiva del Mundial. "Si el fútbol fuera coraje y valentía, quizás se estaría hablando de la clasificación de Uruguay a la final. (...) La semifinal se resolvió según los pronósticos, a pesar de la Uruguay valiente y corajuda (OVACION DIGITAL, 07 jul. 2010).

"Con casta y la entrega" "Uruguayos pueden estar bien orgullosos de los suyos señalo el diario Marca de España (OVACION DIGITAL, 11/07/2010). Un heroico Uruguay dejó muy en alto al Fútbol Sudamericano (CONMEBOL, 07 jul. 2010).

Eran otras épocas, donde la gloria mandaba y, por consecuencia, pesaba; la participación de los celestes en los mundiales se resumía poco menos que en la disyuntiva simplista, y hasta agobiante, de ser campeones o nada... muchos años después, estos celestes que están jugando en Sudáfrica, demostraron que eran capaces de ponerse a la altura de sus linajudos antepasados (OVACION DIGITAL, 09 jul. 2010).

Uruguay volvió a sus raíces más profundas, a esas que lo llevaron a lo más alto, aquellas que lo vieron ganar todo y en la adversidad (OVACION DIGITAL, 11 jul. 2010).

Los campeones del pueblo... El cuarto puesto no es una derrota, sino un motivo de orgullo para el país...Deportivamente la selección nacional recuperó en Sudáfrica -a base de grandes rendimientos, buen fútbol por momentos, entrega y la "garra" bien entendida para siempre dar batalla hasta el final- el prestigio que había quedado en el olvido para el resto del mundo. Miles de personas festejaron haber luchado hasta el último segundo contra otra potencia (OVACION DIGITAL, 11 jul. 2010).

Ao longo de toda a competição, assim como em publicações alusivas posteriores, destaca-se o papel da seleção como símbolo da unidade nacional. Isto é previsível, na medida em que o futebol tem sido um elemento historicamente central para a comunidade imaginada nacional (ANDERSON, 1993), não sendo um fenômeno exclusivo, pois a tentativa de ligação simbólica entre a seleção de futebol e a nação, comumente acontece nos distintos países nas disputas de torneios

internacionais. No entanto, este lugar comum discursivo é especificado para esta seleção, que representaria algumas características distintivas em comparação com as seleções uruguaias anteriores.

Hoy juega Uruguay. Y cuando juega la Celeste lo hace por todos y cada uno de los uruguayos. Juega por los que creyeron siempre. Por lo que empiezan a creer ahora. Por lo que se dieron cuenta que esta selección uruguaya era diferente (OVACION DIGITAL, 21 jun. 2010).

Un grupo humano puede conseguir, sobre la base de un compromiso colectivo, los objetivos que se vislumbraban como imposibles (ANUARIO OVACION DIGITAL, 2010).

El maestro... le dio seriedad y continuidad al trabajo. Hubo orden, disciplina y profesionalismo. ..Hubo también depuración en el plantel. Se apuntó mucho más al hombre que al jugador. A un prototipo de futbolista que no abunda por estos lares, más universitario que reo, más instruido, más educado (OVACION DIGITAL, 09 jun. 2010).

Este grupo de compatriotas demostró lo que se puede lograr cuando se aúnan esfuerzos en pos de un objetivo común y se dejan de lado rencillas menores y personalismos dañinos...y cuando se deja todo en la cancha, como lo dejaron nuestros jugadores y técnico (EL OBSERVADOR; EL AÑO QUE VOLVIO A LATIR LA CELESTE, 11 jul. 2010).

Este grupo unido, solidario, compañero y convencido de que la propuesta que le hacía el técnico Óscar Tabárez para desarrollar en la cancha era la correcta y por eso nadie se guardó una gota de sudor ni un hálito de oxígeno (OVACION DIGITAL, 11 jul. 2010).

A forte coesão do grupo, que não deixa espaço para vaidades pessoais, o alto grau de comprometimento com a causa coletiva da seleção e a profissionalização da equipe nacional, são elementos que vão ser repetidos insistentemente pela mídia em todo o período analisado e podem ser pensados como argumentos “racionais” para explicar os sucessos esportivos.

A relevância desses fatores não estaria limitada ao futebol, mas representaria um impacto social através de certo legado intangível de valores éticos e morais, uma ideia que é reforçada por atores políticos e acadêmicos.

El desempeño del seleccionado en Sudáfrica parece haber desterrado el típico pesimismo uruguayo Especialistas dicen que la celeste es un modelo positivo para los jóvenes (OVACION DIGITAL, 03 jul. 2010).

"Nos han dado una cuota de coraje y juventud... No sólo son guapos, sino también valientes. Nos dieron la esperanza de soñar. Gracias en nombre de todo el pueblo uruguayo... Este es el mayor legado de este sueño celeste a pesar de que apenas somos tres millones en una esquinita de América del Sur" exclamó el presidente José Mujica (FIFA, 13 jul. 2010).

Este homenaje, en el que los jugadores y el cuerpo técnico recibieron medallas de reconocimiento de manos del presidente, José Mujica, fue el colofón a un mes de constantes celebraciones en el país al calor del éxito futbolístico de su selección, que poco a poco transformó el habitual carácter mesurado de los orientales en una desbordada alegría por el trabajo bien hecho y por el orgullo recuperado (FIFA, 13 jul. 2010).

Junto a lo deportivo deja una imagen muy positiva de valores para la sociedad uruguaya, que siempre requiere de estímulos para su autoestima, para su confianza, para proyectarse en muchos aspectos al futuro. Nos deja fuerza que hay que saber aprovechar éticamente, para un impulso a la inclusión social y al desarrollo de políticas deportivas... El equipo uruguayo que participó del último mundial de fútbol transmitió creatividad, espíritu de grupo y juego limpio, además de tratarse de una selección incontaminada de factores privados o expresiones partidarias, afirmó Lescano en el lanzamiento de la nueva campaña publicitaria, destinada a promover a nuestro país como destino turístico (MONTEVIDEO PORTAL, 07 dez. 2010).

Este “legado” da Copa do Mundo teve sua formalização institucional, com a criação da *Fundación Celeste*, uma organização sem fins lucrativos criada pelos próprios jogadores após o torneio, e financiada por contribuições públicas e privadas, que visa desempenhar um papel de inclusão social através do futebol, com a execução de vários projetos sócio-educativos a nível nacional.

No seu site oficial, pode se observar a relação direta que pretende se estabelecer entre os valores compartilhados pelos jogadores da seleção e a decisão de institucionalizar os mesmos através da organização.

A iniciativa de criar uma fundação surgiu na concentração durante a Copa do Mundo.. revelou se o espírito de solidariedade dos jogadores, um grupo de jovens com fortes laços de amizade e companheirismo que vinha trabalhando juntos desde vários anos antes. Fundación Celeste tem como objetivo promover os valores do esporte na educação de crianças e adolescentes, particularmente através do futebol. Ela é voltada principalmente para os setores mais carentes da população, com oportunidades para aprender e praticar esportes. (<<http://www.fundacionceleste.org.uy/quienes-somos/>> – Tradução Nossa⁶¹).

Para resumir esta seção, apontamos que o desempenho esportivo na CM2010 possibilitou a emergência de discursos referentes a um “ressurgimento” do futebol uruguaio, tanto pela imprensa uruguaia quanto pelos organismos reguladores. Este ressurgimento é possível pela presença de características que seriam supostamente

⁶¹ “La iniciativa de crear una Fundación surgió en la concentración durante el Mundial,.. Ahí se puso de manifiesto el espíritu solidario de los jugadores, un grupo de jóvenes con fuertes vínculos de amistad y compañerismo. que venía trabajando junto desde varios años atrás. Fundación Celeste tiene el propósito de *fomentar los valores del deporte en la educación de niños, niñas y adolescentes, particularmente a través del fútbol*. Se orienta principalmente a los sectores más necesitados de la población, con oportunidades de aprender y practicar deportes”.

essenciais do time uruguaio (“garra charrúa”, mística, orgulho de ser pequeno), que se relacionam com aspetos históricos do *habitus nacional* (ELIAS, 1997), e que são apresentadas como representações coletivas duráveis com uma função expressiva e cognitiva, indicando o que se deve esperar por parte de um time uruguaio.

Estas características atuam como um sistema de classificação simbólico que permite a simultânea identificação e diferenciação (HALL, 2005), com respeito a alteridades diversas ao longo da competição: potências europeias, como a Alemanha e Holanda, e equipes sem história futebolística comparável, como Gana e Coreia do Sul.

Especialmente a “garra charrúa” revela-se em seu caráter de representação coletiva a partir do momento em que aparece, desde uma autoimagem nacional e reforçada por olhares externos, como uma noção consolidada e resistente, apesar da duvidosa plausibilidade empírica do termo, como discutido no capítulo anterior. A popularização da garra charrúa de forma essencializada num *senso comum* nacional e internacional do futebol, permite que se utilize de forma acrítica, como ilustra a seguinte imagem dos torcedores do Liverpool na Inglaterra:



IMAGEM 2- Garra Charrua- Liverpool.

Extraído de: <http://eldiario.com.uy/wp-content/uploads/2013/05/copy_of_prop130505-041-liverpool-everton.jpg>. Acesso em: 04 ago. 2014.

A estas características essencializadas são adicionados elementos conceituados como diferenciais do processo Tabárez (profissionalização, coesão do grupo, compromisso), que explicariam o bom desempenho esportivo e representariam, segundo a visão de agentes políticos e econômicos, um legado intangível em valores para questões extra-futebolísticas, como a autoestima nacional, a convivência pacífica e a capacidade de promover políticas públicas de inclusão social, como evidenciado pela criação da *Fundacion Celeste*.

A Copa América no ano seguinte representaria a consolidação deste ressurgimento com base nestes e em outros elementos que vão se analisar na próxima seção.

4.2 CONSOLIDAÇÃO: COPA AMÉRICA ARGENTINA 2011

Um ano após a CM2010, foi realizada a Copa América 2011 na Argentina. Mesmo sem ter o prestígio internacional da Copa do Mundo, o torneio continental sempre foi de fundamental importância para o Uruguai, pois esta competição acabou sendo a única reserva de orgulho nacional futebolístico face ao ostracismo sofrido em torneios mundiais na segunda metade do Século XX.

Especialmente, os confrontos contra as principais alteridades historicamente constituídas para a autoimagem nacional (Brasil e Argentina), permitem a atualização dos discursos identitários e a diferenciação subsequente destes países. Estes esforços de diferenciação com os países vizinhos pode ser acompanhada desde as origens da nacionalidade uruguaia, especialmente através da tese do surgimento da mesma como uma “fatalidade” (REAL DE AZUA, 1991).

Como consequência do bom desempenho na CM2010, a estabilidade do técnico e a permanência dos jogadores em praticamente sua totalidade, os discursos anteriores à Copa América 2011 apontavam o Uruguai como um dos favoritos. Esta situação apareceu como atípica, já que se opõe à autoimagem segundo a qual o Uruguai, por suas limitações econômicas, demográficas e territoriais nunca seria favorito e deveria sempre apelar para outros elementos anímicos e espirituais para obter resultados favoráveis.

Uruguay es candidato por historia y tradición, por los formidables delanteros que posee, por su temperamento de siempre, pero por encima de ello, porque detrás hay un trabajo serio y responsable (REVISTA CONMEBOL, Julho-Agosto, 2011).

Uruguay comienza a vivir una copa y el corazón late fuerte... con Uruguay como uno de los grandes protagonistas. Con un Uruguay con estrellas de primer orden. Ahí están los Forlán, los Cavani, los Lugano, los Suárez,. Ellos no tienen nada que envidiarle a los astros brasileños o argentinos (OVACION DIGITAL, 03 jul. 2011).

El cuarto puesto obtenido en la copa del Mundo, así como la jerarquía de los delanteros que tiene Uruguay, ponen a "La Celeste" como favorita (OVACION DIGITAL, 02 jul. 2011).

Edinson Cavani, consideró que la Celeste tiene que defender su prestigio en la Copa América Argentina-2011 que comienza el 1 de julio. "Tenemos que defender nuestro prestigio, esa imagen que el Uruguay ha ido formando de a poco. Sabemos lo que tenemos que ir a dar y sabemos lo que podemos dar (FIFA, 28 jun. 2011).

A primeira fase da competição começou de forma irregular para o time uruguaio, obtendo dois empates contra Peru e Chile, sem apresentar um nível de jogo de acordo com as expectativas da imprensa. No entanto, as similares dificuldades experimentadas por Argentina e Brasil, em seus respectivos grupos, na constante relação estabelecida discursivamente, amorteciam as críticas ao desempenho do Uruguai. Assim, enquanto as principais alteridades, concebidas como o exterior constitutivo (HALL, 2000) da identidade uruguaia, não conseguiam se diferenciar positivamente, não se apresentavam como uma real ameaça às valorações da equipe uruguaia.

As esperanças de ter um bom resultado no segundo jogo contra o Chile, concentraram-se na imagem construída nacionalmente, e ratificada pelos olhares externos, do Uruguai como equipe com raça e que sempre "ressurge" de condições adversas. Após o jogo, voltou-se a apelar para uma suposta essencialidade guerreira da equipe nacional, para se diferenciar de seu rival, apontando a mesma como a explicação para a diferença de campeonatos entre os dois times.

Empate celeste en el debut de la selección... ¿Qué se le puede decir a Uruguay con este resultado? ¿Acaso hay algo para recriminarle a los jugadores? Argentina, la gran favorita para muchos, apenas si empató con Bolivia, y Brasil, el otro favorito para los especialistas, ni siquiera pudo hacerle un gol a Venezuela (OVACION DIGITAL, 05 jul. 2011).

"Me gusta, me encantan estos partidos de dientes apretados y con todo en contra", dijo Diego Lugano en la semana. Y será así. Con Uruguay actuando de visitante ante Chile ... "Uruguay siempre sobrevive", señaló Claudio

Borghi en su última aparición ante los medios. Y es una señal de cómo ven a los celestes sus adversarios. Lo ven como a un equipo que resurge, que no está liquidado, y que pelea hasta el final. (OVACION DIGITAL, 07 jul. 2011).

Volvieron los cantos y la euforia. También el temblor que bajó de las tribunas como lava hirviendo. Pero a la selección de Chile no le alcanzó con eso. Por ahí, cuando tenga el alma de los uruguayos, ese amor propio, esa lucha sin cuartel, quizás logre lo que está buscando hace un buen tiempo y no consigue: ganar una copa. (OVACION DIGITAL, 09 jul. 2011).

O último jogo, entre Uruguai e México, é apresentado como definitivo pela imprensa nacional, quando se espera que a seleção, “faça valer sua história” e confirme o ressurgimento desde a CM2010, apontando que, caso contrário, todo o prestígio conquistado naquela ocasião iria se desmoronar. Esse determinismo um tanto fatalista da imprensa, ilustra a natureza instável das representações coletivas, que apesar de sua autonomia e de caráter resistente, não deixam de ser criadas em momentos específicos e podem ser questionadas por resultados esportivos pontuais desfavoráveis.

Tabárez reconoció que existe preocupación en su plantel por el momento que atraviesa la selección uruguaya en el torneo, en el que no ha repetido ni por asomo el juego que la llevó a conseguir hace exactamente un año el cuarto puesto en la Copa Mundial de la FIFA Sudáfrica 2010 (FIFA, 11 jul. 2011).

A mostrar la chapa... Uruguay tiene que vencer a México, no sólo para garantizar su continuidad en la Copa América, sino para demostrar que sigue siendo uno de los grandes, uno de los protagonistas que vino a engalanar el torneo y no a ser uno más... todo ese prestigio ganado en el Mundial de Sudáfrica 2010 puede perderse en un abrir y cerrar de ojos, porque si Uruguay no clasifica. Será carne de cañón (OVACION DIGITAL, 11 jul. 2011).

A vitória contra o México e os resultados dos outros grupos determina que o Uruguai deva enfrentar a Argentina nas quartas de final, no que acabou sendo o jogo que gerou mais matérias da imprensa ao longo da competição.

Conforme descrito no capítulo anterior, a Argentina é para o Uruguai a principal alteridade, pela qual constrói sua autoimagem a partir de uma série de processos históricos de aproximações e diferenças, que podem ser rastreados desde o início do Uruguai como nação independente, considerando a épica Artiguista e sua ideologia federalista, por oposição ao centralismo de Buenos Aires.

Em uma história compartilhada, as rivalidades e tentativas de distinção entre as duas nações são expressas em diversas áreas, que vão desde o âmbito político-

institucional ao cultural, como expressa a histórica disputa ainda não resolvida por ser a terra de nascimento do célebre cantor de tango Carlos Gardel – polêmica que foi retomada com as capas dos jornais argentino *Olé* e o uruguaio *Ovación*, antes e depois do jogo respectivamente.



IMAGEM 3: Es Argentino!

Extraído de: <http://2.bp.blogspot.com/-3ljxlnehl/TiGMPQL5sEI/AAAAAAAAAew/ZUFXsVW_Kks/s1600/GARDEL.jpg>. Acesso em: 02 ago. 2013.



IMAGEM 4: Gardel es nuestro.

Extraído de: <<http://www.razon.com.mx/IMG/jpg/l2-14.jpg>>. Acesso em: 12 nov. 14.

Em termos estritamente futebolísticos, os confrontos sucessivos desde 1905, no marco da Copa Lipton e ao longo do Século XX, as tentativas de diferenciação interna dentro do comum estilo crioulo, juntamente com a paridade de títulos ao nível Sul-americano, destacavam a natureza “clássica” do confronto.

As condições adversas proclamadas na véspera, quando relacionadas descursivamente a condições semelhantes em vitórias anteriores, permitem atualizar a representação da “mística celeste”, como esperança de sucesso do time uruguaio, combinada com a autoimagem do país com maior glória per capita.

Un día de historia...Uruguay va por otra gesta deportiva impulsado por su raza. No hay más que ojear libros, páginas, o simplemente ingresar en Google y buscar dos palabras: "hazaña" y "Uruguay". Y allí aparecerán hechos únicos e irrepetibles a lo largo de la rica historia del fútbol uruguayo... No hace falta más que un click para recorrer parte de esa mística que hasta el día de hoy mantiene la Celeste y pocos pueden explicar. ¿Cómo es posible que un país de tan sólo tres millones de habitantes sea capaz de pelearle de igual a igual a potencias mundiales, con mayor poderío económico, social y poblacional? ¿Cuál es su secreto? ¿Cómo hacen los uruguayos? Preguntas... cientos de preguntas que se repiten desde los Juegos Olímpicos de 1924 hasta hoy (OVACION DIGITAL, 15 jul. 2011).

Hoy se da todo como para aferrarse a la fe de la Celeste, a ese encanto de una selección que mantiene a todo un país expectante, latiendo y vibrando con su participación en esta Copa América. Y el terreno, el entorno, es el que un Nasazzi hubiera imaginado, el que el gran Obdulio hubiese elegido... Se le da todo en contra. Juega contra el equipo local ante un estadio repleto. Tiene a una constelación de estrellas enfrente, se las verá con el mejor jugador del Mundo... La Celeste llega y se enfrenta ante todos, e irá contra todos, como ha sido siempre a lo largo de su historia, porque así se consiguieron las hazañas y se cosecharon triunfos que hasta ahora se recuerdan como memorables. Y se da, además, un 16 de julio... habrá que apelar a lo que se apeló siempre: a esa entrega incondicional, ese amor por la camiseta que estos futbolistas demostraron tener desde que el maestro Tabárez mandó a repasar los libros de historia (OVACION DIGITAL, 15 jul. 2011).

A vitória uruguaia confirma a atualização discursiva da “mística celeste”. Questões específicas de jogo, como ter um jogador expulso no primeiro tempo, são mencionadas como elementos adicionais para essas condições adversas apontadas na véspera.

A data do jogo, 16 de julho, mesma data da final contra o Brasil em 1950, permitiria à imprensa realizar esta ligação simbólica entre os dois eventos. A frase que dizia que o Uruguai foi “fiel à sua história”, e que a vitória aconteceu com a alma do Obdulio, se repetem em várias matérias.

La senda de regreso a las grandes conquistas. El mundo admira la mística de los celestes... Mientras los medios argentinos no encuentran las palabras exactas que definen el dolor y decepción que les produjo la eliminación de su propio campeonato -ese que armaron para su beneficio-, los brasileños afirman que Uruguay mantiene el paso firme que comenzó en el Mundial de Sudáfrica (OVACION DIGITAL, 17 jul. 2011).

Uruguay fiel a su historia... hay que contarle al Mundo que Uruguay sigue siendo grande entre los grandes, que sigue escribiendo páginas y páginas de su rica historia, que asombra, que impacta, que enmudece, que deja sin aliento a sus hinchas y sin explicación a sus adversarios. ¿Cómo es posible que deje afuera al dueño de casa? ¿Cómo puede ser que no pierda con esa constelación de estrellas que todas juntas equivalen casi a la deuda externa uruguaya?... Ahí, en la cancha, en donde no valen los millones, en donde no importan los nombres, allí, en donde sale a flote el espíritu indomable, la entrega sin fin y la lucha, allí es donde aparece Uruguay (OVACION DIGITAL, 17 jul. 2011).

El mejor reconocimiento que tuvo la selección uruguaya partió del propio público argentino: el aplauso final... Otra vez, como en Maracanã en 1950, como en la Copa América de 1987, como en la Copa de 2007 ante Venezuela y como en Sudáfrica frente al local, Uruguay dejó al dueño de casa con pena y sin gloria. Y lo hizo siendo fiel a su historia, jugando ante la adversidad (OVACION DIGITAL, 17 jul. 2011).



IMAGEM 5: Uruguayazo!

Extraído de: <http://www.ole.com.ar/copa-américa/uruguay/Obdulio-titulo-Republica-montevideana-Maracanazo_OLEIMA20110717_0051_17.jpg>. Acesso em: 05 ago. 2013.

As imagens externas da própria Argentina também foram amplamente apontadas pela imprensa uruguaia, colocando a ênfase na diferenciação com a seleção daquele país para fazer uma avaliação positiva da equipe nacional. A partir de uma famosa coluna (que iria se tornar viral nas redes sociais), o principal jornalista da cadeia internacional FOX SPORTS, entre outras críticas, apontava as diferenças entre o Uruguai como um processo sério, planejado e com jogadores comprometidos; ao passo que na seleção argentina, os jogadores apenas cumpririam compromissos comerciais, e sequer cantavam o hino nacional, entendendo este ato como uma falta de compromisso com a seleção.⁶²

Fernando Niembro sacó la metralleta y disparó contra el técnico Sergio Batista y el plantel argentino... Lo que más llamó la atención fue el calibre grueso utilizado contra "Checho" Batista y el discurso bien conocido años atrás en Uruguay de que hay que pensar en jugar con futbolistas locales porque tienen el "hambre" que no tienen quienes actúan en el exterior.. Pónganles el espejo de Uruguay, que jugó gran parte del partido con 10

⁶² O vídeo pode ser conferido na íntegra em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ckEcVnS-rIA>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

jugadores y lo hizo con una garra, con un espíritu que no tienen los argentinos (OVACION DIGITAL, 17 jul. 2011).

En Uruguay pasamos de la noche al día y en la vecina orilla ingresaron lentamente en el laberinto más oscuro (ANUARIO OVACION, 15 Ago. 2011).

A semifinal com o Peru não gerou muita expectativa na imprensa uruguaia, que ainda se ocupava das repercussões do jogo com a Argentina. Como antes de iniciar a competição, o Uruguai apareceu como favorito, gerando um certo ceticismo por parte da imprensa nacional, atualizando a representação pela qual esta não é a situação ideal para o Uruguai: “a la Celeste le gusta ir de punto y no de banca. Prefiere los silbidos y los insultos a los aplausos y el aliento” (OVACION DIGITAL, 18 jul. 2011). Após a vitória, antecipa-se e a final contra o Paraguai e são revistas as adversidades superadas.

Uruguay llegó al final del camino en la Copa América sorteando todos y cada uno de los obstáculos que tuvo...llegó sin estar en la consideración de muchos y fue abriéndole los ojos a todos, transitando un sendero espinoso por el cual otros favoritos iban quedando por el camino...Esta final, preparada para argentinos y brasileños, tendrá otros protagonistas, esos que no estaban en los cálculos (OVACION DIGITAL, 23/07/2011).

Após a vitória no jogo decisivo por três gols a zero, a imprensa nacional traçou descursivamente uma linha de continuidade histórica deste triunfo com os títulos anteriores a nível sul-americano, destacando mais uma vez o orgulho de ser pequeno e ter mais títulos neste nível do que os “grandes” do continente.

Da muchísima felicidad comprobar que la mística de la garra charrúa no se extinguió y que hay buena madera para seguir trabajando con dedicación (ANUARIO OVACION, 2011).

Uruguay gana la copa América de selecciones. Es el mismo viejo sudamericano de Scarone, Nasazzi, Obdulio. Santa Beatriz. Tenía que volver a su casa... Cuando la fiesta estaba preparada para el dueño de casa, la celeste volvió a rugir fuerte en sudamérica. Un invitado “indeseable”. (ANUARIO OVACION, 2011).

Uruguay campeón de América! Como ayer, como hoy, como siempre. La Celeste goleó a Paraguay 3-0 y, con 15 títulos, se convirtió en el seleccionado más ganador de la historia del fútbol sudamericano. En una fecha sugestiva, Uruguay dejó bien claro que es el papá de América (OVACION DIGITAL, 25 jul. 2011).

Es Uruguay, es el mismo de siempre. El pequeño país, el más chiquito de todos, al que nadie y nunca tiene en cuenta, pero termina obligando a que todos hablen de él (OVACION DIGITAL, 25 jul. /2011).

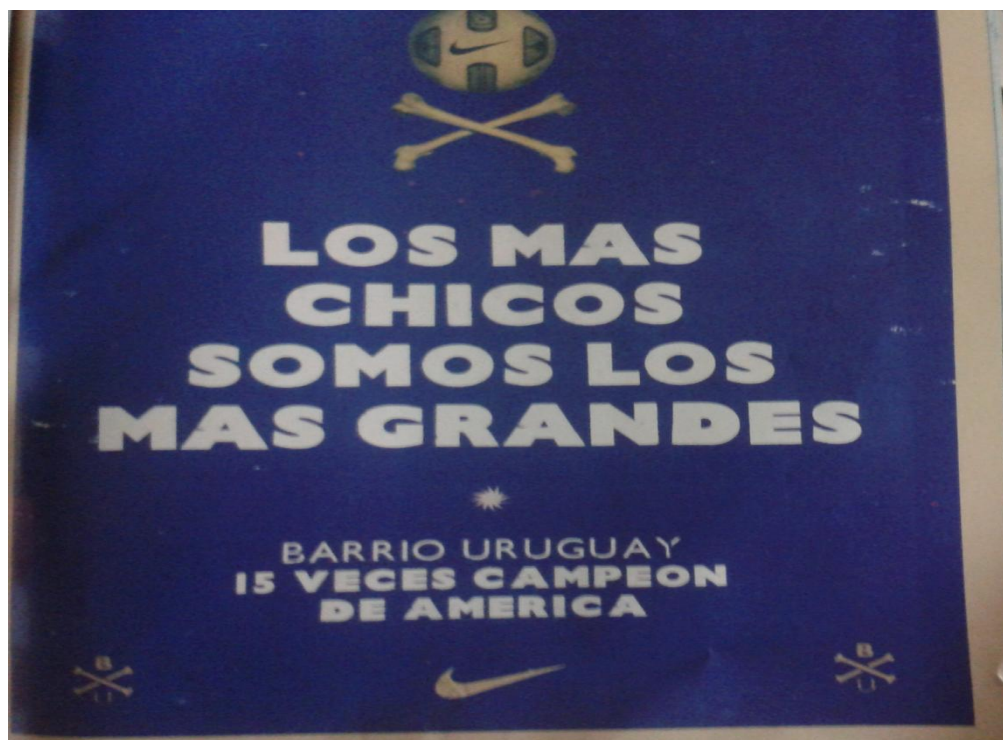


IMAGEM 6: Barrio Uruguay

Foto tirada pelo autor desde Publicação "Anuario Ovacion 2011".

Por sua vez, os organismos reguladores e a imprensa internacional reforçam a imagem do ressurgimento do futebol uruguaio, através da atualização das representações coletivas, referentes à herança charrúa essencial que se encontraria no DNA desse país, e destacando sua posição de principal vencedor desta competição assim como enfatizando a comparação com a Argentina e o Brasil, como alteridades privilegiadas.

Vayan las congratulaciones para Uruguay, nuestro nuevo campeón continental con su viejo estilo de garra, de entrega y corazón... el cuadro *celeste*, que venía con el antecedente de su redentor cuarto puesto en el Mundial de Sudáfrica, ratificó su gran momento y lo coronó en esta Copa, de la que se convirtió en el máximo ganador con 15 conquistas... Después de muchos años alejado del protagonismo Uruguay recupera un sitial estelar en América del Sur (REVISTA CONMEBOL, Setembro-Outubro, 2011).

Marca, la web más leída de España, tituló: "Orgullo Charrúa" e informó: "Uruguay cazó la Copa América en el Monumental de Buenos Aires,

territorio que acabó sin césped, arrancado por el orgullo charrúa. La Celeste barrió a Paraguay en la final y elevó a los cielos la Copa América, tesoro del que ningún otro país sudamericano, ni Argentina, ni Brasil, se ha apoderado más veces que el pirata uruguayo. Así actuó Uruguay, con el cuchillo entre los dientes, y así ganó el título, corriendo por un país entero que lleva el competir en los genes. Con eso se nace y se lo demostró al mundo entero... América es celeste", publicó El País de Madrid "El técnico paraguayo. le puso hormigón en el camino de Uruguay al gol pero olvidó que un charrúa es capaz de comer piedras (OVACION DIGITAL, 26 jul. 2011).

Hay quienes tratan de limitar el éxito uruguayo a la lucha y a la actitud de sus jugadores. Hablan de la "garra charrúa" y nada más. Esa entrega es real e indiscutible, sin embargo, este equipo también juega... Esta nueva era de Uruguay empezó hace menos de dos años y amenaza con quedarse mucho tiempo más. Porque ellos ya estuvieron allí, saben cómo llegar y sobre todo como mantenerse. Hoy, son los reyes de América y sus tres millones de habitantes celebran mientras Argentina y Brasil sufren una nueva decepción (ESPN, 24 jul. 2011).

Da mesma forma que aconteceu na CM2010, a imprensa e vários atores políticos relevantes num nível nacional acreditam na importância do sucesso esportivo para a autoimagem nacional, considerado-o como legado intangível de valores desejáveis de sociabilidade e integração social, com consequências positivas para promover melhorias específicas em determinados aspectos da sociedade.

El mayor rédito viene por el lado de confirmar un ciclo. De demostrarle a los jóvenes que los objetivos son alcanzables. Que la unión de las fuerzas y la identificación plena con el bien común es lo que lleva a la cima deportiva" (ANUARIO OVACION, 2011).

El fútbol no es lo más importante... pero creo que es un vehículo que puede posibilitar el desarrollo de cosas que son más importantes que el fútbol", explicó Tabarez. Dentro de Uruguay, agregó, el deporte puede tener también "efectos sociales", en un contexto en el que en los últimos años ha crecido la preocupación por el incremento de la delincuencia juvenil asociada al consumo de drogas (ESPN, 26 jul. 2011).

Resumindo esta seção, a consagração do Uruguai na CA2011 representou, no nível dos discursos da imprensa nacional e internacional, uma afirmação do ressurgimento experimentado na CM2010 e a consolidação do "processo Tabárez". A vitória contra a Argentina, brindou a oportunidade para atualizar as representações da "garra charrúa" e a "mística celeste", através de um confronto que implica para o Uruguai a rivalidade no futebol mais acirrada com o "outro próximo" mais significativo, com o qual se tem em comum uma história de acercamentos e

diferenças num nível social, político-institucional e cultural, desde o início do Uruguai como nação independente.

Porém, pelo fato de o Uruguai ser considerado favorito ao título na véspera da competição e vencer nas partidas semifinal e final com relativa facilidade, a representação coletiva referida à mística que possibilita conseguir façanhas esportivas, aparece num segundo plano, dando prevalência aos discursos sobre a consolidação de um processo bem sucedido de trabalho começado em 2006, como a principal explicação do sucesso esportivo. Este processo envolveria uma série de padrões referentes ao comportamento exemplar dentro e fora dos gramados, os métodos de trabalho e as relações entre atores, que são valorizadas como revolucionárias, em comparação com o estado anterior da situação no cotidiano da seleção nacional.

Na próxima seção, vamos discutir as continuidades e quebras desse discurso no contexto das EL2014.

4.3 RUPTURAS: ELIMINATÓRIAS COPA DO MUNDO BRASIL 2014

Com o ressurgimento, iniciado em 2010 e consolidado em 2011, iniciavam-se em outubro daquele ano, as eliminatórias para a Copa do Mundo Brasil 2014.

Embora os antecedentes nesta competição indicassem um constante término na quinta posição, desde que se estabeleceu o sistema de disputa de pontos corridos (edições de 2002, 2006 e 2010), o imediatismo dos sucessos esportivos – juntamente com o fato de ter uma vaga a mais no continente, pelo fato de o Brasil sediar o evento– fazia-se presente na imprensa através de um otimismo na qualificação direta.

Em consonância com os apontamentos teóricos sobre a reivindicação da identidade e autoimagem nacional uruguaia, explicada como constante “necessidade de espelhos” (ACHUGAR e CAETANO, 1992), os jornalistas latino-americanos foram questionados sobre suas expectativas para esta competição, reafirmando o favoritismo dado ao Uruguai para obter a qualificação direta.

Ven a la Celeste en la gran cita...El Mundial y la Copa América elevó a Uruguay. Los periodistas de diarios sudamericanos consultados opinaron por unanimidad que Uruguay será uno de los clasificados para el Mundial 2014. (OVACION DIGITAL, 06 out. 2011).

Esta vez Uruguay clasifica sin problemas. Cuántas veces se habrá escuchado una frase así en los días previos al comienzo de una Eliminatoria. Esta vez, sí, hay fuertes argumentos para hacer aquella afirmación. Se está en un ciclo positivo, Hay, entonces, porqué pensar que Uruguay puede hacerse de un lugar directo en el Mundial, sin pasar por el tedioso repechaje que le deparó alegrías y tristeza (OVACION DIGITAL, 06 out. 2011).

No final das primeiras cinco rodadas das eliminatórias, o Uruguai estava invicto e em uma favorável posição na tabela de classificação. Estes bons resultados reforçaram os discursos triunfalistas por parte da mídia, que situava o futebol uruguaio bem acima dos concorrentes, acreditando na qualificação para a Copa do Mundo diretamente, sem sofrer os contratemplos das edições anteriores.

Está mucho mejor que en las Eliminatorias pasadas. Con argumentos que sostienen con firmeza la condición de candidatazo que tiene la Celeste para llegar a Brasil 2014 (OVACION DIGITAL, 12 out. 11).

El líder de la ronda clasificatoria va hacia Brasil 2014 aplastando y hasta atemorizando rivales....La vigencia incuestionable, y hasta se diría que autoritaria, que mantiene en el ámbito del fútbol sudamericano -e inclusive universal- una selección que cada día que pasa demuestra más cómo y por qué fue una de las mejores cuatro del Mundial de Sudáfrica (OVACION DIGITAL, 11 jun. 12).

El momento actual de la selección hace ilusionar a todos con una tranquila clasificación al próximo mundial (OVACION DIGITAL, 11 jun. 12).

Sudáfrica 2010, Argentina 2011 y muchos desafíos que se han ido presentando a lo largo de este camino celeste, que comenzó en 2006, reflejan con claridad una evolución fantástica (OVACION DIGITAL, 01 jun. 2012).



IMAGEM 7: Capa Ovacion, 12/11/11. Disponível em: <<http://historico.ovaciondigital.com.uy/11/11/12/>>. Acesso em: 12 out. 14.

Porém, entre a sexta e a décima primeira rodada do torneio, aconteceu uma sequência de maus resultados, donde Uruguai não venceu nenhuma partida e sofreu placares volumosos, perdendo de 4 a 0 contra a Colômbia, de 3 a 0 contra Argentina e de 4 a 1 contra a Bolívia. O otimismo das primeiras rodadas desapareceu e os discursos manifestaram que havia mais chances de ir à repescagem do que de classificar, que o voo para o Brasil estava “demorado” ou até mesmo que “el campeón de América tiene un pie afuera del Mundial (OVACION DIGITAL, 27 mar. 2013).

Esta realidade esportiva possibilita que apareçam matérias apontando para o estabelecimento do que seria uma crise duradoura na seleção, a qual se explicaria principalmente pela teimosia do técnico em manter alguns jogadores que não tinham o nível necessário, pela escassa renovação do time e pelas poucas alternativas exibidas quanto a sistemas de jogo. Esta crise provocou insistentes pedidos de mudanças de tática, jogadores e até do técnico.

Se pone feo. Mal juego y problemas de todo tipo frente a un Ecuador superior...Lo de Uruguay fue pobre y que el resultado pone las cosas más feas en las eliminatorias, o peor es que no fue un incidente, es una tendencia (OVACION DIGITAL, 12 set. 12).

El elenco del maestro Oscar Tabárez ha perdido brillo...a la sensación de que a Uruguay los rivales ya le leyeran el juego y su funcionamiento colectivo ya no es tan efectivo (OVACION DIGITAL, 11 out. 2012).

Veo lo que todos ven", dijo Óscar Tabárez en la última conferencia previa al partido en Bolivia. Qué lástima que no procedió para cambiar eso que vio, porque lo doloroso es que este momento se venía anunciando...Tabárez falló. No respondió como conductor de grupo ante los problemas que visualizó. Y ahora, si no cambia, lo van a tener que cambiar (OVACION DIGITAL, 17 out. 12).

La situación que atraviesa hoy la selección es grave. Ganó sólo dos puntos de los últimos 18 que jugó. Y es la más goleada de las Eliminatorias. Camina por el precipicio de la eliminación. Está en crisis (OVACION DIGITAL, 27 mar. 2013).



IMAGEM 8: Capa Ovacion, 27 mar. 13. Disponível em: <<http://historico.ovaciondigital.com.uy/13/03/27/>>. Acesso em: 12 out. 14.

No decorrer deste momento de crise esportiva, observa-se um questionamento insistente dos elementos anteriormente apontados, como virtudes do processo Tabárez. Além dos casos específicos de vilanização dos heróis esportivos (que serão discutidos na próxima seção) observa-se num nível geral que os elementos que foram interpretados como diferenciais positivos da seleção nacional, como a coesão grupal, a estabilidade do grupo de jogadores, a maturidade da equipe, são resignificados negativamente como imobilidade, “grupo de amigos”

fechado e falta de renovação – o que resulta num time desatualizado e portanto previsível face a seus rivais. Aparecem também alguns discursos do jornalismo esportivo, referentes aos jogadores que fazem boas atuações por seus clubes, mas decepcionam com a seleção.

Gastón Ramírez, Nicolás Lodeiro, Edinson Cavani, Luis Suárez y luego también Diego Forlán están acostumbrados a hacer goles cada fin de semana, pero hace rato que no le embocan al arco cuando se visten de celestes (OVACION DIGITAL, 23 mar. 2013).

Tabárez puso juntos a los goleadores de Italia e Inglaterra y prácticamente no la tocaron, o cuando lo hicieron lo hicieron sin la precisión o la efectividad que muestran las imágenes que llegan desde Europa cada fin de semana (OVACION DIGITAL, 27 mar. 2013).

Basta de regalar partidos. Otra vez una jugada tonta, una equivocación de fútbol amateur. Otra vez una falla grosera. Impropia de futbolistas de selección (OVACION DIGITAL, 27 mar. 2013).

Con jugadores muy lejos de su nivel, la selección uruguaya comenzaba a recibir cuestionamientos por primera vez luego del cuarto puesto en el mundial de Sudáfrica 2010 y la obtención de la copa América. Se empezó a “jubilar” a varios (ESPECIAL OVACION CAMINO AL MUNDIAL, fev. 2014).

Embora os maus resultados esportivos exacerbem as críticas à seleção e os pedidos de “mudança” e “renovação” da equipe, as resistências ao processo Tabárez não começaram apenas neste período.

Desde o início do processo, alguns dos principais jornalistas esportivos nacionais manifestaram o seu desconforto com o estilo que o técnico procurou impor à seleção. De acordo com estas opiniões, Tabárez carece de “boliche”⁶³, querendo impor um estilo de equipe moderno e “europeu”, que seria incompatível com as características essenciais do histórico jogador do Rio de la Plata e uruguaio especificamente⁶⁴. Num discurso jornalístico que se pode pensar como uma expressão de *Arielismo* moderno, as tentativas de modernizar a equipe e levar padrões de exigência, treinamento e comportamento pensados como próprios do futebol de elite europeu para a seleção nacional, ameaçaria a essência do futebol uruguaio.

⁶³ Esta expressão pode ser traduzida como malandragem, jeitinho para lidar com as supostas características típicas do jogador uruguaio.

⁶⁴ Um resumo da dita posição pode ser conferido em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0QosUMjjoNs>>. Acesso em: 02 out. 14.

Na mesma linha, em junho de 2011, antes da disputa da Copa América, surge um grupo no *Facebook* chamado “Que vuelva la celeste de antes” (Que volte a Celeste Antiga), que tem na atualidade mais de 40.000⁶⁵ curtidas. Este grupo expressa adoração pelo “deus Obdulio” e exige o retorno dos “antigos valores” do futebol uruguaio, que teriam sido perdidos nos últimos anos, entre os quais, o principal seria a “garra charrúa”, mas incluindo também a violência excessiva associada a ela.

Segundo este grupo, o processo desenvolvido por Tabárez procura evitar as ações violentas e catimbadas da equipe nacional, características que seriam a essência histórica do futebol uruguaio, sinal distintivo e motivo de orgulho contra outras equipes.

O nosso time sempre teve a merecida reputação de equipe duro, corajoso, que ninguém queria enfrentar. A camisa cor do céu era considerada em todo o mundo como um ameaçante símbolo de guerreiros que jogavam ao limite para ganhar de qualquer forma. Por alguma estranha razão, começou a tomar forma em nosso país a crença de que essa merecida reputação nos dava uma má imagem. A nossa seleção encontra se agora envolvida em um processo de deterioro do seu DNA futebolístico... Para você, que prefere ter jogadores que defendam o país na porrada, e não se importa nem minimamente se eles são boas pessoas ou colocam dinheiro para a UNICEF ou se vencem o prêmio Fair Play... chega de jogadores efeminados e frios, que voltem mais uma vez os jogadores expulsos, os escândalos, os chutes, os incidentes e brigas com jornalistas, que volte a “celeste” antiga! (Disponível em: <www.lacelestedeantes.com>. Acesso em: 30 nov. 2013 Tradução Nossa)⁶⁶.

Nestas opiniões, mesmo não sendo hegemônicas, pode-se observar o caráter resistente do que apontamos como *formas-representações* (TOLEDO, 2012), consolidadas no *senso comum* discursivamente construído e expressado tanto por jornalistas quanto por torcedores. São estas características de caráter futebolístico que estabelecem o que se deve esperar de uma equipe uruguaia, e definem simbolicamente as diferenças específicas com outros jogadores e times.

⁶⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/LaCelesteDeAntes?fref=ts>>. Acesso em: 06 out. 14.

⁶⁶ “Nuestro representativo siempre tuvo la bien ganada fama de equipo duro, guapo, al que nadie quería enfrentar. La casaca color cielo era vista en el mundo entero como un amenazante símbolo de guerreros que jugaban al límite para ganar como sea. Por alguna extraña razón, comenzó a gestarse en nuestro país una creencia de que aquella merecida reputación nos daba una mala imagen, Nuestra selección se encuentra hoy sumida en un proceso de deterioro de su ADN futbolístico. Para usted que prefiere tener jugadores que dejen bien parado al país a los golpes y no le interesa en lo más mínimo si son buena gente o si ponen plata para Unicef o si ganan el Premio Fair Play. Basta de jugadores afeminados y frios...Que vuelvan los expulsados, los escándalos, las patadas, los incidentes y las peleas con los periodistas. Que vuelva la Celeste de antes!”.

Contudo, nas últimas cinco rodadas das EL2014, a equipe venceu alguns jogos e acabou colocada na quinta posição, tendo que disputar a repescagem contra a Jordânia. Esta série de bons resultados esportivos permitiu, mais uma vez, atualizar as representações coletivas relativas à “garra charrúa” e a mística que seria essencial em um time que precisa viver sempre momentos “limites” para atingir bons resultados.

Celeste: una casaca tan emparentada con los milagros como los sufrimientos. Pasa la historia, avanzan los años y por más que se vivan tiempos de riqueza o se llegue a obtener superaciones deportivas, Uruguay no consigue alejarse de su karma... hay selección del mundo que esté expuesta tan reiteradamente a estas alternativas deportivas (OVACION DIGITAL, 05 set. 2013).

Sería fantástico que las Eliminatorias Uruguay fuese siempre visitante. Es el traje que mejor le queda a los celestes, el de punto, cuando todo el protagonismo lo tiene que asumir el dueño de casa (OVACION DIGITAL, 09 set. 2013).

Uruguay, con la raza o garra de sus hombres. Con la lucha de los futbolistas que tienen pegada a la piel la camiseta celeste. Ganó Uruguay y el Mundial de Brasil ya no queda tan lejos. Imposible que así suceda cuando Uruguay volvió a ser el equipo que convence por su solidaridad, por la disposición de sus hombres de jugar al "uno para todos y todos para uno" (OVACION DIGITAL, 11 set. 2013).

Uma vez obtida a classificação após derrotar a Jordânia, as matérias referem-se à presença da mística celeste que aparece em momentos chaves, bem como à coesão grupal que permitiu atingir o objetivo. Por sua vez, os organismos reguladores destacam a importância de contar com a presença uruguaia no Brasil, fazendo a ligação simbólica com o Maracanã.

Nesta linha, as autoridades do futebol nacional decretaram que no último jogo em Montevidéu contra Jordânia Alcides Gigghia (que marcou o gol da vitória uruguaia em 1950, e hoje é o único sobrevivente daquele time) estivesse presente e que o público pudesse comemorar o seu gol, como não aconteceu no Maracanã. Isso pode ser interpretado conforme o resenhado com Durkheim (2008), como um ato ritual que aponta a revitalização dos sentimentos coletivos de ligação com esse evento passado.

Esta celeste gallarda, corajuda, integrada por jugadores que afrontan los partidos con absoluto respeto a la historia, que son fieles representantes de los legendarios campeones, que han dado muestras firmes y contundentes

de su amor por la camiseta consiguieron su lugar en Brasil 2014 porque quedar afuera hubiese sido una afrenta (ESPECIAL OVACION CAMINO AL MUNDIAL, fev. 2014)

El equipo consiguió enderezarse. Se fortaleció a partir del compromiso colectivo, del respeto a la filosofía que los llevó a trascender, a ganarse otra vez el respeto mundial. Uruguay tuvo que transitar por caminos complicados, con espinas, teniendo que sortear obstáculos que parecían infranqueables. (OVACION DIGITAL, 21 nov. 2013).

La *Celeste* no quiere ni pensar en perderse la prueba reina del fútbol en el país vecino, donde se coronó en 1950 (FIFA, 12 nov. 2013).

El 16 de julio de 1950 se produjo el gol más impactante en la historia del fútbol mundial. ...el 2-1 definitivo que provocó el "Maracanazo", la mítica victoria celeste ante Brasil para quedarse con Mundial de ese año. No hay hazaña inigualable en el mundo, pero a Alcides le quedó siempre el sabor agri dulce de haberlo hecho pero nunca haber escuchado que lo gritaran. Esta noche, en la que Uruguay se apronta para celebrar una nueva clasificación a la Copa, todo el Centenario, y por qué no todos los uruguayos, se trasladarán en el tiempo hasta 1950 a través de la pantalla gigante y gritará junto a él aquel gol (OVACION DIGITAL, 19 nov. 2013).



IMAGEM 9: Razones para creer 1950-2014.

Extraído de: <<http://www.calcioweb.eu/wp-content/uploads/2014/06/maracanazo02.jpg>>. Acceso: 10 nov. 2014.

Ainda neste sentido de ligação com o passado, algumas matérias da imprensa nacional referem-se a um “medo” potencial que a presença do Uruguai geraria no Brasil. Para a autoimagem nacional, o time uruguaio seria o carrasco do futebol brasileiro, consubstanciado na peça publicitária do “fantasma del 50”⁶⁷.

Uruguay va al sitio que le corresponde, al país en el que forjó una leyenda inigualable. Brasil ya sabe que va su eterno enemigo otra vez al Mundial que organiza. Brasil ya siente que la camiseta que más dolor de cabeza le provocó en su historia no se perderá la oportunidad de tratar de emular una campaña fabulosa (OVACION DIGITAL, 14 nov. 2013).

Brasil sabe que Uruguay no es un adversario más el equipo va a ir a un templo sagrado de la historia del seleccionado charrúa...ojo Brasil va el “cucu” (ESPECIAL OVACION CAMINO AL MUNDIAL, fev. 2014).

Mesmo que em alguma instância, declarações específicas de membros da equipe brasileira pudessem sustentar esta tese⁶⁸, acreditamos que a mesma está longe de ser o sentimento da maioria da população nesse país, que tem outras rivalidades futebolísticas erigidas como principal alteridade (Argentina, Alemanha, etc.).

Da mesma forma que aconteceu com a Argentina na CA2011, o recurso discursivo endogenamente gerado pela imprensa uruguaia, sobre uma rivalidade não correspondida, mostra que não é necessária a reciprocidade para o fortalecimento de identidades grupais, através do estabelecimento uma alteridade de referência como outro constitutivo (HALL, 2000).

Neste sentido, conceder ao Brasil e à Argentina o papel de outros significantes (MEAD, 1982) desempenha um papel primordial de reforço da identidade uruguaia, integrando-se na linha de um *habitus* nacional que precisa de alteridades das quais se distanciar.

Resumindo esta seção, as EL2014 marcam uma ruptura com os discursos transmitidos anteriormente sobre o ressurgimento e a posterior consolidação do

⁶⁷ Esta peça pode ser assistida em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k9srbTbFKOI>>. Acesso em: 05 ago. 14.

⁶⁸ Ver declarações do técnico Felipão: <<http://placar.abril.com.br/materia/felipao-teme-uruguai-e-chile-mas-quer-enfrentar-outros-campeoes-mundiais>>; e do ex-jogador Pelé: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,pele-quer-revanche-contra-o-uruguai-na-copa-do-mundo,1507926>>. Acesso em: 01 nov. 14.

futebol uruguaio durante o processo Tabárez. Uma sequência de maus resultados esportivos leva ao questionamento do processo e dos elementos anteriormente louvados como diferenciais positivos, referentes a processos anteriores. Isto coloca em evidência a natureza dinâmica das representações coletivas sobre o que deve ser o futebol uruguaio, ganhando força nos discursos as representações até então contra-hegemônicas, que questionam as tentativas de modernização e mudanças feitas pelo processo Tabárez e chamam para um retorno à “essência” do futebol nacional.

Os bons resultados nas rodadas finais e a classificação para a Copa do Mundo Brasil 2014, revitalizaram as representações da “garra charrúa” e mística celeste como diferenciais anímicos, que tornaram possível atingir o objetivo juntamente com a revalorização da coesão grupal, anteriormente questionada. A possibilidade de jogar a Copa do Mundo no Brasil, com as implicações simbólicas e emocionais que isto tem para a autoimagem nacional é destacada nos discursos internos e externos.

Nos três momentos analisados, podemos identificar alguns membros da equipe que recebem uma atenção midiática especial, por ter características futebolísticas e de personalidade que seriam exemplares, e nas quais podemos ver tanto a resistência quanto os questionamentos das representações coletivas descritas até aqui. Na próxima seção, propomos analisar as construções discursivas de tais personalidades, desde sua apresentação como heróis esportivos.

4.4. OS HERÓIS CELESTES

Segundo o apontado no primeiro capítulo, principalmente através da ação dos meios de comunicação, constroem-se discursivamente celebridades esportivas globais, algumas das quais podem vir a se tornar heróis nacionais, na medida em que lhes é atribuído um caráter redentor da sua comunidade de referência (HELAL, 2000).

A categoria antropológica de mito do herói tem uma forte importância social, enquanto fornece modelos de comportamento exemplares para uma determinada sociedade. A natureza agonística do esporte em geral, e do futebol em particular, reforça a possibilidade de criação de narrativas heróicas sobre atletas (RUBIO,

2001).

Nesta seção, vamos analisar as construções discursivas dos membros da seleção mais relevantes, segundo a cobertura dispensada pela imprensa nacional e internacional no nosso período de análise: Diego Forlán, Diego Lugano, Luis Suarez e Oscár Tabárez como ilustra o quadro a seguir.

Quadro 4: Integrantes mais mencionados. Fonte: Elaborado pelo autor.

Integrante	Menções totais	Documentos
O. Tabárez	1104	391
L. Suárez	1002	358
D. Forlán	623	281
D. Lugano	437	225
E. Cavani	402	203
D. Godín	203	124
E. Arévalo	186	141
S. Abreu	111	68
C. Rodríguez	103	58

E importante apontar que a característica, mantida ao longo do Século XX, de ser um país urbano e macrocefálico com uma concentração de população e serviços na sua capital (PELLEGRINO, 2010) leva a que não apareçam reivindicações regionalistas na construção dos heróis esportivos. Mesmo que todos eles sejam nascidos em diferentes cidades⁶⁹, tiveram que se mudar sendo adolescentes para a capital para continuar a trajetória esportiva, portanto a reivindicações da cidade de origem não ocupam um lugar central nas caracterizações dos heróis.

4.4.1 Diego Forlán: Modelo de comportamento

Eleito o melhor jogador da CM2010 pela FIFA e considerado “figura do ano” por pesquisas de opinião pública uruguaia, Diego Forlán é discursivamente construído como um herói esportivo por algumas características particulares.

Ao contrário do que fora sugerido teoricamente por Da Matta (1982) e empiricamente verificado em muitos casos de atletas-heróis apresentados no quadro

⁶⁹ Diego lugano e nascido em Canelones, Suarez em Salto, Forlán e Tabarez em Montevideú

teórico (ex. Garrincha, Romário e Maradona), Forlán não representa um exemplo de ascendência social nem superação de uma situação desfavorável através do esporte. Sendo criado em uma família de classe média alta, estabelecida em um subúrbio de Montevideu, sua infância e juventude decorrem em um contexto de bem-estar econômico, longe das dificuldades vividas por outros atletas.

Este ambiente familiar e econômico próspero permitiram que o jogador pudesse concluir o ensino médio em escolas particulares, praticar tênis semiprofissionalmente e estudar vários idiomas, como Inglês, Português e Francês (LISSARDY, 2010) – atividades comumente consideradas elitistas e que possivelmente não sejam as mais comuns entre jogadores de futebol profissional, a maioria dos quais abandonam o ensino formal em algum ponto da trajetória acadêmica para se dedicar exclusivamente a sua profissão.

Além disso, desde 2005, Forlán assumiu uma posição como embaixador da boa vontade do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), sendo a face visível da organização no Uruguai e participando de várias campanhas da mesma.

Nos discursos da imprensa, é apresentado como um jogador humilde, educado e possuidor de um “nível cultural” acima da média, atributos que fazem dele um modelo a imitar, especialmente por parte dos jovens.

Forlán es el biotipo del profesional en el que se respalda el trabajo del técnico Tabarez... Para muestra vale una revelación: El utilero de la selección expreso que el delantero es el más ordenado del grupo (EL OBSERVADOR, EL AÑO QUE VOVIÓ A LATIR LA CELESTE, 2010).

El doctor Rossi, psiquiatra especializado en adolescentes y niños, rescata el valor modélico que tiene para los jóvenes algunos de los componentes del seleccionado. "Es un seleccionado lleno de gente con intereses... por ejemplo tenemos a Forlán como embajador de Unicef, es decir que estamos hablando de modelos bien positivos para los jóvenes", explica el profesional (OVACION DIGITAL, 03 jul. 2010).

Forlán es un clase A, un ejemplo social para la juventud...ojala haya muchos forlanes con esa cabeza, sencillez y humildad" Dirigente de la AUF Damiani (EL GRAFICO, LIBRO DE COLECCIÓN 4, 2010).

Ni Messi, Ni Cristiano Ronaldo, el mundo del futbol aplaudió de pie a Diego Forlán. Su nombre estaba en boca de todos. No solo por sus goles, por sus corridas electrizantes o por su entrega ineludicables, sino por su humildad (ANUARIO OVACION, 2010).

Socializado em um ambiente familiar intimamente relacionado ao futebol, Diego é neto do Nino Corazzo (treinador da equipe nacional na Copa do Mundo em

1962) e filho de Pablo Forlán (zagueiro com carreira de sucesso, principalmente no Peñarol e São Paulo, sendo membro do time uruguaio nas Copas de 1966, 1970 e 1974), o que é destacado nas notas de imprensa nacional e internacional, apontando para uma “dinastia Forlán”, que é tratado pelo próprio jogador como uma fonte de orgulho.

La familia de Diego Forlán ha establecido una especie de dinastía futbolística con su trayectoria en la selección uruguaya. .. Forlán escribió una nueva página gloriosa de la historia del deporte uruguayo al ser elegido mejor jugador de la Copa Mundial de la FIFA Sudáfrica 2010 ¿Cuál es su secreto? El compromiso y el respeto por la tradición uruguaya, valores que le fueron inculcados desde la cuna (FIFA, 12 nov. 2013).

Un campeón de familia "Este trofeo significa mucho para mí. Mi abuelo ganó esta copa, mi padre también y ahora yo. Son tres generaciones, significa mucho para la familia" (OVACION DIGITAL, 25 jul. 2011).

No entanto, além das heranças futebolísticas familiares e o nível de capital cultural exibido, o elemento que define o sucesso esportivo de Forlán, segundo as construções discursivas, seria um extremo senso de profissionalismo e um constantemente renovado desejo de crescimento pessoal, superando os obstáculos que testam a sua coragem para se tornar herói, incorporando através dessas experiências a sabedoria para enfrentar os desafios futuros (RUBIO, 2001).

Neste sentido, as horas de treinamento dedicadas desde a infância para aperfeiçoar o chute com as duas pernas, e o aprimoramento físico profissional que realizava fora dos horários dos treinos estão constantemente em destaque.

Sencillo, serio, afable, responsable, líder no por temperamento, si por ejemplo. Primero en la fila del sacrificio, voz pausada que se escucha en la concentración, símbolo de una nueva generación (EL GRAFICO LIBRO DE COLECCIÓN 4, 2010).

Está hecho para estas cosas, su vida deportiva está acostumbrada a realizar hitos. Forlán, un apellido ligado al futbol, recorrió el camino que recorren los grandes: el de la humildad y la sapiencia. (ESPECIAL OVACION CAMINO AL MUNDIAL, fev. 2014).

Nació con una historia y con una misión...Una misión de superación personal.de tesón... y de excelencia. Con esa historia en sus venas, Diego se preparo desde niño para desarrollar al máximo su potencial. Practicaba todos los días con una pelota contra un frontón o contra una pared, con una pierna y otra. Una y la otra después para desarrollar la misma potencia en las dos (LISSARDY, 2010, pp- 140-144).

Forlán utilizo la adversidad como motivación, los partidos de preparación lo mostraron alejado de la red adversaria y hasta peleado con la pelota. Forlán

soporto los problemas en su club, el escrutinio de su vida privada y los cuestionamientos por su sequia anotadora (ANUARIO OVACION, 2011).

El éxito del rubio de Atlético de Madrid no es producto de la casualidad. Es el resultado de un estilo de vida. Es el aprovechamiento de las oportunidades que le brindo su carrera deportiva y de saber dar los pasos justos y a tiempo (EL (EL OBSERVADOR, EL AÑO QUE VOVIÓ A LATIR LA CELESTE, 2010).

A atuação na CM2010 consagrou a carreira de Forlán, quem estava vivendo também um grande momento a nível clubístico com o Atlético de Madrid, onde conquistou a UEFA Europa League e se consagrou Bota de Ouro europeu na temporada 2009-2010. Na CA2011, também teve um bom desempenho e seus dois gols na final do torneio o tornaram, na época, o artilheiro histórico da seleção nacional.

No entanto, desde o segundo semestre de 2011, longos períodos de inatividade e baixos rendimentos a nível de clubes – no Inter de Milão e posteriormente no Internacional de Porto Alegre ao longo de 2012 e 2013 –, levaram também a uma queda acentuada do desempenho na seleção nacional.

Estes desempenhos negativos embora não afetem a sua construção midiática como modelo de comportamento, promove críticas sobre o seu estilo de jogo e constantes questionamentos à sua permanência na seleção, por jornalistas e ex-jogadores entrevistados.

Forlán hizo el gol, pero fue su único aporte. Estuvo lento, indeciso e impreciso con la pelota en el pie. Perdió muchísimos pases (OVACION DIGITAL, 03 jun. 2012).

Sigue sin aparecer el Forlán que conocemos. No le embocó un tiro al arco. Erró un gol solo (OVACION DIGITAL, 17 out. 2012).

Uruguay se vino abajo, las individualidades no aparecen. Se necesitan jugadores técnicos, que desequilibren. Como fue Forlán en el Mundial, pero ahora anda muy bajo (OVACION DIGITAL, 17 out. 2012).

“Hay que cambiar...poner a Cavani arriba con Luis Suárez. Juntitos los dos, que se queden ahí que en cualquier momento la mandan a guardar....Forlán ya no puede seguir”. Tesimonio Fabian O’Neill en (OVACION DIGITAL, 17 out. /2012).

Um ponto de inflexão na construção discursiva sobre Diego Forlán ocorre após a derrota contra o Chile, em Santiago, onde foi fotografado sorrindo e trocando a camisa com um rival. Este fato, embora condizente com a atitude, expressa pelo

jogador em diversas entrevistas, de “des-dramatizar” o futebol e compreendê-lo como um trabalho (LISSARDY, 2010), foi amplamente criticada nas redes sociais, interpretando-se ainda como uma “falta de compromisso” com a seleção.

Forlán, un par de horas antes había aparecido en las imágenes de televisión cambiando la camiseta con un rival y sonriendo. Esa actitud del futbolista fue muy criticada en las redes sociales, donde los hinchas se preguntaban de qué se reía (OVACION DIGITAL, 27 mar. 2013).

O baixo desempenho ao longo de praticamente todo o período das EL2014, juntamente com uma atitude despreocupada e interpretada como não condizente com a situação crítica nas EL2014, transformaram Forlán em um dos principais responsáveis pelo momento de crise esportiva, o que se configura como um claro processo de vilanização do herói (ALBUQUERQUE, 2013).

Em soma, as características anímicas e comportamentais do jogador permitem apresentá-lo discursivamente como um modelo de comportamento exemplar, sendo os aspectos mais comumente sublinhados o seu profissionalismo, compromisso, educação e também a consciência social. Estas características pessoais podem ser consideradas como exemplo dos elementos que apontamos como sendo diferenciais deste processo de seleções.

Da mesma forma que aponta Helal (2000) para o caso de Zico e o herói típico brasileiro, esta construção discursiva a respeito de Forlán acaba não sendo um exemplo arquetípico dos heróis futebolísticos uruguaios, mantendo pouca relação com as representações coletivas tradicionalmente valorizadas nos heróis antigos. Representações que vão aparecer mais claramente nos casos apresentados a seguir.

4.4.2 Diego Lugano: A liderança herdada

O capitão da equipe nacional desde o início do processo em 2006 até a Copa do Mundo Brasil 2014 tem sido o zagueiro Diego Lugano. As características, tanto futebolísticas quanto especialmente anímicas do jogador, são destacadas como representates do modelo típico do herói futebolístico uruguaio, personificação da garra charrúa e herdeiro dos antigos capitães vitoriosos, como Obdulio Varela e José Nasazzi.

Nas matérias que tratam de sua biografia, aponta-se um germe de liderança latente observável desde a infância, remarcando a ostentação do capitano e a representação de seus colegas em todas as equipes que jogou desde seu início como profissional, e até mesmo em áreas extra-futebolísticas como a escola. Aponta-se também suas origens humildes, especialmente ligado ao que seria uma representação inicial de consciência social, que se traduz em comportamentos solidários.

En su infancia...también pensaba actividades para hacer con sus amigos orientadas a unir los grupos. O la manera de ayudar a un compañero que no podía irse de viaje con ellos: hablar con la maestra, la directora, buscarle la vuelta para hacerlo participar. De todo eso Lugano era el portavoz, además de delegado de la Cruz Roja y vos cantante entre el grupo de amigos (LISSARDY, 2010, p. 31).

Se veían realidades crueles. Hay gente que no la pasa tan bien. Eso, mas el hecho que fui al colegio María Auxiliadora y a un liceo de hermanos, que hacíamos retiros espirituales y actividades a beneficio, y al hecho que mi abuela me llevaba a misa todos los domingos...creo que todo eso como que te genera cierto sentido social (LISSARDY; 2010, p. 31).

No decorrer de sua carreira, é mencionado como uma constante a aparição de obstáculos e a superação dos mesmos através de trabalho duro e perseverança, o que se encaixa no proposto por Campbell (1997) como provas do destino para testar a coragem do candidato a herói.

Neste sentido, narra-se sobre quando ele foi dispensado pela sua primeira equipe (Nacional de Montevideú) e dado em empréstimo para uma equipe menor do interior do país, na qual, após boas atuações, conseguiu chegar ao São Paulo Futebol Clube.

Posteriormente, trata-se da chegada ao clube brasileiro, que se encontrava em uma profunda crise esportiva, sendo um estranho para a torcida que questionava a sua chegada. A este respeito, aponta-se que tinha que treinar várias horas extras por dia para se destacar e demonstrar a validade da sua contratação.

Al llegar a São Paulo Lugano vivió la mayor prueba a sus convicciones. Nadie lo conocía y todos le preguntaban quien era, de donde llegaba. Multiplico el esfuerzo, porque quería demostrarles a todos que se equivocaban. Iba tres horas antes a las practicas y se iba tres horas después... a fuerza de de entrenamiento y perseverancia, se hizo un lugar. Pero, sobre todo, a fuerza de convicción (LISSARDY, 2010, p. 36).

A recompensa para esses sacrifícios veio com a obtenção de títulos esportivos importantes (Brasileirão, Copa Libertadores e Mundial de Clubes 2005), mas sobretudo pelo fato de superar a desconfiança inicial para se tornar ídolo da torcida com base na garra e compromisso.

Precisamente, a garra exibida durante os jogos é destacada como a sua principal virtude esportiva, e permite a comparação com os ex-capitães de seleções nacionais, os quais, sem ter especial virtuosismo técnico nem velocidade, destacavam-se pelas suas características anímicas. Esta ligação de Lugano com os ex-capitães uruguaios é observada em todos os períodos analisados e também aparece nos discursos dos organismos reguladores, construindo discursivamente o jogador como um herói nacional e reconhecido globalmente como um arquétipo do futebolista uruguaio.

En el fondo, cabe destacar la presencia y el liderazgo de Diego Lugano. El rubio marcador central representa a los capitanes históricos de la *Celeste*: temperamental, fuerte y con presencia en el área contraria (FIFA, 10 jun. 2010).

El central y capitán es la torre de la última línea, aportándole orden, experiencia y mucha personalidad. Lugano es un patrón verdadero, y alrededor de la seriedad que le imprime a su juego se ordena a toda la defensa (ESPN, 26 jul. 2011).

Tenemos un señor capitán. Un corajudo y rebelde futbolista que fue forjando la incidencia entre pares gracias al ejemplo (EL PAÍS, PUBLICACION LA BIBLIA DEL MUNDIAL, 2010).

El brazalete de capitán le queda de maravillas, marcó el territorio desde el principio y pesó en el área rival... Lugano pesa; en propios y en ajenos. (OVACION DIGITAL, 08 out. 2011).

Para além de suas características futebolísticas, apontam-se a liderança e influência sobre o restante do time, a representação legitimada pelos seus companheiros do time em diferentes instâncias e as relações com diferentes atores (treinadores, dirigentes, jornalistas). Estes elementos, costumam se destacar como próprios de um “capitão como os antigos,” expectativa à qual o próprio jogador afirma querer corresponder.

Fueron varios los jugadores de la selección que explicaron cómo les hablo para calmarlos cuando estaban molestos por alguna crítica destructiva; como busco el modo de acercar a la gente a la selección; como intento

cambiar la imagen que se tenía de los jugadores celestes (LISSARDY, 2010, p. 40).

El capitán es el capitán. ¿Quién le va a decir algo mal o lo va a mirar con mala cara si algunos integrantes de este plantel ni siquiera lo tutean? (OVACION DIGITAL, 08 out. 2011).

No es fácil llevar el brazalete de capitán en este proceso. Hay que tener personalidad, don de mando, pero también respetar y ser respetado por todos... a Diego Lugano lo emociona colocarse ese brazalete amarillo. Y lo luce con orgullo, tratando de continuar con la dinastía de los grandes capitanes de la historia, aquellos que llenaron paginas y paginas de gloria. (ANUARIO OVACION, 2011).

El tema del liderazgo es algo natural, porque hay muchas cosas que no se adquieren en la farmacia. La aspiración que yo tenía era la de ser un capitán como los de antes, adaptado a los tiempos modernos” Declaraciones Lugano en (ESPECIAL OVACION CAMINO AL MUNDIAL, fev. 2014).



IMAGEM 10: Estirpe.

Extraída de: <<http://www.diegolugano.org/Noticias-565-el-legado-de-obdulio-y-nasazzi>>. Acesso em: 20 jun. 2014.



IMAGEM 11: Diego Lugano.

Extraída de: <<http://www.taringa.net/posts/deportes/13539522/Diego-Lugano-pequeno-homenaje.html>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

Em virtude dessa liderança, convicção e tenacidade para superar obstáculos, a figura de Lugano é apresentada como um modelo de comportamento socialmente desejável, sendo usado por várias empresas de publicidade que o escolhem como sua imagem alavancando seu *status* de “celebridade” (JACKSON, 2001).

Aliás, sua imagem também é usada pelo governo uruguaio para estrelar uma série de campanhas oficiais de empresas estatais, nas quais se apela, através do jogador, a promover na população a importância da coesão nacional em busca do objetivo comum, fazendo uma analogia com a principal virtude tida como diferencial deste processo de seleções⁷⁰.

Da mesma forma que acontecera com Forlán, após a obtenção da CA2011, Lugano começou a experimentar uma inatividade prolongada e baixas performances esportivas. Após ser vendido desde o Fenerbache da Turquia ao emergente Paris Saint Germain, na França, sofreu uma série de lesões, não conseguiu jogar regularmente e acabou sendo emprestado a vários clubes (Málaga, West Bromwich Albion), onde tampouco conseguiu continuidade.

Como resultado desta inatividade, o desempenho na seleção também apresenta um declínio significativo, cometendo erros defensivos pontuais que

⁷⁰ As peças podem ser conferidas em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S74LxflT3C8>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=03bJlbsuSU4>>. Acesso em: 02 out. 14.

definiram partidas e se mostrando relativamente lento e falto de coordenação para as exigências da competição, o que é apontado pela imprensa nacional.

Ha bajado notoriamente también el rendimiento de algunas individualidades...como el capitán Diego Lugano, por su poca actividad desde que pasó al París Saint Germain (OVACION DIGITAL, 11 out. 2012).

El zaguero no juega en su equipo, el París Saint Germain, y ni siquiera fue incluido en la lista para la Champions League...sin embargo asegura que está bien y que sólo piensa en la Celeste (OVACION DIGITA, 06 set. 2012).

Luego de la goleada que Argentina logró como local ante Uruguay por 3 a 0, la Selección "Charrúa" está envuelta en problemas y el Presidente de la Asociación Uruguaya de Fútbol le apuntó con todo a Diego Lugano, "Creo que más que la edad de algunos jugadores, lo más importante es que los jugadores jueguen en sus clubes. Nuestro capitán lo está sintiendo y, si él no consigue un equipo donde pueda jugar, creo que va a ser difícil que pueda seguir jugando en la Selección" (INFOBAE, 15 jul. 2012).

As críticas foram mantidas durante todo o período de crise esportiva nas EL2014, coincidentemente com a inatividade do jogador a nível clubístico.

No entanto, estes questionamentos não configuram uma vilanização, enquanto se remetem a aspetos estritamente futebolísticos. Porém, após a derrota para o Chile, como visitante, Lugano fez uma série de declarações à imprensa uruguaia que foram amplamente criticadas por jornalistas e ex-jogadores, que chegaram a questionar as suas ações como capitão e representante da equipe.

Las palabras del capitán Diego Lugano le echaron más leña al fuego. No son pocos los que creen que el capitán debió haber hablado en la intimidad del vestuario y no en forma pública, como hizo en la entrevista con Ovación. Cabe aclarar que Lugano ya le había dicho lo mismo a sus compañeros tras la derrota frente a Chile: "En esta situación nos metimos nosotros y somos nosotros los que tenemos que salir de ella. El que no se sienta fuerte como para hacerlo, es mejor que se baje" (OVACION DIGITAL, 27 mar. 2013).

El demonio ronda la celeste... El padre de Cavani destroza a Lugano: "¡capitán era Obdulio!"... el padre del goleador del Nápoles señaló: "Un capitán no debe hablar así. El capitán debe sentarse con el grupo y deben poner las cosas en su lugar y hablar en un vestuario a calzón quitado Pero no salir a boquillar a un micrófono para que algunos lo aplaudan y digan: 'ahí está el capitán'" (LA REPUBLICA, 01 abr. 2013).

Los dichos de Lugano parecen impactar en lo que ha sido decisivo en la interna de la celeste durante la gestión Tabárez: el perfil bajo, el profesionalismo y el manejo de grupo desde 2006. Uno de los primeros que salió a criticar a lugano fue nada menos que su antecesor en el capitanato, Paolo Montero: "Él tendrá sus razones. Él es, como dicen el capitán, el gran referente. No quiero comparar ni quiero generar polémica porque no me interesa, pero yo siempre fui de la idea que las cosas se determinan en el vestuario" (LA REPUBLICA, 02 abr. 2013).

El ex arquero de Peñarol y la selección uruguaya, Fernando Alvez, criticó al actual capitán del combinado Celeste, Diego Lugano. *Pensar que hubo que soportar que se dijera que esta selección era el mejor grupo en 40 años. A la primera de cambio, empezaron a mostrar la hilacha... Públicamente que pida disculpas. Un gran capitán lo arregla en el vestuario sin que nadie se entere. Ahora creo que perdió el respeto de sus compañeros* (Disponível em: <www.goal.com>. Acesso 01 abr. 2013).

Como pode se observar, as críticas sobre as declarações do Lugano, não apenas se referem às suas ações como capitão da equipe, mas colocam em dúvida a sua legitimidade com os seus companheiros, o que, por extensão, seria um indicativo de ruptura da coesão interna do grupo – o que seria apontado reiteradamente como um dos diferenciais do processo Tabárez desde o começo.

Além dos comentários jornalísticos, a censura das declarações por não se encaixar com o que se considera que deve ser a atitude de um “grande capitão”, apontado precisamente por ex-capitães da equipe nacional, é um ponto crucial na vilanização da figura de Lugano e questionam sua condição de herdeiro dos antigos heróis futebolísticos.

4.4.3 Luis Suárez: A superação das provas

Ainda considerado uma promessa emergente na CM2010, Luis Suárez se consolida na CA2011, quando é escolhido como melhor jogador do torneio e se torna logo peça fundamental do time uruguaio nas EL2014 – competição durante a qual supera Diego Forlán para se transformar no artilheiro histórico da equipe nacional.

Examinando a construção discursiva em torno da biografia de Luis Suárez, podemos ver que se apresenta como um modelo de herói de ajuste quase perfeito com as características apontadas no quadro teórico.

Uma infância desenvolvida num quadro de privações materiais e emocionais, a movimentação traumática, desde sua cidade natal até a capital do país, e uma adolescência com pouca disciplina para treinar, junto à tentação de abandonar prematuramente a carreira futebolística, são destacadas como provas emergentes para alcançar a condição de herói. A superação destas provas modera o caráter e o deixa fortalecido para se tornar herói redentor de sua comunidade de referência (CAMPBELL, 1997).

As provas superadas se apresentam como aprendizados incorporados que influenciam as ações subsequentes. As experiências durante a infância e adolescência moldam seu caráter dentro do campo. Na linha com o argumento expressado, por exemplo, para os casos de Romário (HELAL, 2003) e Maradona (ALABARCES, 1998), a origem social humilde faz emergir quase instintivamente o desejo de vencer, que seria superior àquele de atletas nascidos em realidades mais privilegiadas.

No había tenido una vida fácil Luis, era el menor de siete hermanos “eramos una familia que nunca tuvimos la posibilidad de elegir nada. Nunca tuve la posibilidad de decirle a mi madre quiero esos champions y que me los compraran a los siete años su familia se traslado a la capital a los nueve sus padres se separaron y eso le cambio el paisaje alrededor y se rebelo contra todo (LISSARDY, 2010 p 124- 127).

Suarez entro a la liga inglesa con la misma decisión con la que atajo lo que hubiese sido la última pelota del mundial para Uruguay. Con la misma con la que cambio el rumbo de su vida, cuando a los 15 años se puso como meta triunfar en el futbol. Con paciencia y, sobre todo, con empeño, Luis Suarez ha sacado cada piedra que el destino le ha puesto en el camino y hoy tiene conquistado al mundo con goles (ANUARIO OVACION, 2011).

A capacidade de superar os conflitos familiares e privações materiais experimentados na infância e adolescência, é atribuída muitas vezes a Sofia Balbi, com quem o jogador começou um relacionamento aos 15 anos de idade, o qual continua até hoje. A movimentação de Sofia com sua família para morar na Espanha seria o fator que motivou em Suárez o desejo de ter sucesso no futebol profissional para chegar à Europa. Esta história, repetida em diversos meios de comunicação e narrada pelos próprios protagonistas, introduz o elemento da musa, descrito por Campbell (1997), como uma figura que chama para a ação e, ao mesmo tempo, é o prêmio final da jornada do herói.

Fue entonces, con 16 años y jugando en tercera, cuando Sofía se fue a España, él se sintió perdido y se dijo que tenía que conseguir llegar al fútbol profesional... Todas sus ganas de llegar Europa las puso en sus pies, y empezó a patear con todas sus fuerzas, buscando el gol. Porque ese podía ser su pasaporte sellado al viejo continente, a Sofía (LISSARDY, 2010, p. 129).

Durante a CM2010, Suárez viveu o primeiro episódio que o colocaria na qualidade de herói futebolístico nacional. Na última ação do tempo extra da partida

de quartas de final contra Gana, Suárez impede o gol adversário segurando com a mão uma bola sobre a linha do gol que estava prestes a entrar na meta. Este movimento e as suas consequências para a partida permitiram não só atualizar as representações sobre a “garra charrúa”, enquanto elemento exclusivo da equipe uruguaia, como também colocou Luis Suárez como um herói, disposto a se sacrificar se necessário para favorecer a sua equipe.

As repercussões de tal ação foram diversas, enquanto a nível nacional foi classificada como um ato instintivo de altruísmo, por parte de algumas vozes da imprensa internacional foi condenada como uma violação grave do *fair play*, sendo exigidas sanções mais duras. Como aconteceria em outras ocasiões posteriormente, este ataque à figura do novo herói permite à imprensa nacional exacerbar os sentimentos nacionalistas e cerrar fileiras em sua defesa.

Venía atravesando un gran Mundial, pero necesitaba uno de esos momentos que te transforman de ser un excelente jugador, a ser un ídolo nacional... "Era la circunstancia del momento, no me quedaba otra situación y la mano de Dios la tengo yo ahora (Diario OLE, 09 jul. 2010).

Se a bola passa, acabou a Copa. É preciso um último recurso, a última chance, a cartada final. É a morrer. . É assim que Suárez foi ensinado a jogar, e por isso ele não teve dúvidas (Materia em Impedimento.org, 02 jul. 2010).

El técnico de Ghana, el serbio Milovan Rajevac, reconoció estar todavía molesto con la mano en la hora de Luis Suárez, a quien calificó como un "tramposo"... "Algunos dicen que Suárez es un héroe y ahora él está orgulloso. No es un héroe, es un vulgar tramposo. ¿Qué mano de Dios? Fue la mano del diablo... a FIFA debería cambiar las reglas después de este fraude. Los árbitros deberían cobrar el gol y no marcar un penal si alguien ataja el balón con la mano en la línea como sucedió", afirmó Rajevac (OVACION DIGITAL, 09 jul. 2010).

La reacción de la gente a veces no tiene demasiada explicación. Reitero que fue una incidencia del juego. Según Tabárez, la bola creció tanto por culpa de algunos medios de comunicación: "Ha ayudado a que pase esto cierta interpretación tendenciosa de determinada prensa europea, concretamente inglesa, que lo fomentó (OVACION DIGITAL, 11 jul. 2010).

A grande recepção popular à equipe uruguaia após a CM2010, e a ovação especial que recebeu Suárez com cânticos que lembram precisamente essa situação pontual do jogo, demonstram a importância da mesma para consolidar sua figura como um herói.

No ano de 2011, chegou ao Liverpool F. C da Premier League Inglesa, onde ao longo de três anos, atravessou uma série de situações futebolísticas e extra-

futebolísticas que transformaram Suárez em assunto constante nos jornais daquele país. Enquanto crescia a sua influência no time, Suárez se envolveu em dois incidentes específicos de grande repercussão: acusações de racismo pelo jogador francês do Manchester United, Patrice Evra, no fim de 2011; e uma mordida ao jogador sérvio do Chelsea F.C, Branislav Ivanovic, em 2012, o que lhe geraria suspensões de 8 e 10 jogos respectivamente.

Estes incidentes, juntamente com certas características de seu estilo de jogo, como as simulações, os protestos e gestualidade excessivos, transformam Suárez em um dos jogadores mais odiados em todo o mundo, sendo diretamente criticado até mesmo pelo primeiro-ministro da Inglaterra e altos funcionários da FIFA⁷¹. A magnitude dessas críticas motivaram uma defesa acirrada do jogador por parte da imprensa nacional, bem como declarações de apoio por parte de políticos e autoridades esportivas uruguaias.

Segundo site, Suárez é o jogador mais odiado do futebol mundial. Primeiro, palavras discriminatórias endereçadas a Evra, lateral do Manchester United. Depois, uma mordida desproposita no braço de Ivanovic, zagueiro do Chelsea. Tanto destempero levou Luis Suárez, do Liverpool, a faturar a eleição promovida pelo site norte-americano Bleacher Report de jogador mais odiado do futebol mundial (REVISTA PLACAR, 24 out. 2013).

Luis Suárez fue separado del plantel de Liverpool y perdió todos los apoyos en Inglaterra. Jugadores y periodistas lo acusan de ser un "futbolista tóxico", "mercenario", con "complejo de superioridad" y "un ADN propenso al engaño"...Un talento como futbolista, lamentablemente representa mucho de los rasgos más oscuros del juego: los ataques físicos y verbales sobre los contrarios, el engaño, la falta de respeto a los contratos, la avaricia y creencia de que todo gira en torno a él. Suárez es el modelo del máximo mercenario moderno llevado a un extremo horrible" (MONTEVIDEO PORTAL, 08 ago. 2010).

El presidente José "Pepe" Mujica dijo ayer que la estrella de la Celeste Luis Suárez "no es racista" y le transmitió su "solidaridad" es un pibe hijo de la pobreza que está a leguas de haber recibido una formación académica en protocolo diplomático. Es grande en una cancha de fútbol porque tiene el milagro maravilloso de ese arte y no merece esa presión mediática a la que lo han sometido... El apoyo de Mujica se suma al recibido por Suárez de sus compañeros en la selección uruguaya y del presidente de la Asociación Uruguaya de Fútbol (AUF), Sebastián Bauzá (LA REPUBLICA, 17 fev. 2012).

71

Ver: <<http://www.montevideo.com.uy/auc.aspx?198907,1,1149>>
<http://www.mundodeportivo.com/20121011/futbol/internacional/hasta-la-fifa-critica-a-luis-suarez_54352878407.html>. Acesso em: 10 set. 2014.

A defesa de suas ações por parte de figuras públicas se justifica discursivamente ao considerar que os ataques são desproporcionados e injustos, assim como a causa das características particulares de seu origem social.

Na recente Copa do Mundo Brasil 2014, Luis Suárez iria ser decisivo para a seleção nacional. Numa narrativa tipicamente heroica, após voltar mais rápido do que o esperado de uma lesão pela qual perdeu o primeiro jogo da Copa, marcou dois gols contra a Inglaterra, sendo erguido como herói nacional e até comparado nas redes sociais à figura do “pai fundador” da pátria, José Artigas.



IMAGEM 12: God Save the King.

Extraído de: <<http://www.orgullo-celeste.com/motor/wp-content/uploads/2014/06/God-Save-The-King-Su%C3%A1rez-1.jpg>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

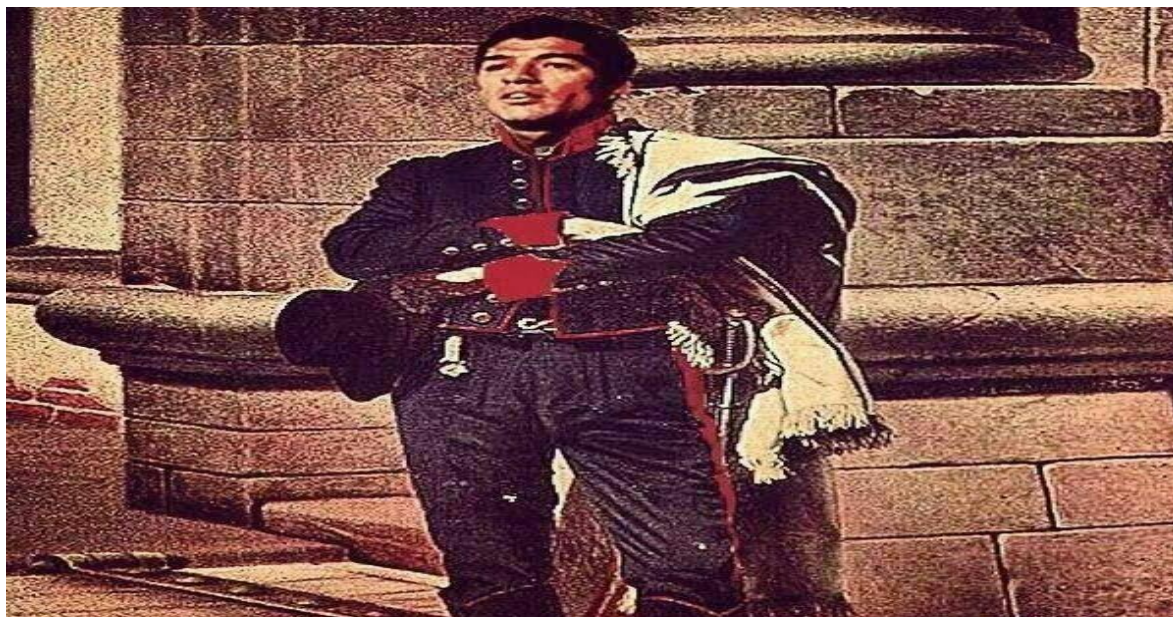


IMAGEM 13: Suarez-Artigas. Extraído de:

<<http://i.embed.ly/1/display/resize?key=1e6a1a1efdb011df84894040444cdc60&url=http%3A%2F%2Fpbs.twimg.com%2Fmedia%2FBqhhZI8CIAAtel0.jpg>>. Acesso em: 05 out. 2014.

Posteriormente, iria protagonizar mais uma polêmica ao morder no ombro o zagueiro italiano Chiellini, no jogo entre as duas equipes. Além das consequências desportivas deste fato para o selecionado, os distintos apoios e críticas recebidas após a confirmação da sanção acabariam por consolidar a figura de Suárez como herói nacional uruguaio, e vilão odiado pelo resto do mundo futebolístico.

As reações da imprensa uruguaia, alinham-se com a representação coletiva tradicional, já presente na “lenda negra” (ARRIGHI, 2012) de que o Uruguai é constantemente prejudicado de forma intencional nos torneios globais, pois não seria economicamente rentável que o país obtivesse sucessos esportivos. Neste sentido, sugere-se que o Brasil comemoraria a sanção, porque teria medo ou receio de um possível confronto com o Uruguai, segundo a autoimagem da suposta permanência latente do Maracanaço nesse país.

Se lesiona, se opera, vuelve sin miedo a una lesión más grave, corre, hace un gol, sigue corriendo, se acalambra, hace otro gol. Pero también reacciona mal, se equivoca, muerde, se mete en problemas, pide perdón y se vuelve a equivocar. Todo eso lo hace un jugador irrepetible. Por casi todo eso, los uruguayos lo adoran y están dispuestos a perdonarle esas otras cosas. Pero hay quienes solo miran esas otras cosas. Y eso Suárez no terminó de aprenderlo. (OVACION DIGITAL, 28 jun. 2014).

Dispares contra Luis Suárez....Se veía venir. La descomunal sanción de la FIFA a Luis Suárez con todo el patoterismo previo de medios de comunicación pletóricos de rencor dejaban la sensación de que había un

problema personal con el goleador uruguayo y el objetivo era su eliminación. Se salieron con la suya (OVACION DIGITAL, 28 jun. 2014).

A Luis Suárez lo condenaron los medios...Lo declararon culpable mucho antes de ver el video y la incidencia de juego. Brasil se lo sacó de arriba. Y aplauden los ingleses y los italianos. Todos contentos, y la FIFA, fiel a su costumbre, se inclina ante los poderosos (OVACION DIGITAL, 27 jun. 2014).

La tarde-noche después del triunfo de Uruguay ante Italia, el Mundial desapareció de los canales deportivos. No hubo más análisis, ni goles, ni comentarios de partidos. La premisa fue "matemos a Suárez". Campaña? ¡Seguro que sí! Y como titula Folha en su deportivo, "Los fantasmas se divierten" y allí hay una enorme foto de los uruguayos festejando tras el final del partido ante Italia. Ese es el tema. Esa es la cuestión. Hay que sacar a Suárez de la Copa, o por lo menos suspenderlo dos partidos.... Por si acaso le toca jugar con Brasil (OVACION DIGITAL, 26 jun. 2014).

Em síntese, as construções discursivas sobre Luis Suárez o colocam como um modelo de herói esportivo típico segundo a estrutura mítica descrita por Campbell (1997). Originário de uma posição sócio-econômica desfavorável e motivado por uma musa, consegue superar as várias provas que lhe são apresentadas em seu caminho (lesões, polêmicas, sanções) e, através do futebol, resgata sua comunidade de referência.

As características esportivas e anímicas que lhe são destacadas midiaticamente (imprevisibilidade, desejo constante de melhoria, insistência) podem ser pensadas como uma síntese das representações da “garra charrúa” e a “viveza criolla”, o que fazem dele uma figura central para a expressão da autoimagem futebolística nacional.

4.4.4 Oscar Tabárez: O equilíbrio do “Maestro”

Quando Oscar W. Tabárez foi nomeado treinador das equipes nacionais, em 2006, a expectativa era medida. Segundo os antecedentes, a perspectiva de uma estadia prolongada com a possibilidade de desenvolver um projeto a médio prazo, não era o comum na seleção uruguaia. No entanto, o técnico continuou à frente do processo e após a Copa do Mundo Brasil 2014 renovou seu contrato até 2018, estabelecendo um recorde de permanência no posto.

Como tentamos argumentar até aqui, ao mesmo tempo em que são atualizadas as representações coletivas tradicionais, os sucessos no período 2010-2013 são discursivamente construídos como resultado de um processo do trabalho

inovador. Grande parte desse sucesso é atribuído a características pessoais e profissionais do próprio Tabárez, que o transformaram em um modelo de comportamento socialmente desejável.

Neste sentido, as várias matérias biográficas e entrevistas, realizadas pela imprensa nacional e internacional, utilizam seu grau acadêmico de “professor” de ensino básico para inferir dele uma suposta sabedoria especial e conhecimento da gestão de grupos humanos, colocando em várias notas e fotografias aos jogadores da seleção como seus “alunos”.

Cuando con 31 año deo de jugar, se dedico por unos años solo a dar clases en escuelas... Y fue ese mismo maestro que mucho después, sería, en cierto sentido con la selección (LISSARDY, 2010, p. 324).

Maestro por donde se lo mire, porque mas allá de su condición de docente, Oscar Washington Tabaréz fue un maestro también a la hora de armar el plantel, de elegir los futbolistas y de plasmar la idea a llevar a cabo. Y sigue siendo un maestro también cuando llega la hora de planificar los partidos.. No le erro, tuvo cero falta en ese dictado del fútbol en donde la táctica y la estrategia se confunden y se hacen complejas (ANUARIO OVACION, 2011).

El mejor entrenador: Oscar Washington Tabárez. Un Maestro (de los maestros). Humildad, conocimientos, experiencia, aplomo. Un conductor que inspira respeto sagrado en sus dirigidos. Un ejemplo a seguir (ESPN 26 jul. 2011).



Imagem 14: Maestro Tabárez.

Extraída de: <<http://www.uruguayinforme.com/news/16072010/eGruposDMime.jpg>>. Acesso em: 15 set. 2014.

A racionalidade predominante no processo de seleções, com respeito ao estabelecimento de objetivos, planejamento a médio e longo prazo e ações específicas para atingí-los, são apresentados pela imprensa esportiva como uma mudança radical na metodologia de trabalho da equipe nacional, em que, até 2006, teria prevalecido a improvisação e falta de coordenação entre os diversos atores. A simbiose estabelecida discursivamente, entre os atributos destacados do processo de seleções com determinadas características pessoais (paciência, convicção, inteligência), colocaram Tabárez como o principal responsável pelo sucesso no CM2010 e a CA2011, sendo este um discurso compartilhado tanto pela imprensa nacional como pelos organismos reguladores.

Planificación, sentido común, orden y mucho trabajo para empezar....después constancia, perseverancia y convicción a pesar de las adversidades...con esas bases se construyó y levanto toda la estructura que permitió que el proceso de Tabarez en la AUF, alcanzara el cuarto puesto en Sudáfrica 2010 (EL OBSERVADOR AÑO Q VOLVIO A LATIR LA CELESTE, 2010).

Fue el triunfo de la seriedad, de un proceso, de una planificación. El maestro Tabarez resumió el espíritu mismo de esta selección. Hacedor de un grupo que tuvo su sello, en el y en su estilo, pueden resumirse, sin lugar a dudas, la excelente gestión uruguaya en el mundial. Su camino fue la recompensa (EL GRAFICO, LIBRO DE COLECCIÓN 4, 2010).

Coherencia, convicción, planificación y personalidad acompañaron a un Tabárez que, con la sabiduría de la experiencia anterior, marcó el camino. (CONMEBOL, Julho-Agosto, 2011).

Uruguay tiene hoy un equipo formado, que sabe a qué juega, una gran dosis de juventud y mucho recorrido Internacional... dirigidos por un hombre con treinta años de experiencia. Esta formación es un correlato de su sabiduría, medida y equilibrio. No sólo ha devuelto a la Selección Uruguay a un sitio de privilegio, sino que ha transformado a Uruguay en materia de selecciones nacionales a través de un gran proyecto integral. Es el gran artífice del cambio (CONMEBOL, Setembro-Outubro, 2011).

Além das considerações estritamente futebolísticas e suas virtudes na gestão de grupos humanos, apontados como sendo supostamente consequência de sua formação acadêmica, as construções discursivas internas e externas destacam os vários reconhecimentos nacionais e internacionais nas esferas culturais e políticas. Estas distinções reforçam a condição de Tabárez como modelo de comportamento exemplar.

El Gobierno uruguayo distinguió el martes al seleccionador de fútbol nacional, Oscar Washington Tabárez,... con el premio Presidencia de la República Oriental del Uruguay y lanzó su candidatura como embajador mundial del deporte por la Unesco (ESPN, 26 jul. 2011).

Entre tantos reconocimientos y elogios, Tabarez recibió uno muy especial de la Academia Nacional de Letra....La medida y corrección del entrenador celeste fue motivo de aprobaciones no solo en nuestro país..."Usted y los jugadores personificaron en ese gran escenario internacional los valores básicos de la cultura uruguaya, fruto en gran parte de la escuela pública que usted bien conoce" (EL GRAFICO LIBRO DE COLECCIÓN 4).

Porém, as capacidades técnicas e as virtudes anímicas e comportamentais destacadas nos momentos de sucesso, são duramente questionadas quando os resultados esportivos são negativos.

Como observado na seção anterior, um grupo de influentes jornalistas e *sites* de torcedores acusam Tabárez de não entender e, portanto, não respeitar a tradição do futebol uruguaio e, especificamente, a idiosincrasia do jogador nacional, tentando igualá-lo a jogadores europeus que seriam "essencialmente" diferentes. Estas críticas evidenciam a força das representações coletivas, para a construção das autoimagens hegemônicas sobre a equipe nacional e o seu jogador típico, por oposição a uma alteridade, qual seja o futebolista europeu ou do "primeiro mundo".

Apointa-se, também, a suposta teimosia de Tabárez e sua obstinação em manter certos jogadores, que não apresentariam um bom desempenho esportivo (Forlán e Lugano sendo os casos mais notórios), acusando o treinador de fazer uma renovação insuficiente da equipe, o que levaria a um estilo de jogo previsível.

Veo lo que todos ven", dijo Óscar Tabárez en la última conferencia previa al partido en Bolivia. Qué lástima que no procedió para cambiar eso que vio, porque lo doloroso es que este momento se venía anunciando. Rompía los ojos, maestro. .. Tabárez falló. Porque no fue ayer que Uruguay empezó a perder consistencia defensiva. No fue ayer que Diego Forlán dejó de ser el generador de juego que el equipo precisa. No respondió como conductor de grupo ante los problemas que visualizó. Y ahora, si no cambia, lo van a tener que cambiar (OVACION DIGITAL, 15 out. 2012).

Para além destas críticas futebolísticas, realizaram-se fortes ataques à sua integridade ética, a partir de um episódio de extorsão e um esquema de roubo de dinheiro por parte de uma antiga empregada doméstica, com a qual, soube-se algum tempo depois, o treinador mantinha um relacionamento extra-conjugal.

Mesmo sendo um episódio de carácter pessoal, sem ligações evidentes com seu trabalho, o fato de ter inicialmente mentido nos inquéritos tribunais negando o relacionamento, questionam a imagem de pulcritude moral construída sobre a figura do treinador, como é destacado em algumas notas e capas de jornais.

No se esperaba del señor Tabárez, poseedor de una amplia cultura general por su calidad de educador, una actitud como la que adoptó”, escribió el juez Homero Da Costa en el documento que ratifica la condena a su ex empleada. El magistrado criticó al entrenador por “retrasar” la investigación al no admitir su relación sentimental con la empleada (MONTEVIDEOPORTAL, 14 fev. 2014).



Imagem 15: Capa Jornal El bocón.

Extraído de: <<http://1.bp.blogspot.com/>-

5ZPSKq220Ik/Tc15vKof7ql/AAAAAADAk/BUC9Q7JbZso/s1600/bocon.png>. Acesso em: 15 abr. 2014.

Por sua vez, a figura de Oscar Tabárez também foi alvo de questionamentos na esfera política. A partir de sua pública filiação ao partido do governo (Frente Amplio), os maus resultados esportivos são apontados pelos partidos da oposição que, através de seus órgãos de comunicação partidária, questionam a capacidade de trabalho do técnico, considerando que tem uma série de elementos de apoio excepcionais e, ainda assim, não consegue atingir resultados suficientemente expressivos.

Lo de Tabárez empieza a resultar un gran engaño. El Maestro Tabárez: goza del apoyo popular, tiene respaldo del gobierno – con el que simpatiza –, dispone del apoyo de las autoridades del fútbol, tiene “buena prensa” y, hace siete años que maneja todas las selecciones, permanencia absolutamente extraordinaria en el fútbol uruguayo. Además de eso, gana una millonada por mes. Ningún otro director técnico tuvo esas ventajas y sin embargo, sus resultados son más o menos mediocres como los de sus antecesores (ARTICULO CORREO DE LOS VIERNES, 13 out. 2012).

Representa cabalmente al Uruguay de este tiempo: un país que se conforma con poco, que es cada vez menos exigente y que obtiene resultados mediocres supone que “el proceso” sobre el cual Tabárez ha hablado hasta el cansancio –autoelogiando su propia obra– estaba destinado a evitar lo que ahora lastimosamente mostramos: pocos goles, poca creación, defensa floja ¿Proceso? (ARTICULO CORREO DE LOS VIERNES, 13 out. 2012).

Resumindo esta seção, observa-se que em cada um dos membros da seleção apresentados pela mídia como heróis esportivos, destacam-se uma série de características que são colocadas como qualidades socialmente desejáveis: profissionalismo e perseverança (Forlán); liderança e garra (Lugano); rebeldia e imprevisibilidade (Suárez); sabedoria e capacidade (Tabárez).

Esses atributos são constitutivos tanto das representações coletivas apontadas como tradicionais (“garra charrúa”, mística), como também daquelas apresentadas como diferenciais positivos do presente processo de seleções (planejamento, racionalidade). Assim, a combinação destes elementos consegue transmitir discursivamente um ideal de nação através do futebol. Porém, estas virtudes são questionadas a partir de ângulos diferentes, quando os rendimentos esportivos não são os esperados, resultando numa vilanização dos heróis esportivos.

Para finalizar, gostaríamos de salientar que, de acordo com os limites temporais estabelecidos para esta dissertação, ficou fora da nossa consideração a Copa do Mundo no Brasil em 2014. Incluímos somente as matérias relativas ao incidente de Luis Suárez e sua posterior sanção, por ser um elemento importante na construção discursiva do jogador como herói esportivo nacional.

Fora deste episódio, o desempenho esportivo da seleção uruguaia foi apenas regular, sem decepcionar, mas também sem destaque. Na linha das caracterizações discursivas apontadas neste capítulo, podemos sublinhar a importância das vitórias contra Inglaterra e Itália, que ajudaram a atualizar os discursos da “garra charrúa”, a

mística de estar no Brasil e a épica de um “pequeno grande país”, que vence potências europeias de nível superior.

Além disso, a pouca participação e o baixo desempenho esportivo das figuras referentes do processo (Lugano, Forlán, Perez) reforçou mais uma vez a discussão sobre a necessidade de renovação da seleção, o que se evidenciaria na não convocação destes jogadores e na inclusão de vários futebolistas jovens para os jogos amistosos de preparação para a Copa América Chile 2015.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvido nos capítulos anteriores, procuramos atingir os objetivos gerais e específicos propostos, para assim responder a nossa pergunta de pesquisa referente a: Quais são e como são mobilizados os elementos da identidade nacional uruguaia, apontados pela imprensa esportiva uruguaia e pelos organismos reguladores, para representar a seleção do Uruguai nos recentes eventos futebolísticos globais?

Para este fim, revisamos os conceitos de identidade, entendendo-a desde uma concepção relacional, como processos individuais e coletivos de identificação-diferenciação através de sistemas simbólicos de classificação, culturalmente criados em contextos sociais específicos. A ênfase foi colocada na identidade nacional e nas suas possibilidades de surgimento e manifestação em um contexto de globalização.

Os elementos específicos identificados no futebol, que atuam como fontes de significado a partir dos quais se constroem os processos de identificação, foram abordados com base na noção de representações coletivas como elementos cognitivos e expressivos, que são dotados de certa autonomia e apresentam um caráter resistente. Também através da construção discursiva de celebridades e heróis esportivos como modelos de comportamento exemplar para uma sociedade.

Baseados nesse referencial teórico, abordamos o caso específico do Uruguai, para o qual apontamos alguns fatores históricos, demográficos e institucionais que são, a nosso juízo, constitutivos do *habitus* nacional – como a debilidade originária do sentimento nacionalista e as autoimagens de “Suíça da América”, sociedade homogênea e amortecedora. Neste sentido, apontou-se como a mitificação do negro e do índio uruguaio respondem à certa estrutura social, atuando como ações compensatórias com grupos minoritários e tradicionalmente excluídos.

Após esta contextualização, empreendeu-se a análise discursiva do período selecionado. Apontamos que, ao longo do mesmo, se repetem na imprensa esportiva algumas ideias-chave sobre a caracterização da gestão de Oscar Tabárez ser como um “processo”: concebido como um planejamento racional de caráter “integral” com todas as equipes nacionais, resultados esperados e prazos determinados – o que daria uma base diferencial sobre as gestões anteriores, marcadas pelo imediatismo e pela improvisação. A coesão do grupo de jogadores

também apareceu como uma característica excepcional nas seleções uruguaias. Os discursos da imprensa, interagindo com as próprias declarações dos jogadores, respaldam esta virtuosa coesão social interna.

A principal linha discursiva, interna e externamente, refere-se a um renascimento do futebol uruguaio na CM2010, bem como a uma consolidação na CA2011. A presença e atualização das representações coletivas ocorre no caso específico da “mística celeste” e da “garra charrúa” – atributos que aparecem repetidamente nos três eventos, tanto por parte do discurso da imprensa nacional quanto dos organismos reguladores, sendo destacados também nos testemunhos dos próprios atletas, conformando-se, assim, como *formas-representações* estendidas e resistentes.

A possibilidade de disputa da Copa do Mundo no Brasil em 2014 reviveu os discursos sobre a importância do legado histórico do Maracanã, para a construção da identidade uruguaia. O discurso promovido pela mídia uruguaia foi o de que o Brasil teria “medo” de enfrentar o Uruguai, seu pior inimigo. O devenir da competição sustentaria esta tese para vários jornalistas uruguaios, que observam na sanção a Luis Suárez uma tentativa deliberada de enfraquecer o time uruguaio face a um possível confronto com o Brasil, atualizando a histórica *lenda negra* que coloca o time Uruguaio como uma “pedra no sapato” da FIFA.

Ao contrário do que pensávamos a priori, não há referências explícitas à “viveza criolla”. Praticamente, não aparecem discursos que atualizem a oposição *arielista* inicial entre o caráter inventivo e ousado próprio do jogador Uruguaio, contra os times europeus automatizados taticamente e fortes fisicamente. Neste sentido, acreditamos que a ênfase discursiva colocada no planejamento, os projetos de trabalho racionais, junto ao destaque à mudança da imagem uruguaia – afastando-se do caráter de “time catimbado” através da obtenção dos prêmios *fair play* –, podem ser interpretados como uma tentativa de tomar distância da autoimagem histórica de “vivos criollos”, o que faz com que esta representação perca centralidade nos discursos.

Embora se encontrem críticas à seleção nos três eventos, na CM2010 e CA2011 foram marcadamente tímidas e limitadas estritamente ao campo futebolístico. As críticas cobram força na fase de maus resultados nas EL2014, quando se atacam as que foram consideradas as principais virtudes diferenciais do

processo. No auge desta escalada de críticas negativas, são apontados questionamentos à suposta coesão interna do grupo e se coloca em dúvida a liderança do capitão, assim como a competência do técnico, chegando-se a sugerir explicitamente sua substituição.

Critica-se fortemente a falta de renovação da equipe e, neste sentido, são precisamente aqueles jogadores consagrados como heróis esportivos em 2010 e 2011, os principais alvos de crítica ao não confirmar uma boa performance nas EL2014. No entanto, mesmo com críticas jornalísticas, o apoio da dirigência para o técnico, sua equipe de trabalho e os principais jogadores foi relativamente mantido em comparação ao que acontecera em países vizinhos. Talvez isto poderia ser interpretado, de acordo com a contextualização histórica realizada, como um sintoma do caráter amortecedor da sociedade uruguaia e sua aversão a mudanças bruscas.

Respondendo à pergunta de pesquisa, podemos dizer que os elementos de identidade mobilizados pela imprensa esportiva são a atualização da representação coletiva da “garra charrúa” e da “mística celeste”. Tais características são constitutivas da autoimagem nacional, às quais se adiciona uma praticamente inédita valoração ao planejamento racional e outros aspectos, que conformam um “processo” de trabalho e contribuem à profissionalização da seleção nacional.

Como todo trabalho acadêmico, a presente dissertação tem limitações, de acordo com o recorte feito e os objetivos propostos, deixando questões emergentes para possíveis futuras pesquisas.

Neste sentido, uma primeira tarefa seria aprofundar a caracterização das redes de interdependência e configurações sociais, que fundamentam os discursos analisados, investigando as relações sociais básicas por trás dos mesmos e as tentativas de exploração dos eventos em questão, por parte de diferentes atores políticos, econômicos e institucionais.

Uma hipótese a este respeito é que há efetivamente uma explícita exploração política dos eventos, mesmo não sendo tão forte como nos casos de regimes totalitários. De acordo com as fontes analisadas, a simbiose governo-seleção, a utilização dos heróis esportivos para campanhas de empresas estatais e os intuítos de utilizar o futebol como insumo para políticas públicas, bem como os

questionamentos por parte da oposição política, permitem pensar a plausibilidade de tal hipótese.

Por sua vez, segundo o raciocínio visto com Kellner (2001) e Chartier (2012), seria desejável complementar a análise do emissor com uma análise da recepção dessas mensagens midiáticas. A nossa análise focou na decodificação das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação, com base na sua interpretação a partir de um quadro de referência histórico do Uruguai, sendo os modos de recepção dessas mensagens raramente mencionados. Através de pesquisas de opinião pública ou estudos de cunho etnográfico, poder-se-ia chegar a estimar – a partir dos elementos identitários mobilizados pela imprensa – como as representações coletivas tradicionais do futebol uruguaio são internalizadas pela população nacional, assim como as possíveis consequências disso.

Finalmente, gostaríamos de reafirmar que, em consonância com a posição epistemológica adotada para esta pesquisa, nosso objetivo com este trabalho não foi apenas atender a uma exigência acadêmica, limitando o produto aqui apresentado a esse círculo restrito, mas reafirmar que aspiramos a integrar nosso trabalho ao acervo de *senso comum*, para assim poder ter um diálogo frutuoso que permita avanços na sempre necessária reflexão pública sobre a identidade nacional e o papel central do futebol na sua construção e expressão.

6 REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo; CAETANO, Gerardo (comp). **Identidad Uruguay: ¿Mito Crisis o afirmación?** Montevideo, Trilce, 1992.

ALABARCES, Pablo; RODRIGUEZ, Graciela. Fútbol y patria: La crisis de la representación de lo nacional en el fútbol argentino. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Revista Digital nº 10, Buenos Aires, 1998.

ALABARCES, Pablo. Fútbol, leonas, rugbiers y patria: El nacionalismo deportivo y las mercancías. **Revista Nueva Sociedad**. Buenos Aires Nº 148, pp. 28-42, 2013.

_____. Veinte años de Ciencias Sociales y deporte, Diez Años después. **Revista ALESDE**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 11-22, 2011.

ALBUQUERQUE, Everton de. **A mídia e o mito do Herói: analisando as matérias do caderno de esportes da folha de São Paulo a partir do caso Ronaldo (2008-2011)**. Dissertação Mestrado em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Paraná, 2013.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ARCHETTI, Eduardo. Estilo y virtudes masculinas en EL Grafico: La creación del imaginario del futbol Argentino. **Desarrollo Económico - Revista de Ciencias Sociales**. Buenos Aires, vol. 35, Nº 139, pp. 419-442, 1995.

_____. The spectacle of a heroic life: the case of Diego Maradona. *In*: JACKSON, Steven. **Sport Stars: The Cultural Politics of Sporting Celebrity**. New York: Routledge, 2001.

ARRIGHI, Pierre. Leyenda negra del fútbol uruguayo: universitarios franceses contra la celeste. *In*: OSABA, Julio et. al. **A romper la red**. Montevideu, Cuadernos de História Nº8, Biblioteca Nacional, 2012.

BAIRNER, Alan. **Sport, nationalism, and globalization: European and North American perspectives**. Albany: State University of New York Press, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análisis de Contenido**. Madrid: AKAL Universitaria, 1996.

BARRAN, José Pedro. El Uruguay de la modernización (1870-1933). *In*: **Uruguay Sociedad, Política y Cultura. De la restauración democrática a la integración regional**. Montevideu, Colección Extremaamérica, Cexeci, 1998.

BARTHOLO, Tiago; SOARES, Antonio. Mané Garrincha como Síntese da Identidade do Futebol Brasileiro. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 15, n. 01, p. 169-191, 2009.

BASTHI, Angelica: **Pele: estrela negra em campos verdes**, Rio de Janeiro,

Garamond, 2008.

BAYCE, Rafael. El sinuoso proceso de construcción de la identidad nacional y futbolística. *In: OSABA, Julio. A romper la red*. Montevideu, Cuadernos de História Nº14, Biblioteca Nacional, 2014.

_____. Cultura, identidades, subjetividades y estereotipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo. *In: ALABARCES, Pablo. Futbolologias, Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires, CLACSO, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói das mil faces**. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 1997.

CAPRARO, André. **Identidades Imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira**, Tese Doutorado em História, Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A era da Informação: Economia Sociedade e Cultura, Volume II: O poder da Identidade**. Lisboa: Fundação Caluste Gulbekian, 2003.

CASTRO, Cláudio Moura. Memórias de um orientador de tese. *In: NUNES, Edson Oliveira de. A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Algés: Editora DIFEL, 2002.

CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Baurú: Eudusc, 1999.

DA MATTA, Roberto et. al. **Universo do futebol. Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakothèque, 1982.

DAMO, Arlei. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação de mestrado, Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 1998.

DESLAUREIS, Jean-Pierre; KERISIT, Michele. O delineamento de pesquisa qualitativa. *In: VVAA. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DIJK, Teun Vaun. **Text and Context: Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse**. Londres: Longman, 1992.

DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. Lisboa: Presença, 1989.

_____. **Sociologia e Filosofia**. Madrid: Miño y Davila, 2000.

_____. **Las formas elementares de la vida religiosa**. México: Colofón, 2008.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. **Os alemães**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Estabelecidos e Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FACCIO, Florencia. El fútbol como espacio de producción de identidad: Acerca de la Garra Charrúa ponencia presentada. *In: las IV Jornadas de Investigación Científica*, Montevideu FCS, 2006.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GALEANO, Eduardo. **O Futebol ao sol e a sombra**. São Paulo: L&PM Pocket, 2004.

GASTALDO, Edison **CRÔNICAS DA PÁTRIA AMADA: FUTEBOL E IDENTIDADES BRASILEIRAS NA IMPRENSA ESPORTIVA** *Revista ANTROPOLÍTICA* Niterói, n. 19, p. 147-163, 2. sem. 2005

GLASER, Barney e STRAUSS, Anselm. **The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research** New York: Aldine de Gruyter 1967.

GONCALVEZ, Gabriel: **A representação de celebridades em campanhas publicitarias. Estudo de caso Neymar o garoto-propaganda do Brasil** Monografia conclusão de curso Comunicação Social, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2012

GUEDES, Simone. **O Brasil no campo de futebol. Estudos Antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: Eduff, 1998.

_____. De criollos e capoeiras notas sobre futebol e identidade nacional na argentina e no Brasil. **XXVI Encontro nacional da ANPOCS**, Caxambú, 2002.

GUIGOU, Nicolás. Etnicidad y laicismo en Uruguay. *In: RITA, María Clara. Un Paese che cambia: saggi antropologici sull'Uruguay tra memoria e attualità*. Roma: CISU, 2010.

_____. Uruguay y América Latina: Identidades, contrastes y proyecciones. *In: Ari ORO. América Latina: Identidade e Representações em 5 Países*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

GRAÑA, François. Fútbol y Mitos inútiles: La garra charrúa nunca sirvió para nada. *Revista Insomnia*. Montevideo, nº 36, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma; la identidad deteriorada**. Buenos Aires: Amorrurtu editores, 1989.

HALL, Stuart. Quem necessita identidade? *In*: SILVA et. al: **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na posmodernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELAL, Ronaldo: As idealizações de sucesso no imaginário futebolístico brasileiro: um estudo de caso em ALABARCÉS, Pablo. **Peligro de Gol**; Buenos Aires, CLACSO, 2000.

_____. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. *In*: ALABARCÉS, Pablo. **Futbologias, Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

HELAL Ronaldo; DO CABO, Álvaro. Futebol e Identidade Nacional: imprensa uruguaia e realização do Mundial de 1930. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo v. 12, p. 126-136, 2010.

HOBBSAWN, Eric. **Naciones y Nacionalismos desde 1780**. Barcelona: Ed. Critica, 1991.

INE-FCS. Atlas sociodemográfico y de la desigualdad del Uruguay Fascículo 2 **La población afro-uruguaya en el Censo 2011**.Montevideu, Trilce, 2013.

JACKSON, Steven. **Sport Stars: The Cultural Politics of Sporting Celebrity**. New York: Routledge, 2001.

JODELET, Denise. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. *In*: Moscovici, Serge (comp.). **Psicología Social II. Pensamiento y vida social. Psicología social y problemas sociales**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1986.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

LISSARDY, Ana María. **Vamos que vamos: Un equipo, un país**. Montevideo: Santillana, 2010.

MAC MILLAN, Katie. More Than Just Coding? Evaluating CAQDAS in a Discourse Analysis of News Texts. Revista **FORUM: QUALITATIVE SOCIAL RESEARCH**, Berlín, Volume 6, No. 3, 2005.

MANCUSO, Radames: **Obdulio, el ultimo capitán**. Montevideo: Imprenta Panamericana, 1973.

MARCHI JR, Wanderley; AFONSO, Gilmar: Globalização e esporte, apontes introdutórios para um debate. *In*: RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol e globalização**. São Paulo: Fontoura, 2007.

MEAD, George. **Espíritu, persona y sociedad**. Barcelona: Paidos, 1982.

METHOL FERRE, Alberto. **El Uruguay como problema**. Montevideo: Editorial Dialogo, 1967.

MIRANDA, Liana; PIRES, Giovanni. Reconstruindo a imagem/identidade da seleção brasileira de futebol: a "era Pos-dunga" na mídia. **Revista ALESDE**. Curitiba, v. 2, n. 1, p. 17-34, 2012.

MORALES, Andrés. **Futbol, Identidad y Poder 1916-1930**. Montevideo: Editorial Fin de Siglo, 2013.

_____. Futbol, política y sociedad. Las relaciones entre el poder político y el fútbol. *In: el Uruguay* **Revista Digital Efdeportes**, Buenos Aires, N°64, 2003.

MORALES, Franklin. **Futbol: Mito y Realidad**. Montevideo: Colección Nuestra Tierra N°22, 1969.

MOSCOVICI, Serge. **El Psicoanálisis, su imagen y su público**. Buenos Aires: Ed. Huemul, 1979.

OLIVEIRA, Marcio de. O Conceito de Representações Coletivas: uma trajetória da Divisão do Trabalho às Formas Elementares. **Revista Debates**. Porto Alegre, N°22, os 67-94, 2012.

OSABA, Julio. Más allá de la garra. El estilo del futbol uruguayo a través de El Gráfico y Nilo J. Suburú. *In: OSABA, Julio et.al. A romper la red*. Montevideo, Cuadernos de História N°8, Biblioteca Nacional, 2012.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomía de una derrota**. São Paulo: L&PM, 1986.

PELÉ, Edson Arantes do Nascimento: **Pelé, A autobiografia**, Rio De Janeiro, Sextante, 2006

PELLEGRINO, Adela: **La Población en Uruguay: Breve Caracterización demográfica**, Montevideo, UNFPA, 2010.

PI HUGARTE, Renzo. La cultura popular en Uruguay. *In: Uruguay Sociedad, Política y Cultura. De la restauración democrática a la integración regional*, Montevideo, Colección Extremaamérica Cexeci, 1998.

PNUD. Situación socioeconómica y mapa político y de liderazgo de la población afrodescendiente del Uruguay, **Programa de naciones Unidas para el Desarrollo**, Ciudad de Panamá, PNUD, 2013.

PORZECKANSKI, Teresa. Uruguay a fines del SXX: Mitologías de ausencia y de presencia. *In: ACHUGAR, Hugo; CAETANO, Gerardo (comp). Identidad Uruguaya: ¿Mito Crisis o afirmación?* Montevideo: Trilce, 1992.

REAL DE AZUA, Carlos. **Uruguay: ¿Una sociedad amortiguadora?** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1973.

_____. **Los orígenes de la nacionalidad Uruguaya**. Montevideo: Arca Editorial, 1991.

ROCHA, Décio e DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, Dec. 2005

RODÓ, Jose Enrique. **Ariel**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1966.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol e globalização**. São Paulo: Fontoura, 2007.

RUBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SAN ROMÁN, Gustavo. La garra charrúa: fútbol, indios e identidad en el Uruguay contemporáneo. *In: Bulletin Hispanique*. Bourdeaux, Tome 107, N°2, 2005. pp. 633-655.

SANTOS, Boaventura Souza de. Ciência e senso comum. *In: Introdução a uma ciência pós-moderna*. São Paulo: Graal, 2003.

SMITH, Anthony **La identidad nacional**. Madrid: Trama, 1997.

SOARES, Antonio et al. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Lisboa, N° 3, 2003.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e mascaras**. São Paulo: Edusp, 1999.

SUBURÚ, Nilo. **Fútbol uruguayo y fútbol moderno**. Canelones: Talleres Gráficos La Razón, 1959.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional**. Tese Doutorado em Antropologia. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.

VAZQUEZ FRANCO, Guillermo. **La história y sus mitos**. Montevideo: Cal y Canto, 1994.

VERDESIO, Gustavo. Un fantasma recorre Uruguay. **La Diaria**, Montevideo, Outubro, 2013.

VIDART, Daniel. Hay charrúas en Uruguay? **Revista Lento**. Montevideo, N° 16, 2013.

_____. **La trama de la identidad nacional**. Montevideo: Banda Oriental, 1997.

VILLENA, Sergio. Imaginando la nación a través del fútbol: el discurso de la prensa costarricense sobre la hazaña mundialista de Italia '90. *In*: ALABARCES, Pablo **Peligro de Gol**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

WRIGHT MILLS, Charles: **A Imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

Fontes Consultadas:

Anuario Ovacion 2010. Montevideo, El País, 2010.

Anuario Ovación 2011. Montevideo, El País, 2011.

Arquivo Ovacion Digital. Disponível em: <www.historico.ovacion.com.uy>. Acesso em: 11 nov. 2014.

Arquivo EL PAIS. Disponível em: <<http://historico.elpais.com.uy>>. Acesso em 06 Oct 2014:

Arquivo FIFA. Disponível em: <www.fifa.com/ES>. Acesso em 03 mai 2014:

Especial Ovación Camino al Mundial, Montevideo, El País, 2014.

El año que volvió a latir la celeste. Montevideo, El Observador, 2010.

La Biblia del Mundial. Montevideo, El País, 2010.

Libro de Colección: Uruguay en los Mundiales Nº2. Montevideo, Revista El Grafico, 2010.

Libro de Colección: Uruguay en los Mundiales Nº4. Montevideo, Revista El Grafico, 2010.

Revista Conmebol. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/es/revista>>. Acesso em 15 Feb 2014.